

PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO

Exportações, Importações Mundiais e Inserção Brasileira

2008/2009

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Secretaria de Relações Internacionais de Agronegócio

PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO

Exportações, Importações Mundiais e Inserção Brasileira

Missão
Mapa

*Promover o desenvolvimento sustentável e
a competitividade do agronegócio
em benefício da sociedade brasileira.*

Brasília / DF
2008

© 2008 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é do autor.

Tiragem: 4.000 exemplares

1ª edição. Ano 2008

Elaboração, distribuição, informações:

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio

Departamento de Promoção Internacional do Agronegócio

Coordenação-Geral de Organização para Exportação

Esplanada dos Ministérios, Bloco D, 3º andar, sala 333

CEP: 70043-900 Brasília – DF

Tel.: (61) 3218-2942 2316

Fax: (61) 3225-4738

www.agricultura.gov.br

E-mail: cgoe@agricultura.gov.br

Central de Relacionamento: 0800-7041995

Coordenação Editorial: Assessoria de Comunicação Social

EQUIPE TÉCNICA (Mapa):

Aline Gomes de Almeida; Eduardo Sampaio Marques; Eliezer de Lima Lopes;

Fernando Augusto Pimenta Kreismann; Gastão Giometti; Mariana Marques Nonato

Catálogo na Fonte
Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Produtos do agronegócio: exportações, importações mundiais e inserção brasileira / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Departamento de promoção internacional dentro do agronegócio. – Brasília : Mapa/ACS, 2008.

136 p. ; 28 cm.

ISBN 978-85-99851-52-4

1. Agronegócio 2. Exportação. 3. Importação. I. Departamento de promoção internacional dentro do agronegócio. II. Título. III. Título: exportações, importações mundiais e inserção brasileira.

AGRI E71
CDU 339.56

Sumário

Introdução.....	04
Açúcar.....	12
Álcool.....	20
Café.....	26
Carne Bovina	38
Carne de Frango	48
Carne de Peru	58
Carne Suína.....	68
Lácteos	78
Milho	94
Rações.....	104
Soja	116
Suco de Laranja.....	130

INTRODUÇÃO

1. Introdução

O Brasil já estava inserido no comércio internacional desde o século XVI com a venda de Pau-Brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.) para a coloração de tecidos na Europa. Após esta fase, seguiram-se os ciclos de cana-de-açúcar, do ouro e do café.

A industrialização propiciou a implantação de um segmento de agronegócios que transforma os produtos do campo, agregando valor, e gera inúmeros negócios nas áreas de serviços. A produção agrícola e o parque industrial ligado ao setor primário, não só conseguem atender a demanda por alimento da população, como também, são capazes de gerar um

excedente que é exportado para outros países. Essas vendas posicionam o país como o terceiro maior exportador agrícola mundial, atrás da União Europeia e dos Estados Unidos.

Essa posição de destaque no comércio agrícola mundial pode ser melhorada em função da disponibilidade de terras para ampliação da produção de alimentos e biocombustíveis. Esta publicação apresenta uma análise da atual participação brasileira no comércio exterior de diversos produtos do agronegócio, a saber:

- » açúcar em bruto e refinado (SH* 170111 + 170199);
- » álcool etílico (SH 220710 + 220720);
- » café verde (SH 090121+090112), café torrado (SH 090121+090122) e café solúvel (SH 210111);
- » carne bovina *in natura* (SH 0201+ 0202) e carne bovina industrializada (SH 160250);
- » carne de frango *in natura* (SH 020711 + 020712 + 020713 + 020714) e carne de frango industrializada (SH 160232);
- » carne de peru *in natura* (SH 020724 + 020725 + 020726 + 020727) e carne de peru industrializada (SH 160250);

- » carne suína *in natura* (SH 0203) e carne suína industrializada (SH 160241+160242+160249);
- » leite em pó (SH 040210 + 040221+ 040229), leite condensado (SH 040299) e queijos (SH 0406);
- » milho (SH 100590);
- » alimento para cães e gatos (SH 230910) e outras preparações para animais (SH 230990);
- » soja em grãos (SH 1201), farelo de soja (SH 120810 e 230400) e óleo de soja (SH 150710 e 150790);
- » suco de laranja (SH 200911 + 200912 + 200912).

Crescimento da Quantidade Comercializada Internacionalmente

Dentre os produtos analisados os que tiveram maior aumento no comércio internacional no período de 2003/2007 foram o álcool etílico e as carnes de frango industrializadas, com crescimento respectivo de 30,4% e 20,7%.

Os demais produtos tiveram crescimento da quantidade comercializada inferior a 10%, com destaque para o

café torrado (+9,8%), o suco de laranja (+7,5%) e outras preparações para animais (+6,5%).

Em seis produtos a quantidade comercializada apresentou redução. É o caso dos seguintes produtos: carne bovina *in natura* (-0,2%); açúcar em bruto e refinado (-1,4%); leite em pó (-1,5%); café solúvel (-1,5%); leite condensado (-10,3%); e carne de peru (-34,6%).

* Esta publicação utiliza os códigos do Sistema Harmonizado (SH) para classificação dos produtos. O Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias, estabelecido pela Organização Mundial de Aduanas em 1988, é uma classificação internacional de produtos para as tarifas aduaneiras e as estatísticas comerciais. A classificação de produtos do SH se divide em seções, capítulos, partidas e, em sua versão mais detalhada, subpartidas, que são códigos de 6 dígitos.

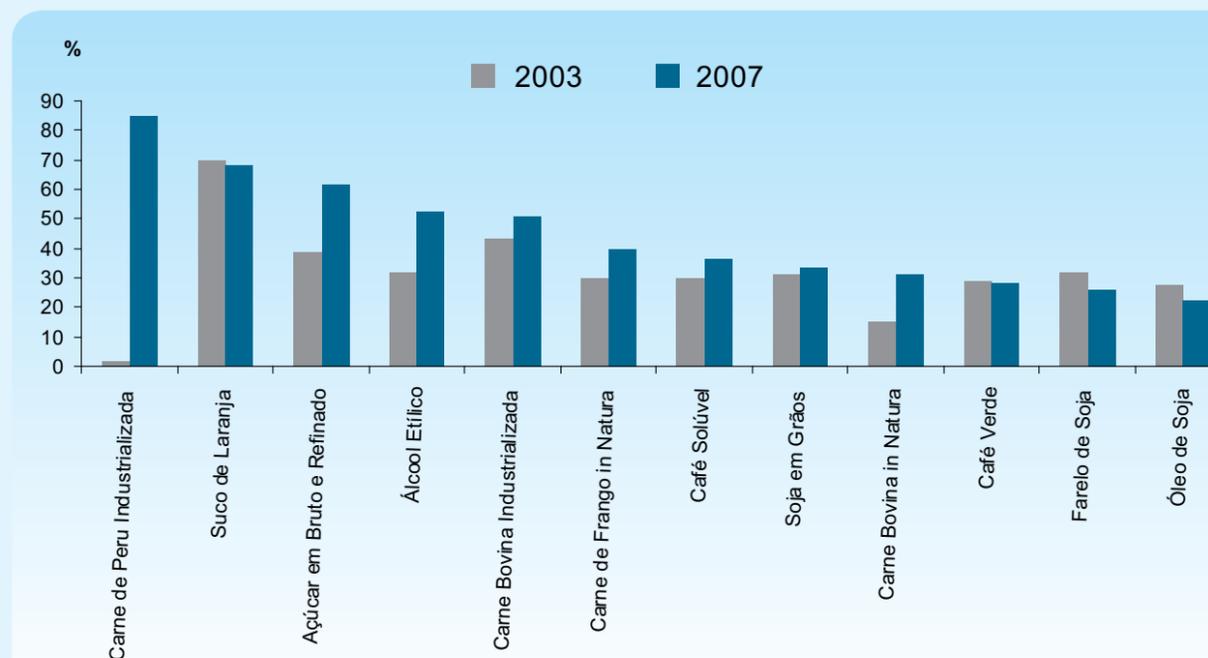
Participação Brasileira

A expansão das vendas brasileiras foi, na maioria dos produtos, superior ao aumento da quantidade comercializada internacionalmente entre os anos de 2003 e 2007. Dessa forma, nesses últimos cinco anos, o Brasil aumentou sua participação no comércio da maioria dos produtos analisados.

O maior aumento de participação ocorreu na carne de peru industrializada. Produto em que o Brasil partiu de 1,5% da quantidade comercializada em 2003 e

alcançou 84,6% em 2007. Em outros produtos a elevação de *market share* também foi relevante: açúcar em bruto e refinado, mais 22,9 pontos percentuais (de 38,9% em 2003 para 61,8% em 2007); álcool etílico, mais 20,7 pontos percentuais (de 32,0% para 52,7%); carne bovina *in natura*, mais 16,1 pontos percentuais (de 14,8% para 30,9%); e carne de peru *in natura*, mais 12,9 pontos percentuais (de 4,9% para 17,8%).

Gráfico 1.1 - Participação Brasileira no Comércio Mundial - Produtos Analisados



Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC / Elaboração: SRI/Mapa

Em cinco produtos a participação brasileira suplanta 50% da quantidade comercializada internacionalmente, como: carne de peru industrializada (84,6%); suco de laranja (67,8%); açúcar em bruto e refinado (61,8%); álcool etílico (52,7%); carne bovina industrializada (50,9%).

Essa alta participação dos produtos acima é menor nos outros produtos analisados. Nos queijos, por exemplo, o Brasil participou com 0,5% da quantidade

comercializada. Tal indicador aumenta para 1,8% no comércio de leite em pó e 16,3% no comércio de leite condensado. Outro setor com participação reduzida na comparação entre os produtos é o de rações, 1,2% nos alimentos para cães e gatos e 2,45% em outras preparações. Não obstante alguns dos produtos acima explicitados possuam participação não muito superior a 1%, convém lembrar que a participação brasileira no comércio mundial de bens foi de 1,6% em 2006, excluindo-se o comércio intra - União Europeia.

Em vinte produtos a participação brasileira aumentou, porém, em quatro dos produtos analisados a participação brasileira retrocedeu entre 2003 a 2007: café torrado (de 4,0% em 2003 para 2,7% em 2007);

farelo de soja (31,9% em 2003 para 25,7% em 2007); alimentos para cães e gatos (1,3% em 2003 para 1,2% em 2007); e suco de laranja (69,7% em 2003 para 67,8% em 2007).

Preço dos Produtos

Os preços médios anuais de exportação dos produtos analisados nessa publicação subiram entre os anos de 2003 e 2007. A única exceção ficou com o preço do álcool etílico, que decresceu 0,4% ao ano no período.

O principal aumento foi da carne de peru *in natura*, com elevação média anual de 63,9%. Os produtos lácteos e o café também registraram aumentos expressivos no período, conforme tabela abaixo.

Tabela 1.1

Variação Média Anual dos Preços dos Produtos Analisados entre 2003 e 2007 (em %)	
Carne de Peru <i>in natura</i>	63,9
Café Verde	17,9
Leite em Pó (inclui Creme de Leite em Pó)	16,2
Café Torrado	13,4
Leite Condensado	13,2
Café Solúvel	12,7
Milho	11,6
Carne Bovina Industrializada	10,4
Açúcar em Bruto e Refinado	9,8
Carne Bovina <i>in natura</i>	9,7
Carne de Frango <i>in natura</i>	9,7
Alimento para Cães e Gatos	8,9
Óleo de Soja	8,5
Suco de Laranja	8,0
Carne Suína <i>in natura</i>	7,8
Queijos	7,5
Soja em Grãos	7,2
Carne Suína Industrializada	6,9
Outras Preparações para Animais	6,4
Carne de Peru Industrializada	6,0
Farelo de Soja	4,9
Carne de Frango Industrializada	0,3
Álcool Etilico	- 0,4

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa

A elevação dos preços conjuntamente com a elevação da quantidade exportada pelo Brasil, na maioria dos produtos, possibilitou uma grande ampliação

do valor exportado. Em 2003, as exportações dos produtos analisados ficaram em US\$ 17,6 bilhões, chegando a US\$ 38,4 bilhões em 2007.

Tabela 1.2

Valor das Exportações Brasileiras dos Produtos Analisados em 2003 e 2007			
Nome do Produto	Exportações 2003 (em US\$ 1000)	Exportações 2007 (em US\$ 1000)	Δ%
Carne de Peru Industrializada	1.912	249.941	12975,0
Suco de Laranja	1.192.980	2.251.790	88,8
Açúcar em Bruto e Refinado	2.140.002	5.100.437	138,3
Álcool Etilico	158.016	1.477.685	835,1
Carne Bovina Industrializada	338.344	693.992	105,1
Carne de Frango <i>in natura</i>	1.709.744	4.217.467	146,7
Café Solúvel	229.098	482.038	110,4
Soja em Grãos	4.290.443	6.709.381	56,4
Carne Bovina <i>in natura</i>	1.154.510	3.485.726	201,9
Café Verde	1.302.747	5.118.303	292,9
Farelo de Soja	2.602.521	2.958.778	13,7
Óleo de Soja	1.232.550	1.719.710	39,5
Carne de Frango Industrializada	89.209	402.150	350,8
Carne de Peru <i>in natura</i>	152.316	140.348	-7,9
Carne Suína <i>in natura</i>	526.576	1.162.045	120,7
Leite Condensado	25.511	41.361	62,1
Milho	369.623	1.882.114	409,2
Carne Suína Industrializada	4.303	15.060	250,0
Café Torrado	12.876	26.702	107,4
Outras Preparações para Animais	19.410	85.188	338,9
Leite em Pó (inclui Creme de Leite em Pó)	10.351	181.626	1654,7
Alimento para Cães e Gatos	13.821	19.012	338,9
Queijos	6.800	25.724	278,3
Total	17.583.663	38.446.578	118,6

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa

Tabela 1.3

Crescimento Percentual do Comércio Internacional e Brasileiro de Produtos do Agronegócio em Valor, Quantidade e Preço								
SH	Descrição	Cresc.% Méd. Imp. Mundial (2003-2007)			Cresc.% Méd. Exp. Brasileiras (2003-2007)			Maket Share Brasileiro no SH (%)
		Valor	Quant.	Preço	Valor	Quant.	Preço	
170111 + 170199	Açúcar em Bruto e Refinado	8,3	-1,4	9,8	24,3	10,7	12,3	61,8
220710 + 220720	Álcool Etílico	29,9	30,4	-0,4	74,9	47,7	18,4	52,7
090111 + 090112	Café Verde	19,3	1,2	17,9	26,9	2,1	24,3	29,1
090121 + 090122	Café Torrado	24,5	9,8	13,4	20,0	0,1	19,9	2,7
210111	Café Solúvel	11,0	-1,5	12,7	20,4	3,4	16,4	36,2
0201 + 0202	Carne Bovina <i>in natura</i>	9,5	-0,2	9,7	31,8	20,0	9,8	30,9
160250	Carne Bovina Industrializada	13,4	2,7	10,4	19,7	6,8	12,1	50,9
020711 + 020712 + 020713 + 020714	Carne de Frango <i>in natura</i>	14,2	4,1	9,7	25,3	11,8	12,1	39,9
160232	Carne de Frango Industrializada	21,1	20,7	0,3	45,7	42,4	2,3	20,2
020724 + 020725 + 020726 + 020727	Carne de Peru <i>in natura</i>	7,2	-34,6	63,9	-2,0	-6,6	4,9	17,8
160231	Carne de Peru Industrializada	12,3	5,9	6,0	238,2	190,7	16,3	84,6
203	Carne Suína <i>in natura</i>	12,4	4,3	7,8	21,9	4,8	16,3	16,7
160241 + 160242 + 160249	Carne Suína Industrializada	11,6	4,4	6,9	36,8	18,6	15,3	2,8
040210 + 040221 + 040229	Leite em Pó (inclui Creme de Leite em Pó)	14,5	-1,5	16,2	104,7	68,0	21,8	1,8



Crescimento Percentual do Comércio Internacional e Brasileiro de Produtos do Agronegócio em Valor, Quantidade e Preço								
SH	Descrição	Cresc.% Méd. Imp. Mundial (2003-2007)			Cresc.% Méd. Exp. Brasileiras (2003-2007)			Maket Share Brasileiro no SH (%)
		Valor	Quant.	Preço	Valor	Quant.	Preço	
40299	Leite Condensado	1,5	-10,3	13,2	12,8	-1,7	14,8	16,3
406	Queijos	12,4	4,6	7,5	39,5	24,2	12,3	0,5
100590	Milho	16,0	3,9	11,6	50,2	32,3	13,5	11,9
1201	Soja em Grãos	10,3	2,9	7,2	11,8	4,5	7,0	33,2
120810 + 230400	Farelo de Soja	8,4	3,3	4,9	3,3	-2,1	5,5	25,7
150710 + 150790	Óleo de Soja	12,7	3,9	8,5	11,8	4,5	7,0	22,4
230910	Alimento para Cães e Gatos	14,0	4,7	8,9	8,3	2,6	5,6	1,2
230990	Outras Preparações para Animais	13,3	6,5	6,4	44,7	30,4	11,0	2,4
200911 + 200912 + 200912	Suco de Laranja	16,1	7,5	8,0	17,2	6,8	9,7	67,8

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa



AÇÚCAR

2. Açúcar

A produção mundial de cana-de-açúcar atingiu a marca de 1.556 milhões de toneladas em 2007. Uma expansão de 503 milhões de toneladas entre 1990 e 2007, com crescimento médio de 2,3% ao ano.

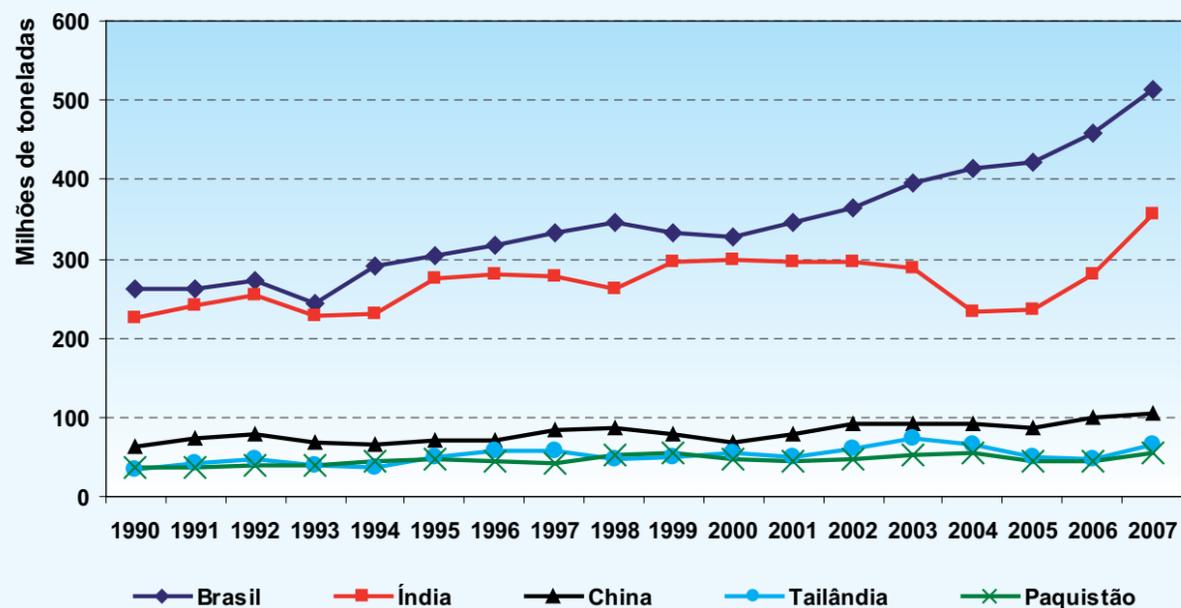
O Brasil aumentou a sua produção de cana de açúcar destinada à indústria sucroalcooleira num ritmo superior ao mundial (+4,0% ao ano), elevando a sua participação relativa na oferta global de 24,9% para 33,0%. O crescimento da produção doméstica, seja pelos novos investimentos ou pela modernização de métodos de produção, elevou a oferta do produto de 262 milhões de toneladas de 1990 para 514 milhões de toneladas em 2007. As 251 milhões de toneladas que se somaram à produção nacional representaram quase a duplicação da oferta doméstica. Pode-se dizer que o aumento da produção brasileira foi responsável por 50% do crescimento da oferta mundial no período em análise.

A expansão da produção doméstica de cana-de-açúcar ocorreu em função da elevação de produtividade da cana-de-açúcar no campo, que passou de 61,5 toneladas por hectare em 1990 para 79,0 toneladas por hectare em 2007, ou 28%, e do aumento da área plantada.

Dessa produção de mais de 500 milhões de toneladas em 2007 cerca de 230 milhões de toneladas foram destinadas à produção de açúcar, segundo a CONAB, ou aproximadamente 46% da produção total. O restante foi destinado à produção de álcool (54%)¹. As 230 milhões de toneladas moídas produziram 31,2 milhões de toneladas de açúcar, com utilização média de 7,3 toneladas de cana-de-açúcar para a produção de uma tonelada de açúcar.

Gráfico 2.1

Principais produtores mundiais de cana-de-açúcar (1990 - 2007)

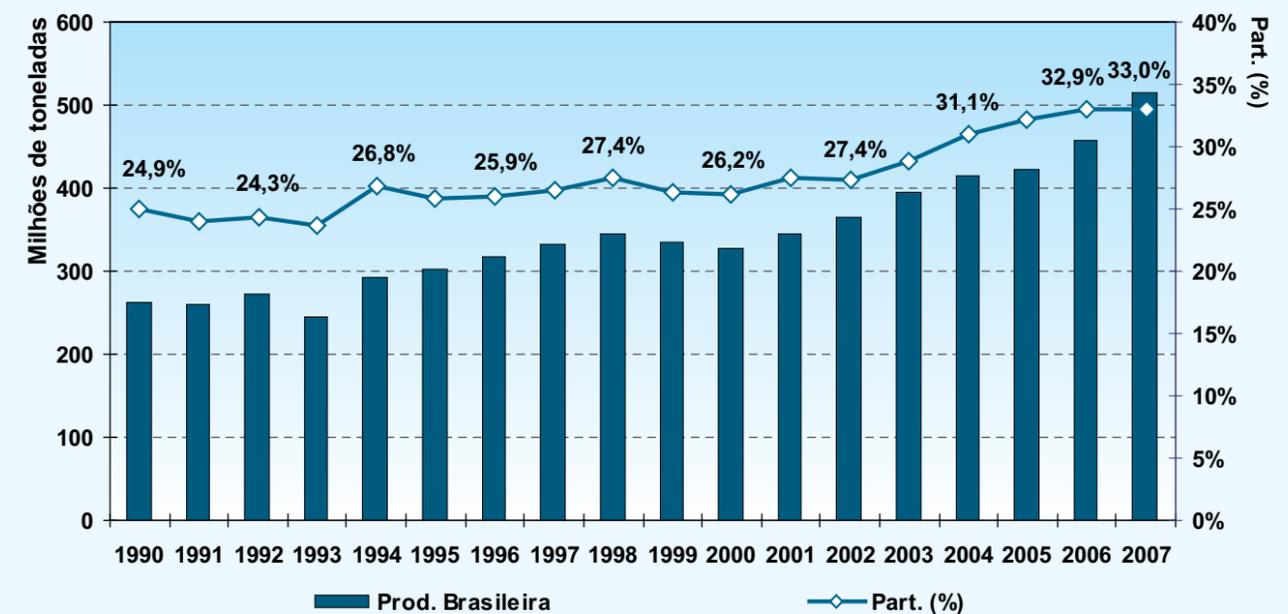


Fonte: FAO/ ProdStat

¹A safra de cana-de-açúcar

Gráfico 2.2

Produção brasileira de cana-de-açúcar e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

2.1. Cotação do Açúcar

A cotação de açúcar atingiu um recorde histórico no ano de 2006, principalmente em função da redução na produção das safras indianas de 2004 e 2005, país que é o segundo maior produtor de cana-de-açúcar, com participação de quase 23% na produção mundial. A Índia exportava quase 1 milhão de toneladas de açúcar (SH 170111 + 170199)² em 2003, reduzindo suas vendas do produto para aproximadamente 0,1 e 0,2 milhão de toneladas em 2004 e 2005, respectivamente. Ademais, as importações indianas de açúcar em bruto, que eram reduzidas em 2002, passaram a 0,9 milhão de toneladas em 2004 e 0,5 milhão de toneladas em 2005. Somente em 2006 as importações voltaram a patamares insignificantes, enquanto as exportações, principalmente de açúcar refinado, retomaram a patamares elevados, chegando a 1,2 milhão de toneladas em 2006.

Entre janeiro de 2004 e fevereiro de 2006, a cotação subiu de US\$ 128,1 por tonelada para US\$ 397,7. Essa elevação representou um aumento de 210,5%. Porém, após a recuperação da produção indiana para o patamar de 300 milhões de toneladas de cana de açúcar, as cotações recuaram até atingir um valor próximo de US\$ 200 por tonelada.

O gráfico a seguir contém os preços internacionais do açúcar de cana. Nele pode-se perceber a grande oscilação das cotações ao longo do tempo. Para se ter uma noção, a cotação média do período analisado (01/1990 a 06/2008) foi de US\$ 219 por tonelada, com uma variância de 3.449 ou um desvio padrão de 58,74.

²SH 1701.11 – Açúcar de Cana, em bruto e SH 1701.99 – Outros Açúcares de Cana, Beterraba, Sacarose, Quím. Pura, Sol.

Gráfico 2.3

Preços Internacionais do Açúcar (US\$/t)



Fonte: Banco Mundial

2.2. Exportações Brasileiras

O comércio mundial de açúcar sofreu redução nesses últimos cinco anos, passando de 33,2 milhões de toneladas para 31,3. Trata-se de uma queda média anual de 1% na quantidade comercializada internacionalmente.

Da produção brasileira de quase 32 milhões de toneladas, o consumo doméstico no Brasil é relevante, com absorção de quase 40% de toda a produção (11 milhões de toneladas). Assim, da produção total brasileira, foram exportadas 19,4 milhões de toneladas.

Embora o comércio mundial tenha se reduzido, conforme já mencionado, as exportações brasileiras subiram de 12,9 milhões de toneladas em 2003 para 19,4 milhões em 2007. Uma taxa de crescimento de média anual de 10,6% nos últimos cinco anos. Com esse ritmo de expansão, as vendas brasileiras de açúcar atingiram 61,8% de participação no comércio mundial do produto.

O principal país importador do açúcar brasileiro em 2007 foi a Rússia, com 4,2 milhões de toneladas. A concentração das exportações para a Rússia foi reduzido de 34,0% em 2003 para 21,7% em 2007. As vendas brasileiras foram também elevadas para os seguintes países, em ordem decrescente de importância: Emirados Árabes Unidos (1,3 milhão de toneladas); Irã (1,1 milhão de toneladas); Nigéria (1,1 milhão de toneladas); Arábia Saudita (1,1 milhão de toneladas). Os cinco principais mercados compradores também diminuíram a sua importância como destino das exportações brasileiras, principalmente, em função da diminuição da participação Russa, mas ainda respondem por 45% da demanda externa de açúcar de cana brasileiro. O destaque entre os cinco principais mercados é o Irã, país que adquiriu 141,3 mil toneladas do produto em 2003 e elevou sua compras do produto brasileiro para 1,1 milhão de toneladas em 2007.

Tabela 2.1

Exportações Brasileiras de Açúcar em bruto e refinado (SH 170111+170199)						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Rússia, Fed.da	787.366	3.973.837	1.294.973	4.346.110	1.047.675	4.196.295
Emir. Árabes Un.	230.691	1.088.058	404.021	1.231.057	307.824	1.283.148
Irã, Rep. Isl. do	64.659	311.070	377.444	1.166.585	300.988	1.132.986
Nigéria	281.417	1.301.494	353.484	1.126.698	290.850	1.119.415
Arábia Saudita	175.910	844.401	249.121	765.929	255.345	1.072.344
Demais	2.378.786	10.628.164	3.487.917	10.233.754	2.897.755	10.554.712
Total	3.918.828	18.147.024	6.166.960	18.870.133	5.100.437	19.358.900

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

2.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

O Brasil é responsável por 61,8% das exportações de açúcar de cana do mundo. Em nove dos vinte principais importadores a participação brasileira é superior a este índice. Na Rússia, o Brasil domina o mercado com 88% da quantidade adquirida. Outros países com elevada importação em que o Brasil tem participação relevante são: Nigéria (98%); Egito (98%); Marrocos (96%); Emirados Árabes Unidos (93%); Bangladesh (84%); Irã (83%); Arábia Saudita (82%); Malásia (80%); e Argélia (78%).

Somente em quatro dos vinte maiores importadores mundiais a participação brasileira é pequena, como no caso da Indonésia (5,4%), da China (4,2%), Coreia do Sul (0,1%) e Japão (0,1%).

A Austrália é a maior fornecedora para o Japão e Coreia do Sul³. No caso da Indonésia, a Tailândia é a maior fornecedora. A distância menor entre estes países asiáticos e a Austrália, ou a Tailândia, reduz

os custos de transporte, possibilitando a estes países uma preferência no fornecimento. No caso da China, há grande importação de açúcar em bruto e o principal fornecedor é Cuba. Todavia, a China exporta e importa outros açúcares processados, sendo a Coreia do Sul a maior fornecedora deste produto.

Nos Estados Unidos e na União Europeia as elevadas tarifas inviabilizam uma participação superior do Brasil nas importações dos respectivos mercados. Nestes mercados, o Brasil consegue basicamente preencher as quotas ofertadas.

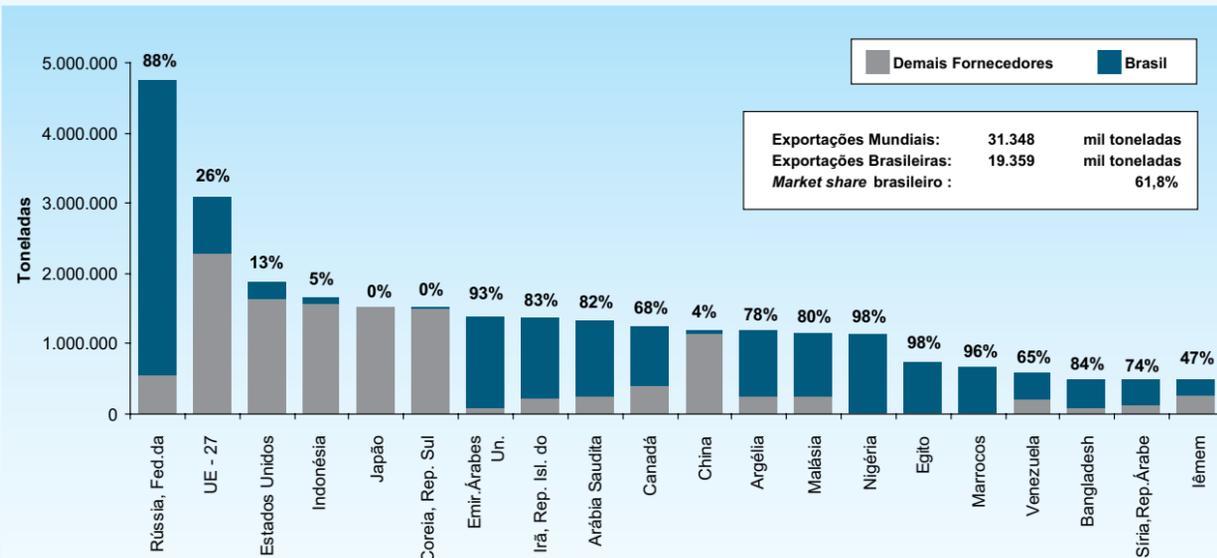
Diante desse cenário, uma elevação da participação brasileira no comércio de açúcar dependerá, fundamentalmente, do deslocamento de Austrália ou Tailândia como fornecedora para os países asiáticos e/ou de uma redução das tarifas e/ou ampliação das quotas para o mercado americano ou da União Europeia.

³As tarifas aplicadas na Coreia do Sul para o açúcar em bruto (170111) é de 3%, de acordo com informações do Intercâmbio Comercial do Agronegócio – Edição 2008, enquanto que para os outros açúcares (170199) é de 40%. Assim, a Coreia do Sul é grande importadora de açúcar em bruto e, ao mesmo tempo, exporta outros açúcares processados. No Japão, há três linhas tarifárias para açúcar em bruto (17011), com tarifas: 0%, 21,5 Yen/Kg e 41,5 Yen/Kg. Para os outros açúcares há duas linhas tarifárias: 21,5 Yen/Kg e 63,5 Yen/Kg.

Gráfico 2.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2)
AÇÚCAR EM BRUTO E REFINADO (SH 170111 + 170199)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	10	-3	-5	-3	-2	1	38	-6	9	-7	1	-4	-1	204	-1	-3	42	-7	9	11
Do Brasil	13	-1	-11	-85	78	0	-	26	-1	2	-100	-6	-1	-	0	-1	0	0	0	-45

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de açúcar de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Estados Unidos; Emirados Árabes Unidos; Nigéria; União Europeia; e Marrocos.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Japão; Irã; Argélia; China; Arábia Saudita; Venezuela; Bangladesh; e Coreia do Sul.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Rússia; Canadá; lêmem; e Egito.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Síria; Indonésia; e Malásia.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Então, para o Brasil, é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1.

Dentre os vinte principais importadores mundiais do produto, que adquiriram 89,0% de todo o açúcar de cana exportado em 2007, destacam-se pelo crescimento das importações, acima de 6% ao ano, os seguintes países: Arábia Saudita (+54,8% ao ano; com quantidade importada de 1,3 milhões de toneladas); Irã (+35,8% ao ano; 1,1 milhão de toneladas); Venezuela (+31,1% a.a; 0,6 milhões de toneladas); e China (+11,4% a.a; 1,2 milhões de toneladas). Dentre esses mercados muito dinâmicos o Brasil possui baixa participação somente na China.

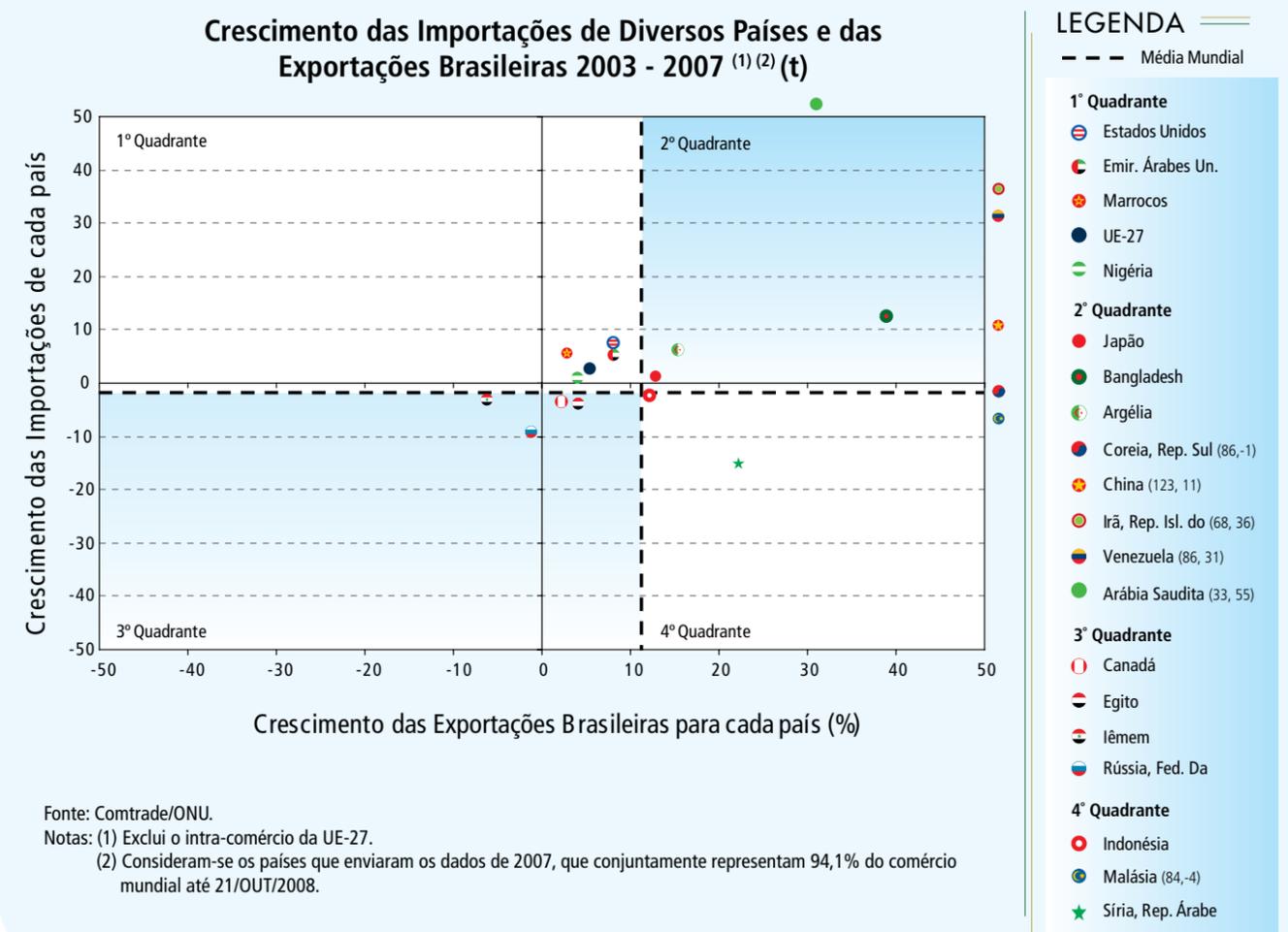
Os Estados Unidos e a União Europeia aumentaram as aquisições em 5,9% ao ano e 2,8%, respectivamente. Porém, conforme já mencionado, as elevadas tarifas impedem uma participação brasileira maior nesses mercados. No caso norte-americano, os principais beneficiados são os demais países da América Latina produtores de açúcar de cana.

Oito dos vinte principais mercados importadores reduziram, na média, a quantidade importada do produto entre 2003 e 2007: Síria (-16%) Rússia (-9%); Malásia (-4%); Egito (-4%) Canadá (-3%); lêmem (-3%); Indonésia (-2%); Gana (-2%); e Coreia do Sul (-1%).

Gráfico 2.5

AÇÚCAR EM BRUTO E REFINADO (SH 170111 + 170199)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/OUT/2008.

ÁLCOOOL

3. Álcool Etílico

A produção brasileira de álcool etílico subiu muito nesses últimos anos. Na safra 2000/2001 a produção foi de 10,5 milhões de metros cúbicos, passando a 22,2 milhões de metros cúbicos na safra 2007/2008. Ou seja, nessas últimas oito safras a produção mais que duplicou.

Um dos motivos dessa elevação de produção foi a crescente demanda por álcool etílico gerada pelos 'motores flex', que possibilitaram aos usuários flexibilidade de escolha na utilização de gasolina ou álcool.

Somente nos últimos quatro anos foram produzidos e comercializados mais de 6 milhões de veículos flex. Com o crescimento do estoque de carros com esse tipo de motor, o consumo doméstico de álcool hidratado elevou-se de 3,2 milhões de metros cúbicos em 2003 para um volume próximo a 14 milhões de metros cúbicos em 2008. Ademais, as exportações brasileiras, que eram inferiores a 350 mil m³ na década passada, podem atingir um patamar superior a 4 milhões de metros cúbicos em 2008.

3.1. Cotação do Álcool

Apesar de ser produzido em larga escala no Brasil e nos Estados Unidos, não há, ainda, um mercado internacional amplo para o produto. As exportações brasileiras ampliaram-se consideravelmente a partir de 2004, ano em que o volume exportado passou de 0,7 milhões de metros cúbicos para quase 2,5 milhões de metros cúbicos.

Nesses últimos três anos, o preço médio de venda da tonelada de álcool etílico subiu de US\$ 200 o metro

cúbico em 2003 para cerca de US\$ 450. Dessa forma, percebe-se uma grande diferença de comportamento entre o açúcar de cana e o álcool. No caso específico do açúcar, as cotações do produto caem após o ápice de início de 2006. Já no álcool, as cotações parecem se estabilizar num patamar próximo à US\$ 450 o metro cúbico nesses últimos três anos.

3.2. Exportações Brasileiras

As exportações de álcool etílico brasileiro são concentradas em basicamente três mercados: União Europeia; Estados Unidos e Japão. Outros países da América Central aparecem na relação de grandes importadores, mas, quando se analisa o destino das aquisições do produto brasileiro, percebe-se que esses mercados funcionam como entrepostos para reexportação do álcool ao mercado norte-americano.

Destacam-se quatro países da América Central como grandes importadores do álcool etílico brasileiro, sen-

do responsáveis por cerca de um quarto das vendas externas brasileiras, em volume. São eles: Jamaica (308 mil m³); El Salvador (224 mil m³); Costa Rica (170 mil m³); Trinidad e Tobago (158 mil m³). Todavia, essas exportações de mais de 800 mil m³, como já explicado, são em sua maioria redirecionadas para o mercado norte-americano. Dessa forma, o maior mercado para o produto brasileiro é o dos Estados Unidos.

Tabela 3.1

Exportações Brasileiras de Álcool Etílico (SH 220710+220720)						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
União Europeia	157.668	427.929	245.423	465.295	433.439	806.085
Estados Unidos	77.462	208.458	882.392	1.399.388	369.076	679.755
Japão	93.053	254.288	95.196	182.130	152.594	293.797
Jamaica	40.323	107.803	56.088	106.404	122.211	249.677
El Salvador	41.888	119.579	80.278	146.155	85.334	181.454
Demais	607.961	1.652.731	245.455	433.983	315.032	613.382
Total	765.629	2.080.660	1.604.833	2.733.354	1.477.685	2.824.149

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

3.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

O comércio mundial de álcool etílico passou de 3,0 milhões de metros cúbicos em 2003 para 6,6 milhões em 2007, ou um crescimento médio anual de 21,8% nos últimos quatro anos. A participação brasileira no volume total comercializado de álcool etílico atinge, de forma direta, 53% da quantidade total vendida. Excluindo-se o volume comprado dos mercados da América Central – Jamaica, El Salvador, Costa Rica, Trinidad e Tobago e México –, que adquirem cerca de 900 mil metros cúbicos do produto brasileiro e depois o revendem parcialmente para os Estados Unidos ou Canadá, a participação brasileira suplanta 60% no comércio global.

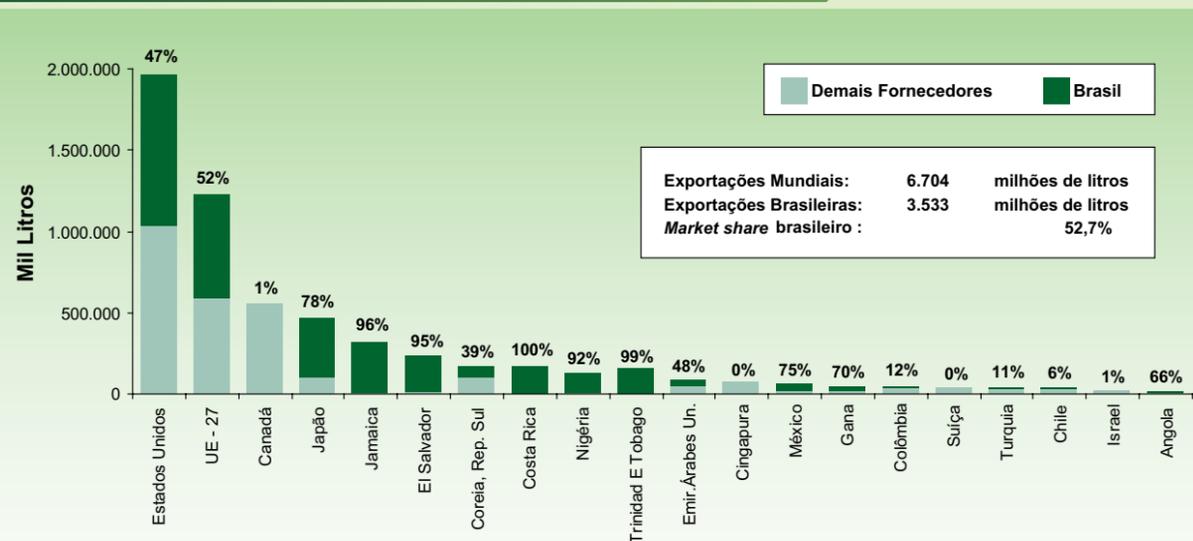
Em relação a mercados específicos, verifica-se uma participação relevante do Brasil nos principais mercados importadores. No maior mercado, os Estados Unidos, a participação direta brasileira é de 47%. Todavia, agregando-se as vendas para os países da América Central a participação atinge quase 90%.

Na União Europeia, segundo maior mercado, a participação suplanta 50%. Já no Canadá, que tem como maiores fornecedores Estados Unidos e México, a participação indireta brasileira é muito superior à participação direta de somente 1%. Outro grande importador é o Japão, país cuja participação brasileira é de 78%.

Gráfico 3.1

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2)
ÁLCOOL ETÍLICO (SH 220710 + 220720) (3)

2007



Exportações Mundiais: 6.704 milhões de litros
 Exportações Brasileiras: 3.533 milhões de litros
 Market share brasileiro: 52,7%

Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	29	45	41	4	26	64	9	36	26	81	44	3	-21	5	40	7	62	12	13	47
Do Brasil	102	96	-	45	32	96	5	52	27	81	-	-63	5	5	37	-100	-10	365	-	132

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

(3) A SH 220720 inclui "Aguardente Desnaturado com qualquer teor alcóolico".

O gráfico a seguir divide os países importadores de álcool de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Colômbia e Turquia.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – El Salvador; Trinidad e Tobago; Angola;

União Europeia; Emirados Árabes Unidos; Canadá; e Costa Rica.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Suíça; Cingapura; Jamaica; Nigéria; Coreia do Sul; Gana; México; e Japão.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Estados Unidos; Israel e Chile.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Então, para o Brasil, é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1.

O mercado de álcool está crescendo num ritmo médio de 30,4% ao ano nos últimos cinco anos. Trata-se de um crescimento muito superior ao das demais commodities analisadas nesta publicação. Neste mesmo período de 2003 a 2007, as exportações brasileiras de álcool cresceram 48% ao ano, em quantidade. Dessa forma, conforme já mencionado, a participação brasileira na quantidade total comercializada de álcool etílico subiu de 32% para 53%.

Com uma participação tão elevada no comércio mundial do produto, somente a Suíça, 16º maior importa-

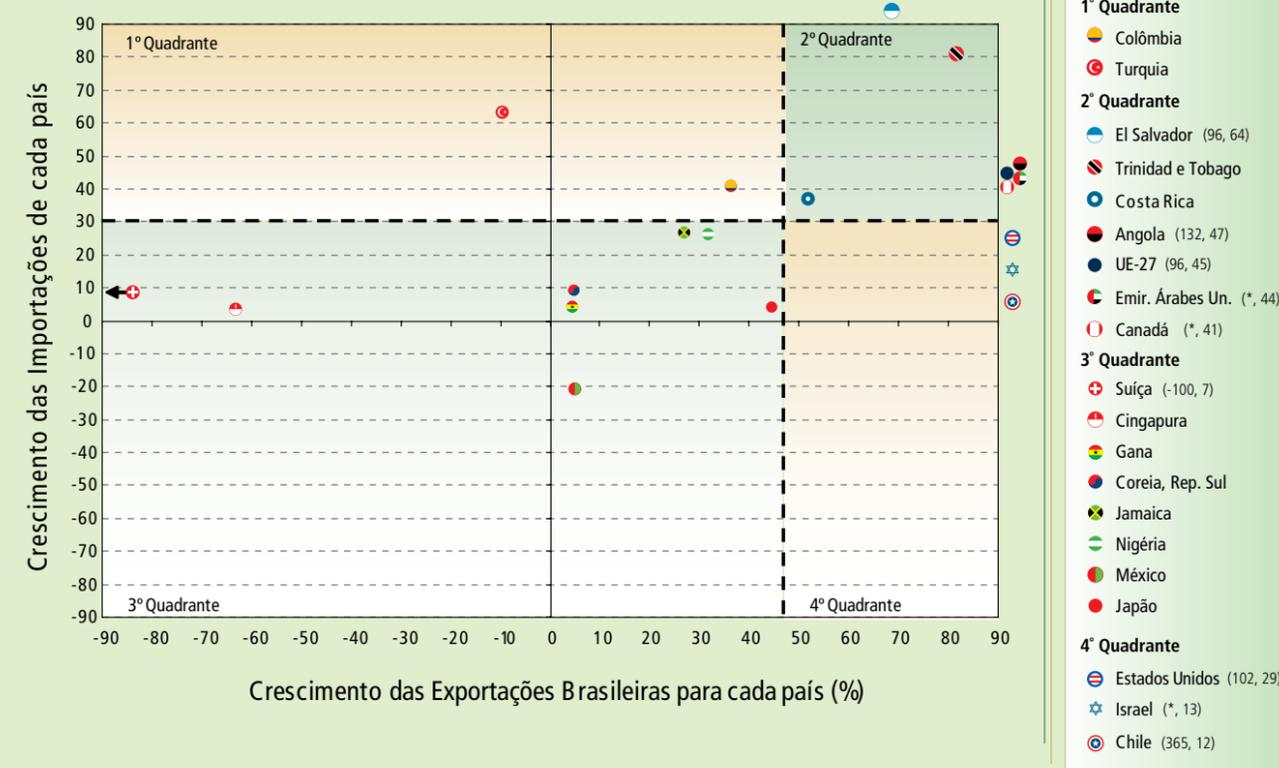
dor, dentre os vinte maiores importadores do produto não comprou do Brasil em 2007.

Dentre os maiores importadores mundiais, Trinidad e Tobago e El Salvador foram os países que mais aumentaram as suas aquisições em porcentagem 81,1% e 64,1%, respectivamente. Sendo que, somente o México reduziu as compras externas do produto (-20,9%).

Gráfico 3.2

ÁLCOOL ETÍLICO (SH 220710 + 220720) (3)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

(3) A SH 220720 inclui "Aguardente Desnaturado com qualquer teor alcóolico"

* Não houve exportações para o país em 2003

CAFÉ

4. Café

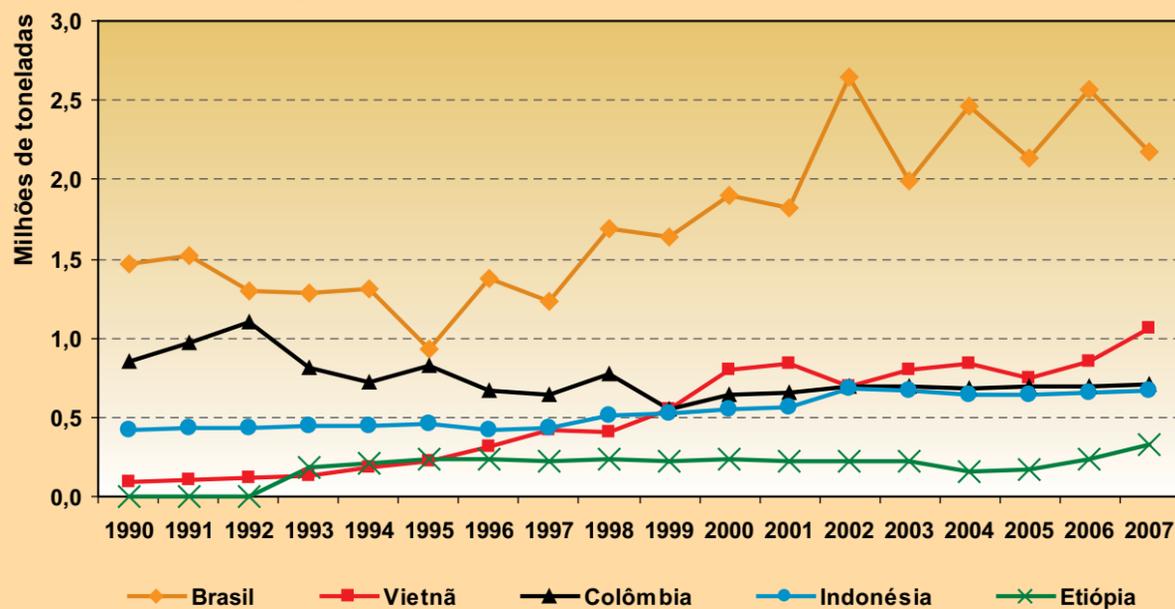
A produção mundial de café, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), cresceu a uma taxa de 1,44% no período de 1990 a 2007, atingindo a marca 7,7 milhões de toneladas em 2007. Esse crescimento da produção mundial foi determinado principalmente pelo comportamento da produção brasileira e do Vietnã. A produção brasileira aumentou 2,36% ao ano, passando de 1,5 milhão de toneladas para 2,2 milhões de toneladas. Com esse desempenho, o Brasil aumentou sua participação na produção mundial que passou de cerca de 25% nos anos 90 para cerca de 30% no período de 2002 a 2007.

O desempenho do Vietnã também merece destaque. A produção mostrou grande dinamismo passando de 92 mil toneladas para 1 milhão de toneladas, o que significou um incremento anual de 15,5%. A produção do Vietnã cresce forte e continuamente ao longo dos últimos 17 anos elevando a participação do país na produção mundial de 1,5% em 1990 para 13,7% em 2007.

Além de Brasil e Vietnã, outros grandes produtores mundiais são Colômbia (9% da produção mundial), Indonésia (8% da produção mundial), e Etiópia (4,2% da produção mundial).

Gráfico 4.1

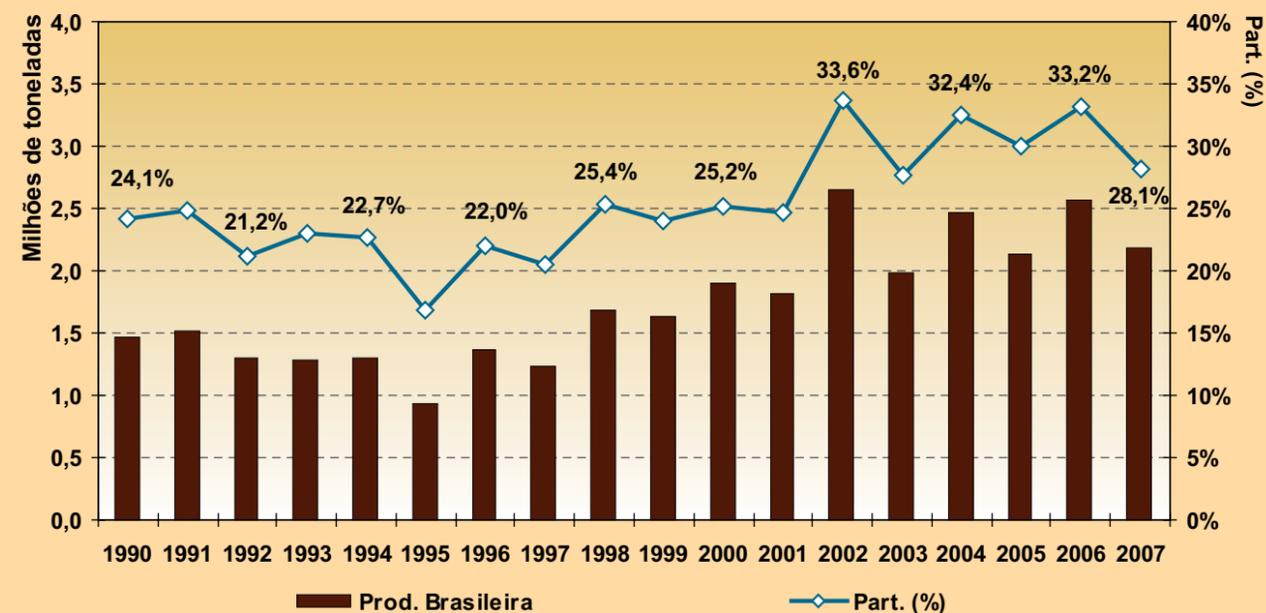
Principais produtores mundiais de café verde (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 4.2

Produção brasileira de café verde e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

4.1. Cotação do Café

Os preços do café alcançaram a média de US\$3,22/kg (arábica) e US\$2,47/kg (robusta) no período de janeiro a agosto de 2008, 18,3% e 29,3% superiores aos respectivos preços médios do mesmo período

do ano anterior. O aumento dos preços resultou da redução da produção mundial de café de 8,4 milhões de toneladas em 2006 para 7,7 milhões de toneladas em 2007.

Gráfico 4.3

Preços Internacionais do Café (cents/Kg)



4.2. Exportações Brasileiras

No período de 2005 a 2007, as exportações de café têm aumentado como resultado do aumento tanto dos preços como das quantidades. As exportações de café verde aumentaram 34%, alcançando US\$ 3,378 bilhões em 2007, comparado com US\$ 2,516 bilhões em 2005. Em termos de quantidade as exportações passaram de 1,352 milhão de toneladas para 1,488 milhão de toneladas, o que representou um crescimento de 10% nos últimos dois anos. A União Europeia é o maior comprador de café verde brasileiro, respondendo por cerca de 60% do total exportado. Outros mercados de destinos importantes são Estados Unidos e Japão que são responsáveis por 17% e 8% do valor exportado, respectivamente.

As exportações de café torrado não são muito expressivas, mas apresentaram crescimento significativo, 32% no período de 2005 a 2007, totalizando 5,5 mil toneladas. O aumento de preço também foi significativo, resultando no aumento de 60,4% em termos de valor, para US\$ 26,7 milhões. Os Estados Unidos e a União Europeia foram os principais destinos das exportações de café torrado, com participação de 70% e 16%, respectivamente. O valor exportado de café solúvel totalizou US\$ 451 milhões em 2007. Os principais mercados de destino foram União Europeia, Rússia e Estados Unidos.

Tabela 4.1

	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Exportações Brasileiras de Café						
Café Torrado (SH 090121+090122)						
Estados Unidos	9.207	2.115	16.187	3.383	18.591	3.683
União Europeia	4.618	1.266	4.883	1.164	4.336	1.049
Argentina	636	146	963	199	1.411	245
Japão	991	298	1.531	402	945	212
Paraguai	135	65	95	38	202	65
Demais	1.057	272	898	206	1.218	251
Total	16.645	4.162	24.558	5.392	26.702	5.505
Café Verde (SH 090111+090112)						
União Europeia	1.515.241	801.121	1.753.717	872.804	2.009.061	878.674
Estados Unidos	447.837	246.586	542.434	283.543	589.888	269.915
Japão	234.473	108.477	265.838	120.664	272.772	112.412
Argentina	45.147	30.599	46.945	28.131	66.293	31.645
Síria, Rep. Árabe	23.552	16.811	27.013	15.847	46.550	20.947
Demais	250.365	148.502	292.660	154.727	393.736	174.663
Total	2.516.615	1.352.097	2.928.607	1.475.716	3.378.300	1.488.255
Café Solúvel (SH 210111)						
União Europeia	91.258	18.497	108.235	18.069	119.851	18.508
Rússia, Fed. da	86.724	17.111	60.794	9.646	83.440	11.239
Estados Unidos	51.872	14.554	55.128	12.706	56.060	11.815
Japão	42.956	10.759	44.696	9.922	51.663	10.344
Ucrânia	30.476	6.166	29.642	4.613	38.264	5.031
Demais	82.863	17.952	109.330	19.937	132.761	22.527
Total	386.148	85.037	407.825	74.892	482.038	79.463

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa

4.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

4.3.1 - Café Verde

O Brasil é o maior exportador mundial de café verde, sendo responsável por 29,1% de toda a quantidade comercializada do produto no mundo. Os três maiores importadores mundiais são União Europeia, Esta-

dos Unidos e Japão, responsáveis, respectivamente, por 53%, 25,7% e 7,6% das importações mundiais de café. Juntos esses países absorvem 86% das exportações mundiais.

A participação brasileira é significativa nos principais mercados: 29% no mercado da União Europeia; 21% no mercado americano; e 29% no mercado japonês. Em mercados menores o Brasil possui elevada participação: Noruega (44%); Argentina (99%); Síria (95%), Croácia (39%), Líbano (98%), Turquia (99%) e Jordânia (41%).

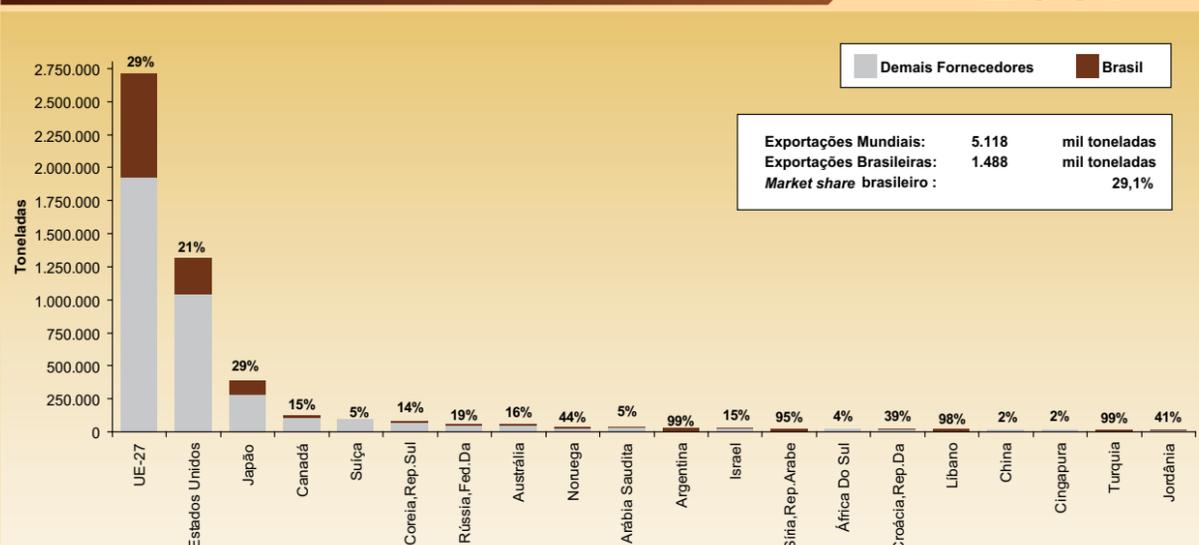
mercado mundial: Canadá (15%); Suíça (5%); Arábia Saudita (5%); África do Sul (4%), China (2%) e Cingapura (2%), República da Coreia do Sul (14%); Federação da Rússia (19%); Austrália (16%). É importante ressaltar que os mercados de Rússia e Israel apresentaram forte dinamismo no período, com crescimento médio anual de 20% e 25%, respectivamente.

Entretanto, em alguns outros países a participação brasileira é menor do que a participação brasileira no

Gráfico 4.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2)
CAFÉ VERDE (SH 090111 + 090112)

2007



	UE-27	Estados Unidos	Japão	Canadá	Suíça	Coreia, Rep. Sul	Rússia, Fed. Da	Austrália	Noruega	Arábia Saudita	Argentina	Israel	Síria, Rep. Árabe	África Do Sul	Croácia, Rep. Da	Líbano	China	Cingapura	Turquia	Jordânia
Do Mundo	2	2	1	4	6	3	20	6	2	9	1	25	18	-1	1	4	8	-1	9	11
Do Brasil	1	-2	2	-9	-12	6	54	7	7	25	2	14	23	0	105	7	-17	39	8	39

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de café verde de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – União Europeia-27; Estados Unidos; Canadá; Suíça; China e Argentina.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasi-

leiras – Israel, Rússia, Síria, Jordânia, Arábia Saudita, Turquia, Austrália, Líbano, Noruega, Coreia do Sul e Croácia.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Japão e África do Sul.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Cingapura.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Para o Brasil é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1.

O crescimento das exportações brasileiras maior do que o aumento das importações mundiais resultou num aumento da participação brasileira no mercado mun-

dial. No segundo quadrante destacam-se Coreia do Sul, Rússia e Arábia Saudita como países com mercados importadores entre US\$ 80 e 180 milhões e dinâmicos onde a participação brasileira ainda é menor que sua participação mundial, 14%, 19% e 5%, respectivamente. Vietnam e Colômbia são os concorrentes brasileiros nos mercados da Rússia e Coreia do Sul.

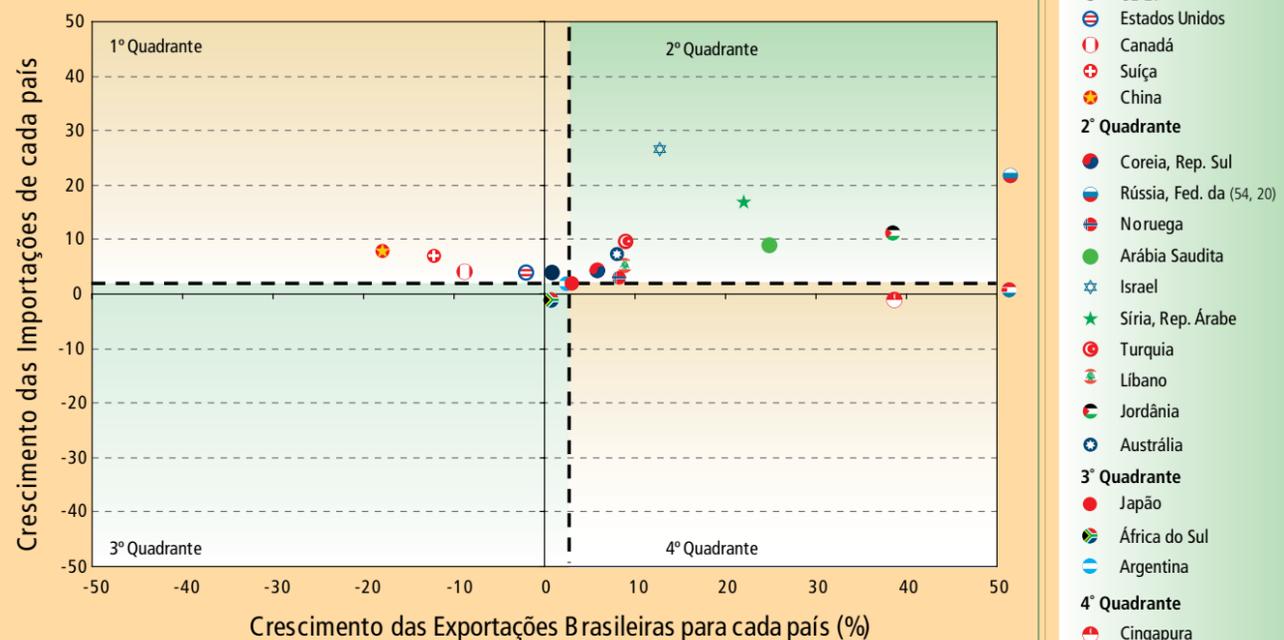
No 1º quadrante encontram-se mercados dinâmicos para onde as exportações brasileiras estão crescendo abaixo da média. O Brasil perdeu participação em grandes mercados como Estados Unidos e União Europeia. Houve um substancial crescimento do market share do Vietnam no mercado americano. Destaca-se também a baixa participação brasileira no mercado chinês, apenas 2% num mercado cujas importações cresceram 8% ao ano no período 2003-2007, com redução de 17% nas exportações brasileiras.

Poucos países se encontram nos terceiro e quarto quadrantes. Destaca-se o forte incremento das exportações brasileiras para Cingapura e Croácia.

Gráfico 4.5

CAFÉ VERDE (SH 090111 + 090112)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

4.3.2 – Café Torrado

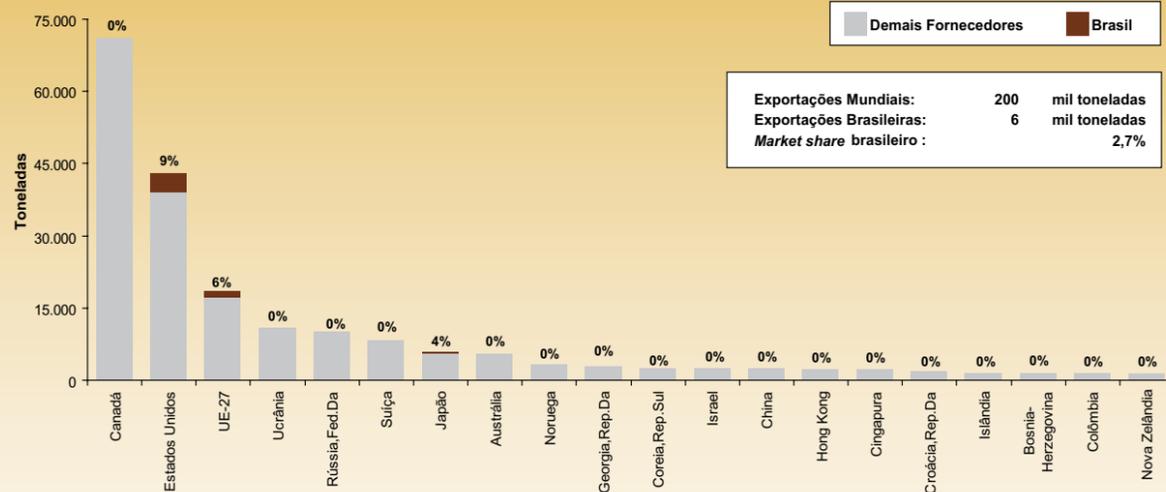
O mercado de café torrado alcançou, em 2007, 200 mil toneladas. O Brasil possui participação pequena nas exportações mundiais de café torrado, alcançando apenas 3% em 2007. Canadá, Estados

Unidos e União Europeia são os principais mercados importadores. A participação brasileira foi diferente de zero apenas nos Estados Unidos (9%), União Europeia (6%), e Japão (4%).

Gráfico 4.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2) CAFÉ TORRADO (SH 090121 + 090122)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	12	1	14	4	17	15	8	11	16	40	33	22	27	10	-5	7	-1	12	-12	-2
Do Brasil	-40	7	-3	0	-38	22	-15	-2	-	34	26	0	-41	-100	-18	0	0	0	-100	-100

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

Assim como no café verde realizou-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de café torrado pelo mercado com a taxa média anual das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quatro quadrantes:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – China, Rússia, União

Europeia, Austrália, Hong Kong, Canadá e Austrália.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Rep. Da Geórgia, Coreia do Sul, Israel, Bósnia Herzegovina, Suíça e Noruega.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média

de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Japão, Cingapura, Nova Zelândia e Colômbia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial do produto enquanto que as exportações brasileiras do produto para o mercado estão acima da média das próprias exportações brasileiras – Ucrânia, Croácia, Estados Unidos e Islândia.

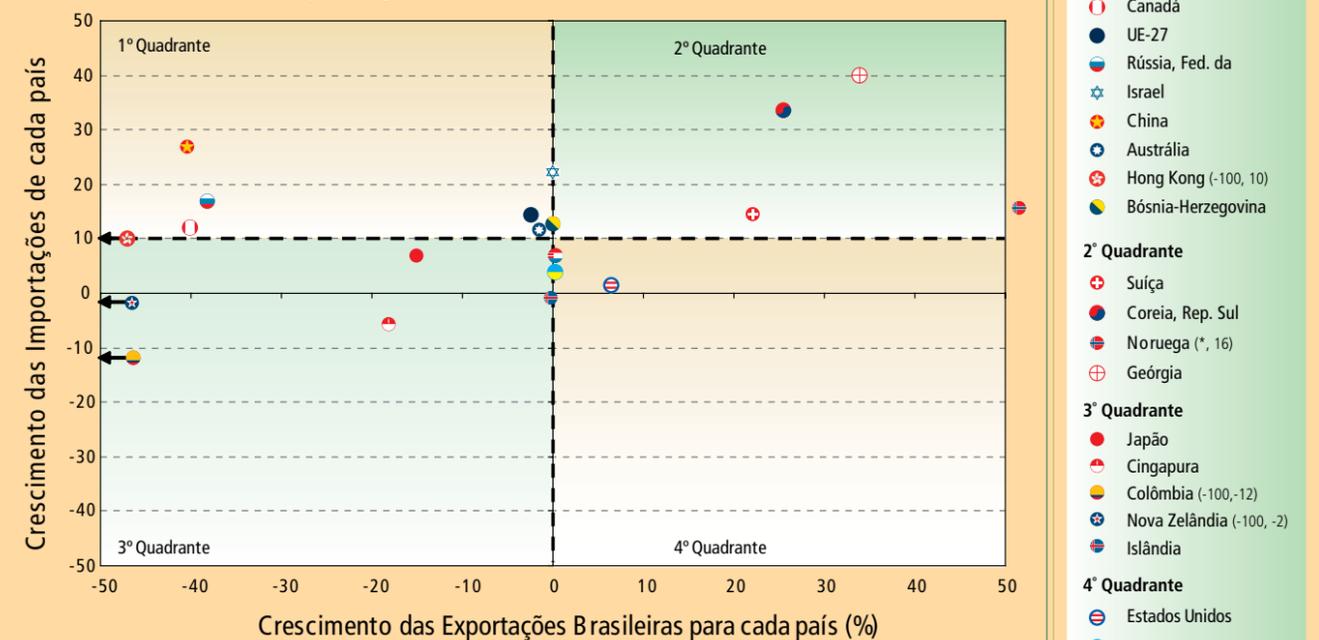
O Brasil tem demonstrado pouca capacidade de aumentar as exportações de café torrado. Isto fica evidenciado na presença de grandes importadores

mundiais nos 1º e 3º quadrantes, com crescimento negativo das exportações brasileiras. Canadá tem como principal fornecedor os Estados Unidos, que são responsáveis por cerca de 90% das importações canadenses. No mercado americano, o Brasil enfrenta a concorrência dos canadenses, suecos e italianos. A União Europeia é grande exportadora de café torrado, com 70 mil toneladas de exportações extra-bloco, e possui um forte comércio intra-bloco (cerca de 420 mil toneladas). As importações extra-bloco somam apenas 18 mil toneladas e se originam principalmente da Suíça. As importações de Ucrânia e Rússia são originadas em grande parte da União Europeia.

Gráfico 4.7

CAFÉ TORRADO (SH 090121 + 090122)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

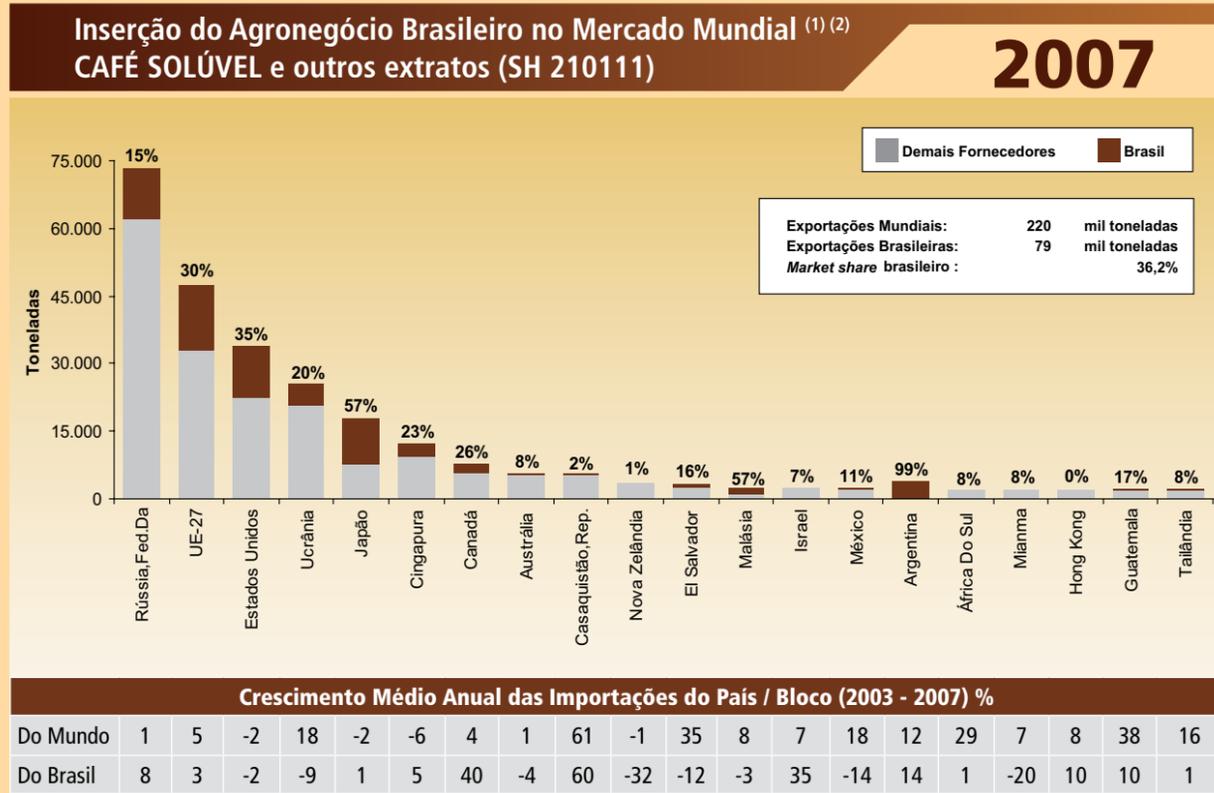
* Não houve exportações para o país em 2003

4.3.3 – Café Solúvel

Em 2007, a participação das exportações brasileiras nas importações de café solúvel foi 24,2%. A participação brasileira é significativa nos seis maiores importadores mundiais de café solúvel, responsáveis

por quase 70% das importações totais: Rússia (15%); União Europeia-27 (30%); Estados Unidos (35%); Ucrânia (20%); Japão (57%); Cingapura (23%); e Canadá (26%).

Gráfico 4.8



Assim como nos produtos analisados acima, realizou-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de café solúvel pelo mercado com a taxa média anual das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quatro quadrantes:

I) **1º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados abaixo da média de elevação das

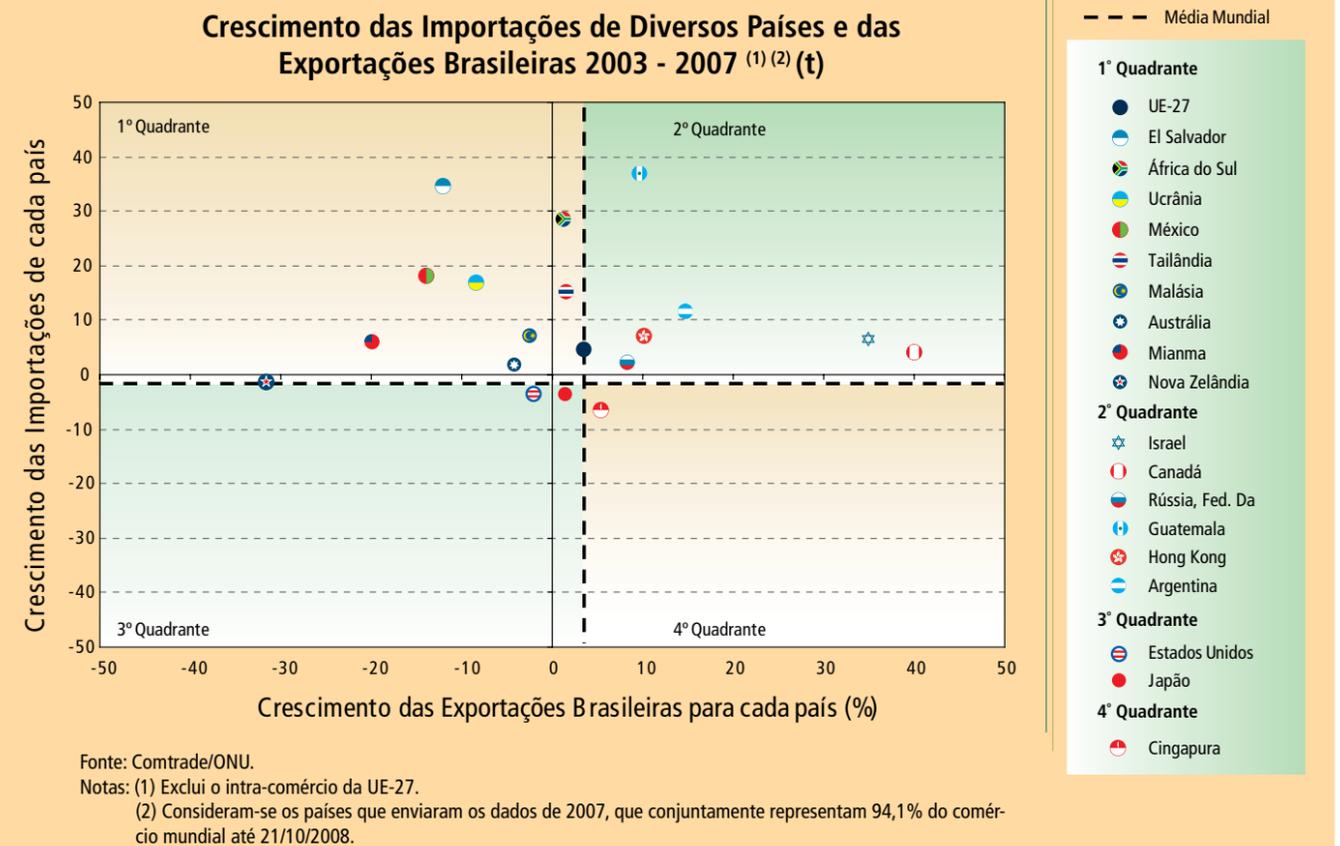
vendas externas do Brasil deste produto – União Europeia -27, El Salvador, África do Sul, Ucrânia, México, Tailândia, Malásia, Austrália, Mianma.

II) **2º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Guatemala, Argentina, Israel, Canadá, Hong Kong, Rússia.

III) **3º Quadrante:** crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras do produto abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Estados Unidos e Japão.

IV) **4º Quadrante:** crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial do produto enquanto que as exportações brasileiras do produto para o mercado estão acima da média das próprias exportações brasileiras – Cingapura.

Gráfico 4.9 CAFÉ SOLÚVEL e outros extratos (SH 210111)



CARNE

BOVINA

5. Carne Bovina

Segundo dados da Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), apresentados no gráfico 1, a produção mundial de carne bovina cresceu, em quantidade, a uma taxa média anual de 1% entre 1990 e 2007, atingindo, no último ano, o patamar de 61,9 milhões de toneladas. No mesmo período, a produção brasileira cresceu a uma taxa de 3,9% ao ano, saltando de 4,1 milhões de toneladas, em 1990, para 7,9 milhões de toneladas em 2007. Dessa forma, o Brasil teve sua participação na produção mundial de carne bovina aumentada em 5 pontos percentuais no período, representando 12,8% do total produzido no globo em 2007.

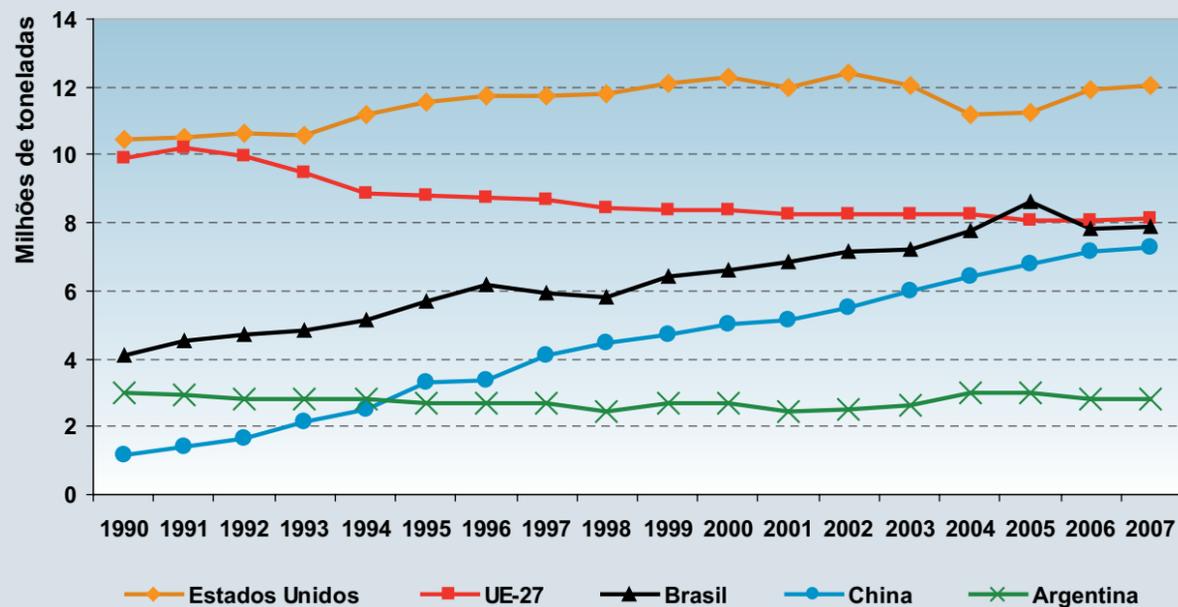
Os maiores produtores mundiais de carne bovina em 2007 foram: Estados Unidos (12,0 milhões de toneladas);

União Europeia (8,1 milhões de toneladas); Brasil (7,9 milhões de toneladas); China (7,3 milhões de toneladas) e Argentina (2,8 milhões de toneladas). Dentre estes países, destaca-se o desempenho da China, cuja produção cresceu a uma taxa média anual de 11,5% entre 1990 e 2007, influenciada, principalmente, pelo aumento do consumo doméstico.

A produção brasileira, por sua vez, teve seu crescimento determinado, em grande parte, pelo crescimento das vendas externas. Enquanto o consumo doméstico expandiu a uma taxa média anual de 1,9% na última década, as exportações de carne bovina cresceram, em quantidade, 26,1% ao ano no período compreendido entre 1997 e 2007.

Gráfico 5.1

Principais produtores mundiais de carne bovina (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 5.2

Produção brasileira de carne bovina e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

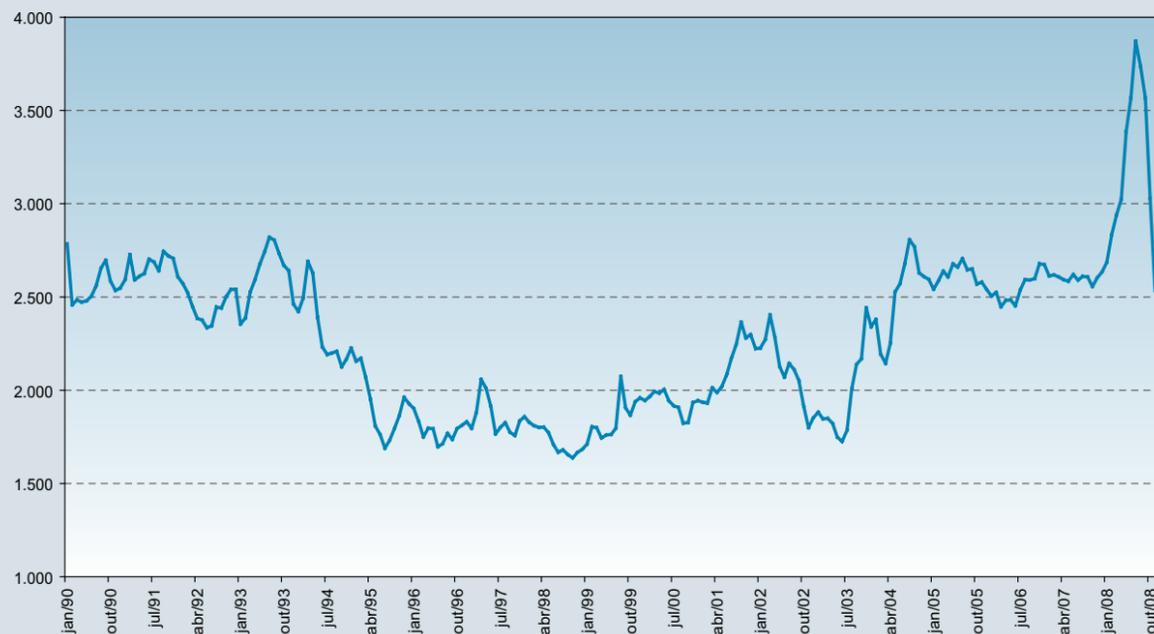
5.1. Cotação da Carne Bovina

Em 2007, a cotação da carne bovina no mercado americano ficou estagnada em torno do valor médio de US\$ 2,60/ Kg. Em 2008, no entanto, a cotação do produto moveu-se de forma ascendente, atingindo no mês de julho a cotação recorde de US\$ 3,87/ Kg. Esse movimento se deve, dentre outros fatores, ao grande aumento da demanda internacional pelo produto, a elevação dos custos de produção de proteína animal e a forte desvalorização do dólar ocorrida na primeira metade do ano.

Nos últimos dois anos, a demanda mundial por carne bovina cresceu de forma significativa, conduzida, principalmente, pelos países emergentes da Ásia. Com o aumento de renda destes países, houve a inclusão de novos consumidores no mercado deste produto. Outros fatores relevantes para a explicação da alta de preços foram a desvalorização do dólar e os problemas climáticos enfrentados por grandes produtores, tais como Austrália e Nova Zelândia, o que gerou uma repentina queda na oferta destes produtos.

Gráfico 5.3

Preços Internacionais da Carne Bovina (US\$/kg)



Fonte: Banco Mundial; FMI

5.2. Exportações Brasileiras

Entre 2003 e 2007, as exportações brasileiras de carne bovina cresceram, em valor, a uma taxa média anual de 29,2%, atingindo, em 2007, a cifra de US\$ 4,4 bilhões. No entanto, grande parte dessa expansão se deve à elevação dos preços médios das exportações brasileiras. No mesmo período, as vendas externas cresceram, em quantidade, 17,3% ao ano, somando, no último ano 1,6 milhões de toneladas.

Os preços médios das exportações brasileiras de carne bovina apresentaram crescimento contínuo entre 2003 a 2007. Neste período, estes expandiram 46,9%, passando de um patamar de US\$ 1,9 mil/tonelada, em 2003, para o de US\$ 2,7 mil/tonelada em 2008.

Tabela 5.1

	Exportações Brasileiras de Carne Bovina					
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
In natura (SH 0201+0202)						
União Europeia	914.279	294.856	1.159.978	314.358	1.087.136	195.240
Rússia, Fed.da	555.273	294.653	743.188	318.324	967.634	447.997
Egito	252.714	146.444	364.185	198.147	333.135	174.187
Irã, Rep.Isl.do	11.837	6.908	107.234	44.985	145.228	61.289
Venezuela	19.277	9.142	33.724	13.536	124.634	46.675
Demais	665.732	333.588	726.198	336.074	827.960	360.419
Total	2.419.111	1.085.591	3.134.506	1.225.423	3.485.726	1.285.807
Industrializada (SH 160250)						
União Europeia	231.164	86.175	267.230	90.478	298.726	100.145
Estados Unidos	205.658	51.598	273.231	62.876	285.644	62.517
Jamaica	11.336	4.942	6.023	2.536	10.301	4.298
Canadá	9.605	4.112	4.097	1.623	9.543	3.734
Egito	5.393	2.622	7.650	3.115	9.230	3.616
Demais	462.828	123.312	95.942	42.455	-88.741	4.292
Total	524.704	178.602	654.172	203.084	693.992	209.487

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

5.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

5.3.1 - Carne Bovina *in natura*

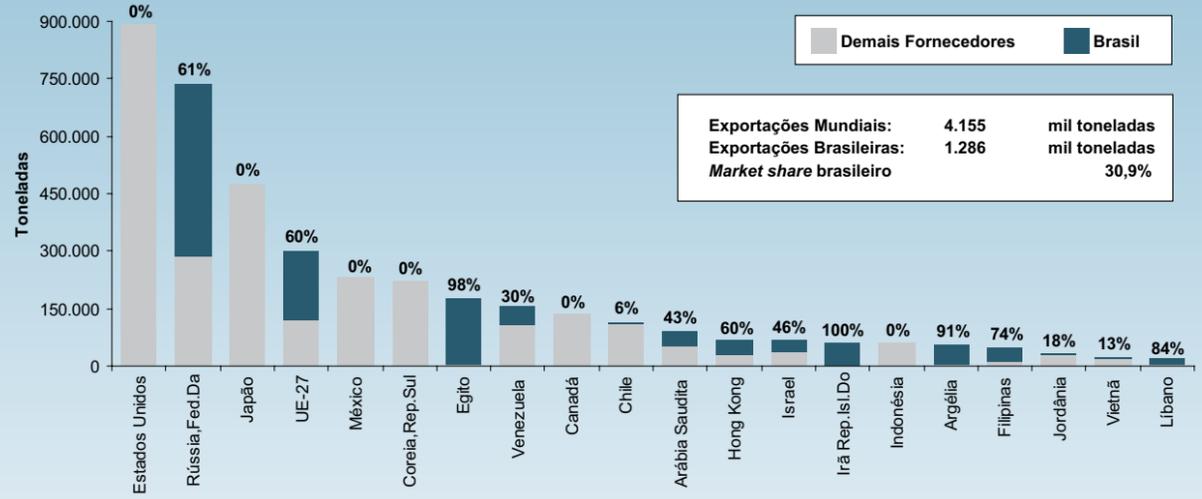
Em 2007, as exportações mundiais de carne bovina *in natura* somaram 4,2 milhões de toneladas. Desse total, o Brasil participou com 30,9%, o que representou exportações de 1,3 milhão de toneladas. O gráfico abaixo contém os 20 (vinte) principais importadores de carne bovina *in natura* em 2007 e a participação brasileira, em quantidade, no respectivo mercado. Percebe-se que, dentre os mercados listados, o Brasil possuía participação nula ou insignificante nos Estados Unidos, no Japão, no México, na Coreia do Sul, no Canadá e na Indonésia. Há países em que o Brasil obteve grande participação em 2007, tais como a Federação da Rússia (61,1%); União Europeia (60,2%); Egito (97,6%); Arábia Saudita (43,2%); Hong Kong (59,8%); Israel (45,8%); Irã (100%); Argélia (90,9%); Filipinas (74,5%) e Líbano (83,7%).

nificante nos Estados Unidos, no Japão, no México, na Coreia do Sul, no Canadá e na Indonésia. Há países em que o Brasil obteve grande participação em 2007, tais como a Federação da Rússia (61,1%); União Europeia (60,2%); Egito (97,6%); Arábia Saudita (43,2%); Hong Kong (59,8%); Israel (45,8%); Irã (100%); Argélia (90,9%); Filipinas (74,5%) e Líbano (83,7%).

Gráfico 5.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
CARNE BOVINA IN NATURA (SH 0201 + 0202)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	0	10	-5	3	-3	-9	21	162	-8	-3	20	6	3	16	17	10	-13	12	123	2
Do Brasil	-	52	0	5	0	-62	23	253	31	-49	-3	21	12	15	-100	57	13	93	-	21

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de carne bovina *in natura* de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Arábia Saudita, Irã, Indonésia, UE-27, Israel e Estados Unidos.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Venezuela, Vietnã, Egito, Jordânia, Federação da Rússia, Argélia, Hong Kong, Líbano.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Chile, México, Japão, Coreia do Sul e Filipinas.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Canadá.

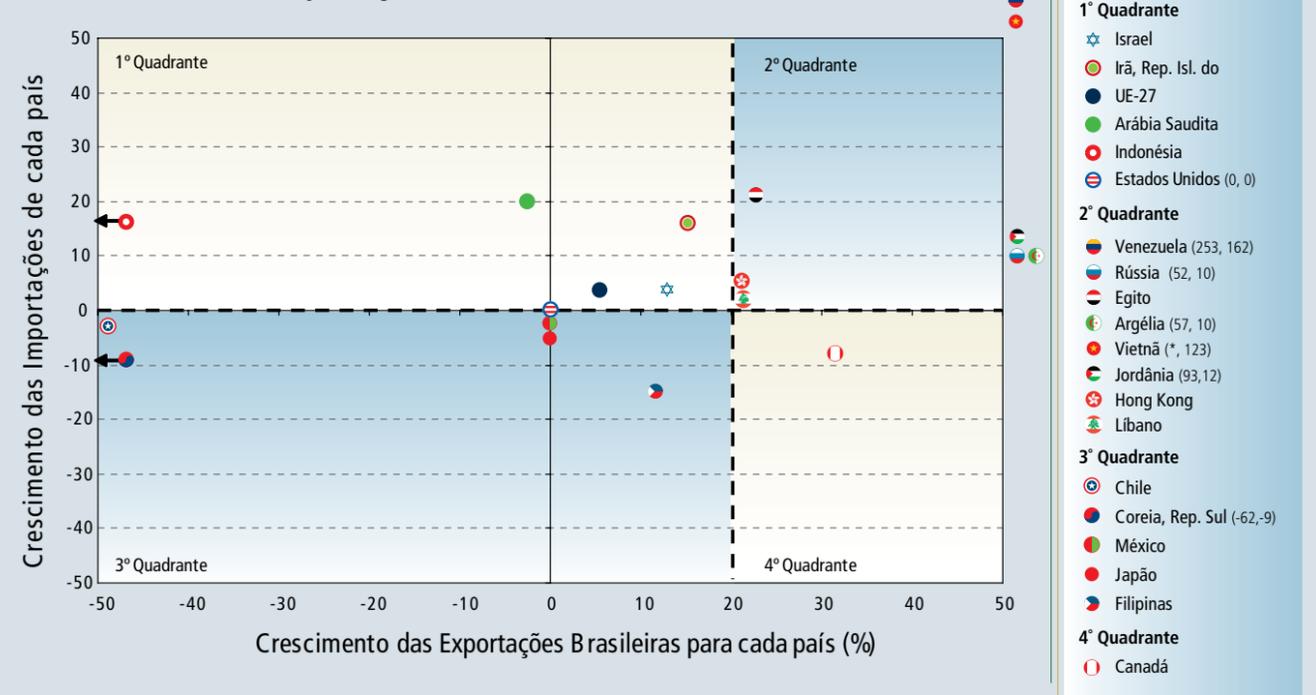
Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Então, para o Brasil, é im-

portante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1. Nesta situação estão Arábia Saudita, Irã, Indonésia, UE-27, e Israel.

Gráfico 5.5

CARNE BOVINA IN NATURA (SH 0201 + 0202)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

5.3.2 – Carne Bovina Industrializada

Em 2007, o comércio mundial de carne bovina industrializada somou 411 mil toneladas. Desse total, o Brasil participou com 50,9%, o que representou exportações de 209 mil toneladas. No tocante às importações mundiais de carne bovina industrializada em 2007, o Brasil obteve grande participação, em quan-

tidade, nos seguintes mercados: União Europeia 27 (82,6%); Estados Unidos (65,6%); Jamaica (96,3%); Egito (93,7%); Emirados Árabes Unidos (78,3%); Jordânia (79,7%); Líbano (49,7%); Kuwait (47,8%) e Arábia Saudita (82,1%).

Gráfico 5.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
CARNE BOVINA INDUSTRIALIZADA (SH 160250)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	5	4	6	-4	0	-1	3	2	-13	20	18	2	80	-7	5	30	30	15	2	7
Do Brasil	7	5	-3	24	4	53	1	6	29	81	22	-1	0	8	65	31	-100	13	12	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

Assim como na carne bovina *in natura*, realizou-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de carne bovina industrializada pelo mercado com a taxa média anual de crescimento das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quadro quadrantes:

I) **1º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Togo, Cazaquistão, Canadá, Estados Unidos, União Europeia e Nova Zelândia¹.

II) **2º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e cres-

cimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Kuwait, Gana, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Austrália.

III) **3º Quadrante:** crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Jordânia, Angola e Jamaica.

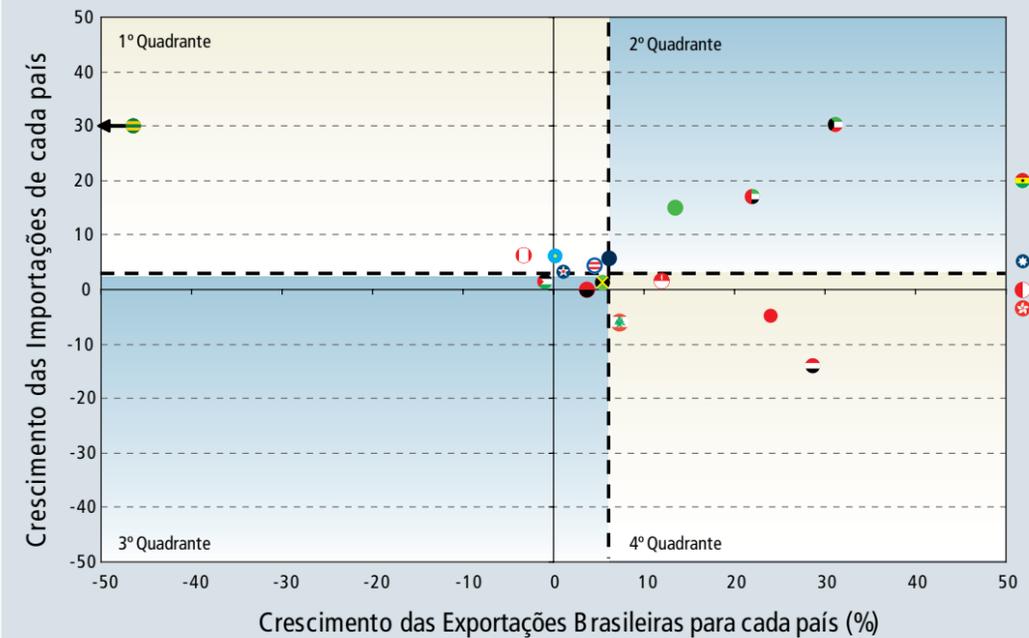
IV) **4º Quadrante:** crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Cingapura, Peru, Hong Kong, Japão, Líbano e Egito.

¹ O Brasil não possui certificado sanitário internacional acordado com este país.

Gráfico 5.7

CARNE BOVINA INDUSTRIALIZADA (SH 160250)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



LEGENDA

--- Média Mundial

1º Quadrante

- Canadá
- Estados Unidos
- UE-27
- Togo (-100, 30)
- Nova Zelândia
- Cazaquistão

2º Quadrante

- Gana (81, 20)
- Emir. Árabes Un.
- Arábia Saudita
- Kuwait
- Austrália (65, 5)

3º Quadrante

- Angola
- Jamaica
- Jordânia

4º Quadrante

- Cingapura
- Peru (0, 80)
- Japão
- Egito
- Líbano
- Hong Kong (53, -1)

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

**CARNE DE
FRANGO**

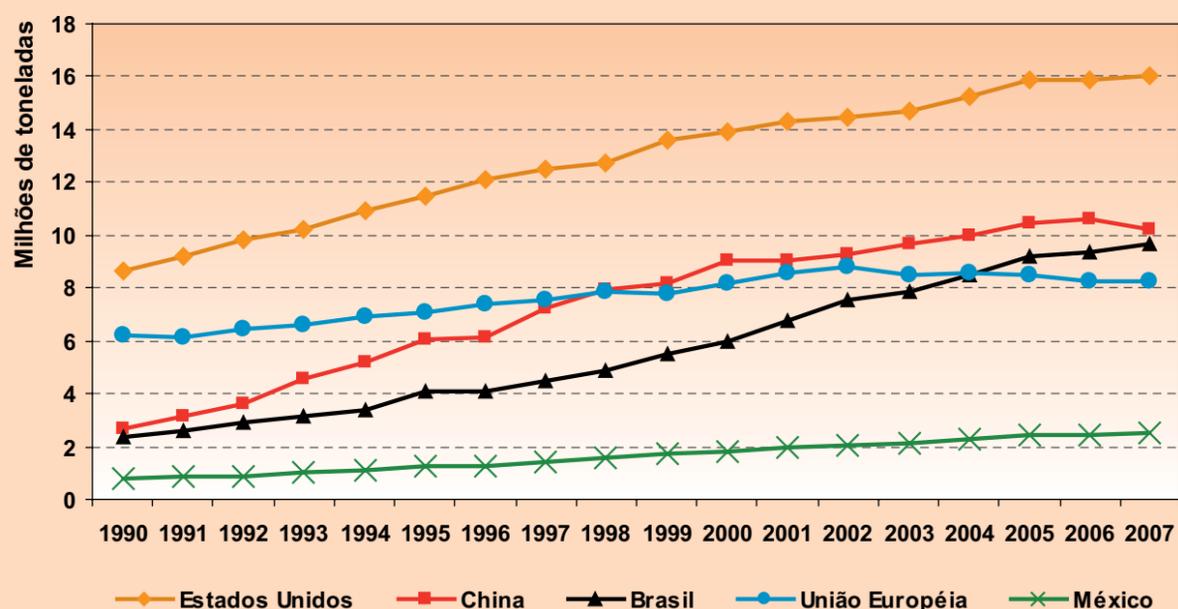
6. Carne de Frango

O Brasil foi o terceiro maior produtor mundial de carne de frango em 2007. Nesse ano, somente os Estados Unidos e a China produziram mais que o Brasil. Essa produção quadruplicou desde 1990, passando de 2,4 milhões de toneladas em 1990 até atingir 9,7 milhões de toneladas em 2007.

A elevação na quantidade produzida foi muito superior ao crescimento mundial da produção de carne de frango no período de 1990 a 2007. Dessa forma, a participação brasileira na produção mundial elevou-se de 6,7% para 13,2%.

Gráfico 6.1

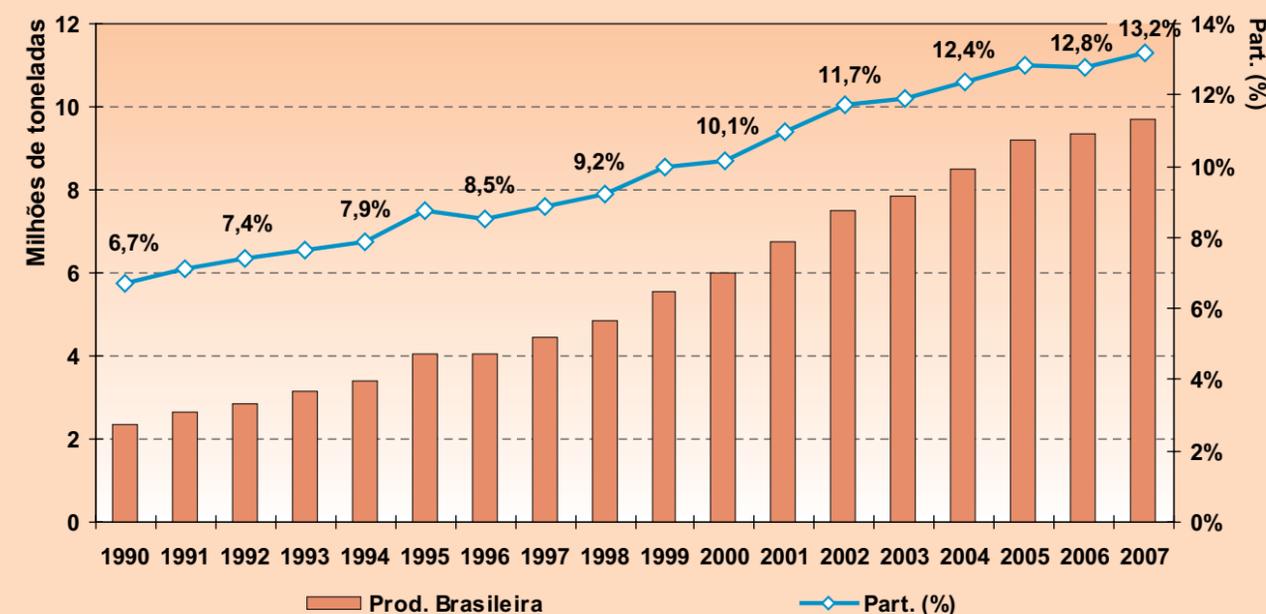
Principais produtores mundiais de carne de frango (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat e ABEF para as estatísticas brasileiras após 1999.

Gráfico 6.2

Produção brasileira de carne de frango e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

6.1. Cotação da Carne de Frango

Percebe-se, numa análise de longo prazo, que a carne de frango teve uma grande elevação da sua cotação nominal no mercado internacional. O preço do produto passou de US\$ 1.050 a tonelada em meados de 1992 para US\$ 1.900 em meados de 2008. Porém, ao longo do período em questão, houve fortes oscilações de curto prazo no preço. Um exemplo de oscilação no preço ocorreu entre julho de 2004 e maio de 2006, ocasião em que o preço reduziu de US\$ 1.782 a tonelada para US\$ 1.494 a tonelada.

É importante frisar que a cotação da carne de frango apresentou comportamento muito diferente da carne suína ou bovina. Na série de preços da carne suína, a

cotação de mais de US\$ 2.000 a tonelada em 1990 e 1991 só foi superada em meados de 1996, e, desde então, não atingiu aquele valor. Em consonância com esse comportamento do preço da carne suína, a cotação da carne bovina também estava elevada nos anos iniciais da década de 1990, em torno de US\$ 2.500 a tonelada. Entre 1994 e 2004, houve uma redução do preço da carne bovina em relação aos anos iniciais da década de 90 do século passado, porém, a partir deste último ano a cotação aumentou. Dessa forma, diferentemente das demais carnes, a cotação da carne de frango demonstrou uma tendência de elevação ao longo do período em análise.

Gráfico 6.3

Preços Internacionais da Carne de Frango (US\$/t)



Fonte: FMI

6.2. Exportações Brasileiras

Prevê-se uma produção de carne de frango no Brasil de cerca de 10 milhões de toneladas em 2008. A maior parte dessa produção é consumida no mercado interno, que demanda aproximadamente 65% do total produzido. Os 35% restantes são absorvidos pelo mercado externo.

Dentre os maiores importadores de carne de frango *in natura* do Brasil, destacam-se a União Europeia (15,1%); o Japão (13,7%); a Arábia Saudita (12,3%); Hong Kong (10,2%) e Rússia (6,7%). Percebe-se, dessa maneira, que há uma grande diversificação entre

os mercados importadores da carne de frango brasileira *in natura*. Os cinco principais mercados importadores, acima arrolados, participaram com 58% das compras do produto. Esse índice é muito inferior ao da concentração das exportações de todos os produtos do agronegócio nos cinco principais mercados de destino, que chega a 71,8%.¹

Quanto às exportações de frango industrializado, há uma grande concentração no mercado da União Europeia. O bloco foi responsável por 80% da quantidade exportada.

Tabela 6.1

Exportações Brasileiras de Carne de Frango						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
In natura (SH 020711+020712+020713+020714)						
União Europeia	631.842	370.493	505.478	307.305	637.637	317.513
Japão	687.352	402.192	486.522	322.318	578.703	331.202
Arábia Saudita	440.934	379.754	378.497	338.532	519.258	378.261
Hong Kong	143.604	156.023	250.824	294.500	430.069	356.327
Rússia, Fed.da	259.073	253.878	189.969	181.762	282.417	187.389
Demais	1.161.442	1.199.633	1.111.345	1.141.297	1.769.383	1.436.383
Total	3.324.246	2.761.972	2.922.635	2.585.713	4.217.467	3.007.075
Industrializada (SH 160232)						
União Europeia	145.932	66.191	239.267	108.955	334.613	123.803
Rússia, Fed.da	8.168	4.309	9.210	4.055	15.937	6.552
Kuwait	4.833	1.866	6.122	2.626	9.364	4.243
Emir. Árabes Un.	2.485	1.089	3.006	1.340	5.654	3.911
Arábia Saudita	2.100	769	2.604	936	5.090	2.196
Demais	20.822	9.756	20.573	9.334	31.493	14.636
Total	184.340	83.980	280.783	127.246	402.150	155.341

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

6.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

6.3.1 - Carne de Frango *in natura*

O comércio mundial de carne de frango *in natura* passou de 7,8 milhões de toneladas em 2003 para 9,1 milhões de toneladas em 2007, registrando um crescimento médio de 3,7% nos últimos cinco anos. Estas 9,1 milhões de toneladas de carne de frango *in natura* comercializadas representaram 12,3% da produção mundial. Com a elevação dos preços (+8,6%) acima das quantidades comercializadas (+3,7%), o valor do comércio atingiu US\$ 12,7 bilhões em 2007, um aumento de 12,6% ao ano entre 2003 e 2007.

Da produção brasileira de 9,7 milhões de toneladas de carne de frango, 3,0 milhões de toneladas de carne de frango *in natura*, ou 31% da produção, são vendidas ao exterior. Essa quantidade exportada em 2007 é fruto de uma elevação anual média de 11,8% na quantidade vendida ao ano, entre 2003 e 2007, enquanto o comércio mundial do produto aumentou os mencionados 3,7%. Com efeito, a participação do país na quantidade total comercializada subiu de 29,9% para 39,9% em apenas cinco anos.

¹ Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Mapa. Intercâmbio Comercial do Agronegócio – Principais Mercados de Destino. Pág. 15. Edição 2008.

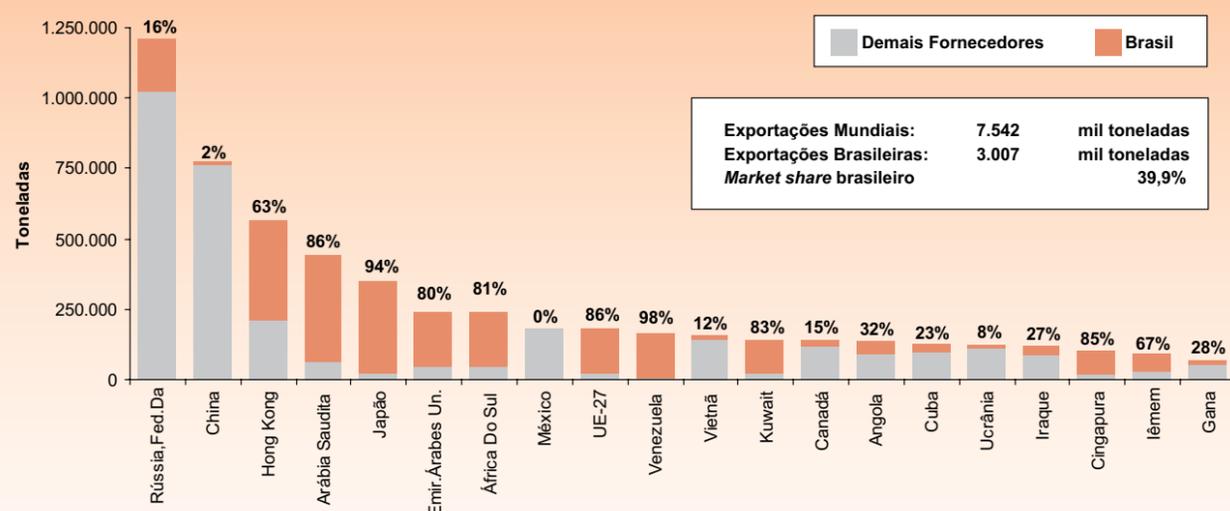
Detendo quase um terço do total comercializado do produto, a participação brasileira não poderia deixar de ser significativa nos principais mercados importadores, como: Hong Kong (63%); Arábia Saudita (86%); Japão (94%); Emirados Árabes Unidos; e África do Sul (81%).

Todavia, nos dois principais mercados, Rússia e China, a participação brasileira é muito inferior à sua média mundial (33%), 16% e 2%, respectivamente. O único país que está entre os dez maiores importadores e que não adquire o produto do Brasil é o México.

Gráfico 6.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
CARNE DE FRANGO IN NATURA (SH 020711+020712+020713+020714)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	3	8	-5	5	-7	11	17	-13	-11	78	225	15	15	8	1	6	121	2	0	17
Do Brasil	-2	1	16	7	16	18	26	0	-2	77	-	19	51	8	30	-28	87	8	0	44

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de carne de frango *in natura* de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Ucrânia; China; Angola; e Arábia Saudita.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras

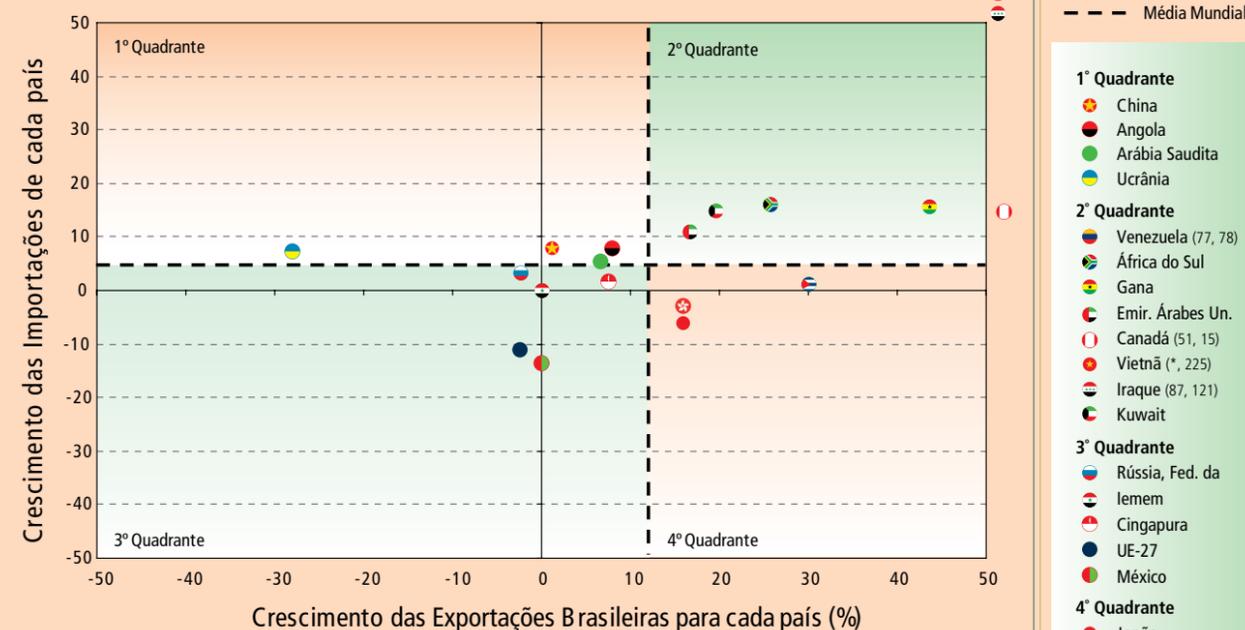
– Vietnã; Iraque; Venezuela; Kuwait; África do Sul; Gana; Emirados Árabes Unidos; e Canadá.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Rússia; Iêmen; Cingapura; União Europeia; e México.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Hong Kong, Cuba, Japão.

Gráfico 6.5 CARNE DE FRANGO IN NATURA (SH 020711 + 020712 + 020713 + 020714)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

6.3.2 – Carne de Frango Industrializada

Quanto à carne de frango industrializada, a quantidade comercializada está crescendo em ritmo cinco vezes superior ao da carne de frango *in natura*, com expan-

são de mais de 20,7% ao ano. Não obstante o crescimento acelerado, o valor comercializado em carne de frango industrializada ainda representa 30,8% (ou

US\$ 3,9 bilhões) dos US\$ 12,7 bilhões comercializados em carne de frango *in natura*. Outro aspecto interessante no comércio de carne de frango industrializada é que os dois principais mercados importadores, Japão e União Europeia, concentram quase 80% das compras.

O Brasil expandiu muito as vendas externas do produto, de 37,7 mil toneladas em 2003 para 155,3 mil

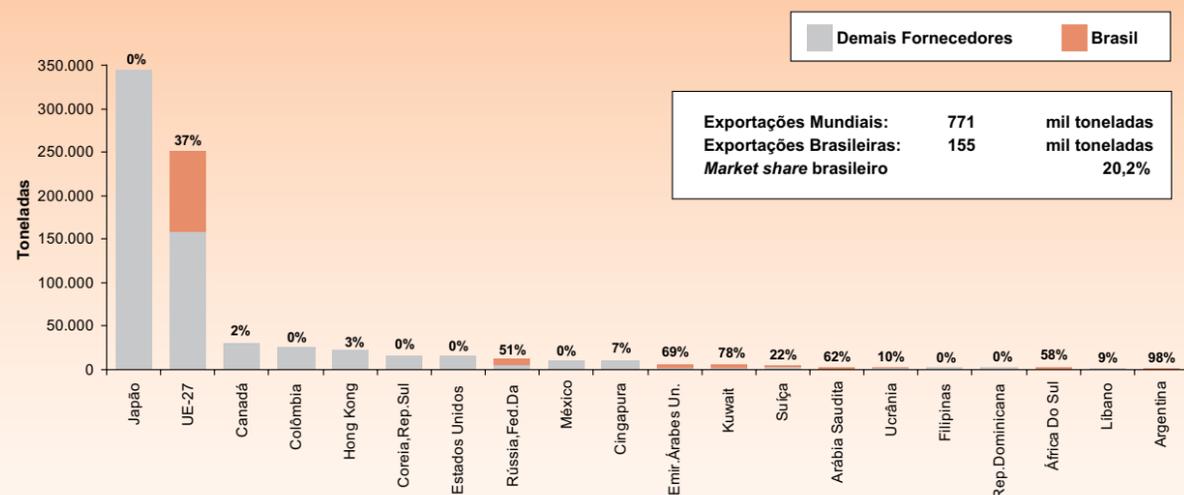
toneladas em 2007. Esse aumento possibilitou quase dobrar a participação brasileira no comércio do produto nestes últimos cinco anos, chegando a 20,7% da quantidade total comercializada em 2007.

As exportações brasileiras são realizadas fundamentalmente para o segundo principal mercado, a União Europeia. No mercado Japonês, maior mercado mundial, as vendas foram insignificantes.

Gráfico 6.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2)
CARNE DE FRANGO INDUSTRIALIZADA (SH 160232)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	11	21	7	334	37	68	10	10	19	15	24	14	5	39	23	36	61	183	-5	32
Do Brasil	13	21	-	0	3	0	-35	154	0	137	46	49	-	51	-	0	0	234	114	48

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

A média da expansão mundial de comercialização (+20,7), em quantidade, permite traçar uma linha horizontal tracejada que divide o gráfico abaixo entre os mercados que compraram acima ou abaixo desta média. Outro parâmetro que serve como divisão para os quadrantes é o crescimento médio das exportações brasileiras (+42,4%), em quantidade.

No primeiro quadrante se situam Colômbia, Coreia do Sul, Hong Kong, União Europeia, Filipinas e República Dominicana. Interessante notar que o maior comprador do produto brasileiro, a União Europeia, está neste quadrante, com aumento médio das aquisições de +20,9%. Porém, existem alguns países que estão aumentando as compras acima de 20,7% ao ano, em média, mas não houve vendas brasileiras.

É o caso da Colômbia, Coreia do Sul, Filipinas e República Dominicana.

Suíça, Canadá, Rússia, Japão, Estados Unidos, Kuwait, Cingapura e México foram países que menos elevaram a quantidade adquirida de carne de frango industrializada, ficando, portanto, no 3º e 4º quadrantes. Dentre estes países, o destaque negativo

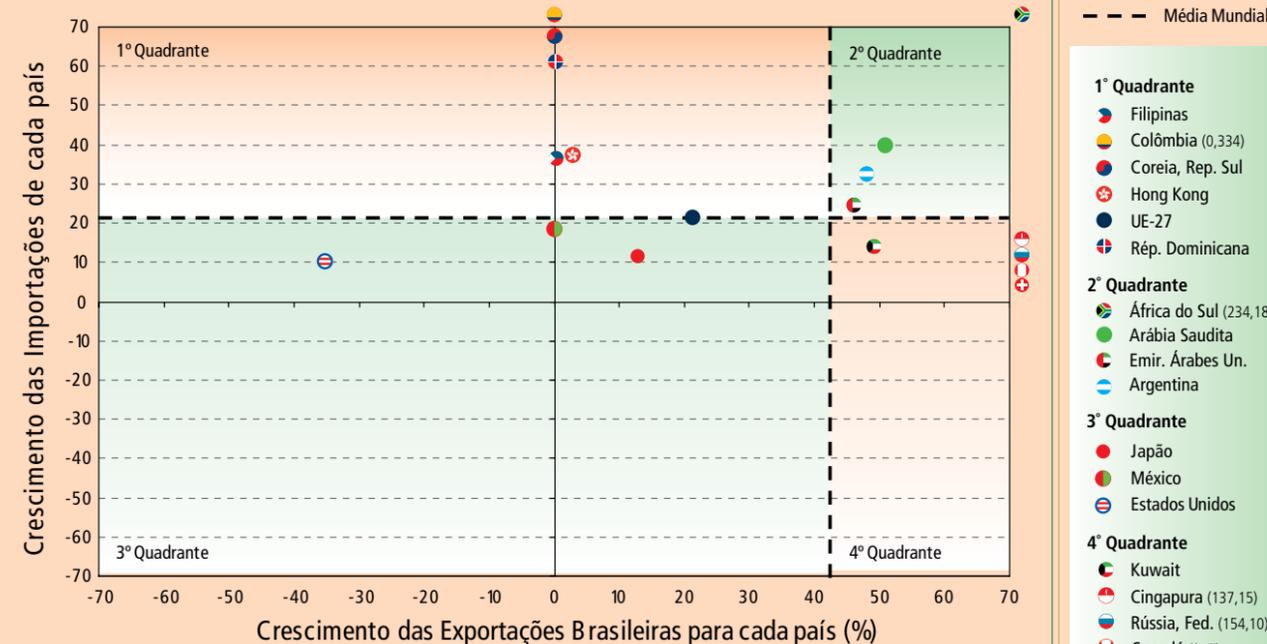
para as vendas brasileiras são os Estados Unidos, único país da relação em que a quantidade exportada pelo Brasil reduziu (-35% ao ano).

Sobressaem pela expansão das compras e elevação das vendas brasileiras a Arábia Saudita e a África do Sul, 14º e 18º maiores mercados importadores, respectivamente.

Gráfico 6.7

CARNE DE FRANGO INDUSTRIALIZADA (SH 160232)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

**CARNE DE
PERU**

7. Carne de Peru

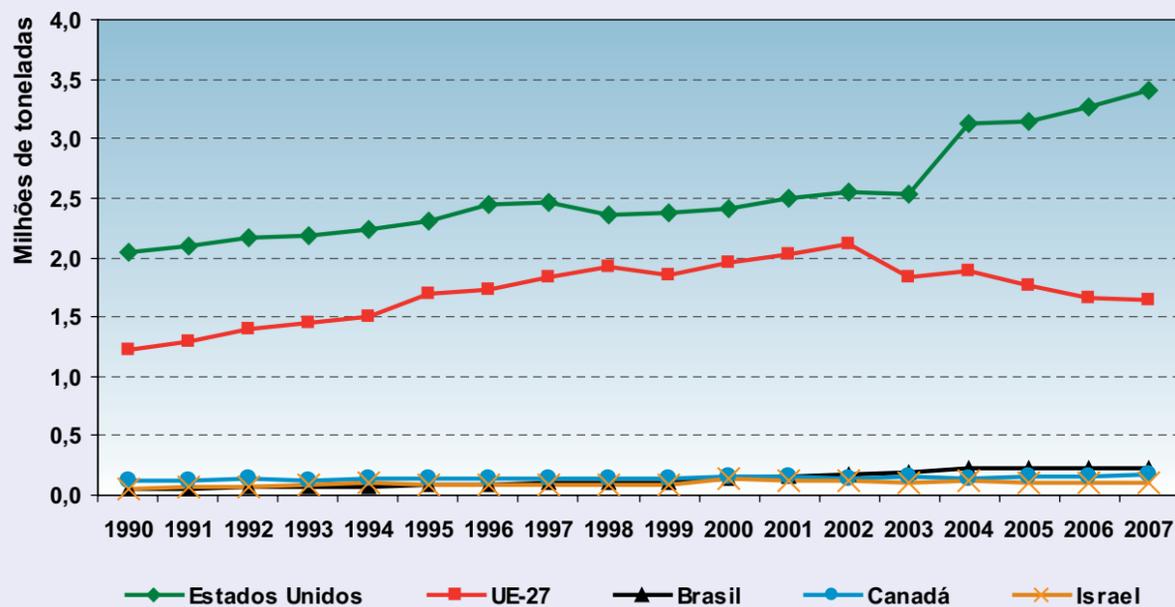
Segundo dados da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), a produção mundial de carne de peru cresceu, em quantidade, a uma taxa média anual de 1,9% entre 1990 e 2007, atingindo, no último ano, o patamar de 5,9 milhões de toneladas. No mesmo período, a produção brasileira cresceu a uma taxa de 9,0% ao ano, atingindo a marca de 230 mil toneladas em 2007. Dessa forma, o Brasil teve sua participação aumentada em 2,5 pontos percentuais, representando, em 2007, 3,9% da produção mun-

dial. Não obstante, o país ainda se encontra muito distante dos maiores produtores (Estados Unidos e União Europeia), os quais representam mais de 85% da produção total.

Em 2007, os maiores produtores de carne de peru foram os Estados Unidos (3,4 milhões de toneladas); União Europeia (1,6 milhões de toneladas); Brasil (230 mil toneladas); Canadá (168,9 mil toneladas); e Israel (98 mil toneladas).

Gráfico 7.1

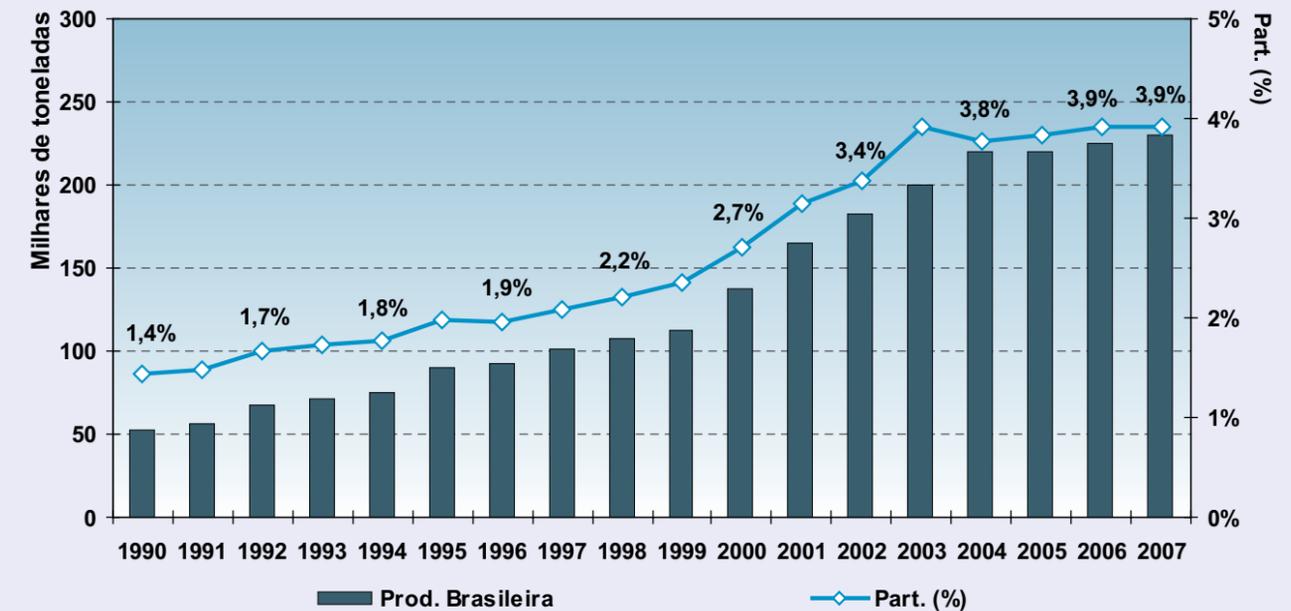
Principais produtores mundiais de carne de peru (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 7.2

Produção brasileira de carne de peru e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

7.1. Cotação da Carne de Peru

Entre 2002 e 2008, os preços médios mensais das exportações brasileiras de carne de peru mais do que triplicaram, exercendo importante papel no crescimento das receitas auferidas com as vendas externas deste produto. O preço médio, que era de US\$ 938 por tonelada em setembro de 2002, passou para US\$ 2.967 por tonelada em setembro de 2008, o maior valor da série histórica que inicia em 1997.

Segundo informações da FAO, a causa principal da elevação dos preços, tanto no Brasil quanto em outros países produtores, foi o aumento dos custos de produção, influenciados pela elevação nos preços internacionais do milho – base da ração animal –, pelo aumento da demanda internacional e pela mudança no padrão internacional do comércio gerada pela gripe aviária.

7.2. Exportações Brasileiras

Entre 2002 e 2007, as exportações brasileiras de carne de peru cresceram a uma taxa média anual de 30,1%, atingindo no último ano o montante de US\$ 390,3 milhões. Esse expressivo crescimento se deveu tanto a expansão do preço quanto da quantidade exportada. Em 2007, foram 177,3 mil toneladas exportadas, com um crescimento médio de 14,6% nos últimos cinco anos.

O maior comprador de carne de peru do Brasil, conforme o gráfico abaixo, é a União Europeia, cujas importações foram de US\$ 301,6 milhões em 2007, com um crescimento de 52,1% em relação a 2006. Outros importantes compradores do produto brasileiro em 2007 foram África do Sul e Federação da Rússia, com importações de US\$ 16,5 milhões e US\$ 14,5 milhões, respectivamente.

Tabela 7.1

Exportações Brasileiras de Carne de Peru						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
In natura (SH 020724+020725+020726+020727)						
União Europeia	108.563	58.762	54.941	28.130	56.778	20.481
África do Sul	9.334	12.259	10.179	13.247	14.294	13.669
Rússia, Fed.da	26.584	14.116	18.481	10.501	13.607	6.980
Suíça	2.438	1.060	5.228	2.105	7.676	2.446
Gabão	2.044	3.437	3.110	4.559	7.144	7.927
Demais	19.288	22.203	20.164	20.449	40.848	32.699
Total	168.251	111.837	112.104	78.991	140.348	84.202
Industrializada (SH 160231)						
União Europeia	84.620	46.298	143.390	70.549	244.827	89.866
África do Sul	914	712	2.128	1.927	2.180	1.506
Rússia, Fed.da	836	503	1.074	599	863	387
Angola	472	299	423	690	551	343
Argentina	1.047	672	308	304	547	406
Demais	619	350	3.396	2.995	973	621
Total	88.508	48.835	150.717	77.064	249.941	93.128

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa

7.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

7.3.1 - Carne de Peru *in natura*

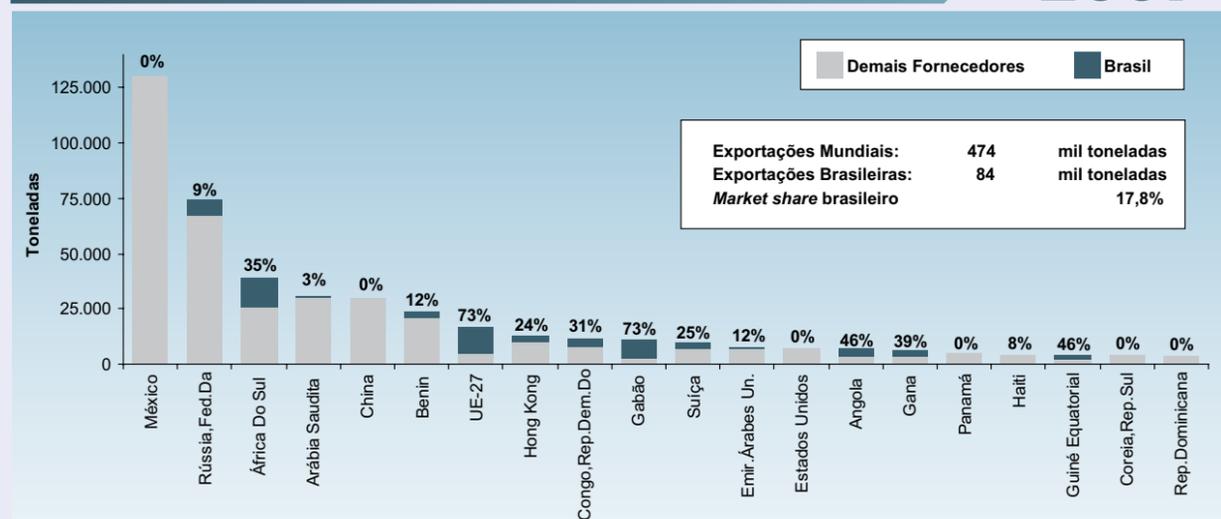
Em 2007, as exportações mundiais de carne de peru *in natura* somaram 474 mil toneladas. Desse total, o Brasil participou com 17,8%, o que representou exportações de 84 mil toneladas. O gráfico abaixo contém os 20 (vinte) principais importadores de carne de peru *in natura* em 2007 e a participação brasileira, em quantidade, no respectivo mercado. Percebe-se que, dentre os mercados listados, o Brasil

possuía participação nula no México, na China, nos Estados Unidos, no Panamá, na Coreia do Sul; e na República Dominicana. Por outro lado, o país obteve participação significativa na África do Sul (35%); na União Europeia (73%); em Hong Kong (24%); na Rep. Dem. do Congo (31%); no Gabão (73%); na Suíça (25%); em Angola (46%); em Gana (39%); e na Guiné Equatorial (46%).

Gráfico 7.3

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
CARNE DE PERU *IN NATURA* (SH 020724 + 020725 + 020726 + 020727)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	-3	-9	9	-9	-19	-4	-5	-24	19	36	5	62	62	25	33	3	-1	36	-6	21
Do Brasil	0	-10	8	11	0	24	10	34	49	55	29	53	-100	21	39	0	-43	154	0	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de carne de peru *in natura* de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Estados Unidos, Haiti, e Federação Russa.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e

crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Emirados Árabes Unidos; Guiné Equatorial, Gabão, Gana, Angola, República Dominicana, Rep. Dem. do Congo, África do Sul, Panamá, Suíça, México, União Europeia, Benin, Coreia do Sul, Arábia Saudita, China, Hong Kong.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – nenhum país se encontra neste quadrante.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – nenhum país se encontra neste quadrante.

Nota-se, através do gráfico 4, que houve retração, da quantidade, comercializada no mundo de carne de peru *in natura* no período 2003-2007. Neste período, as importações mundiais reduziram em 34,6% ao ano, passando de um patamar de 2,6 milhões de toneladas, em 2003, para o de 473,9 mil toneladas em 2007. Não obstante, embora a quantidade transacionada deste produto esteja sendo reduzida, dezessete dos vinte principais mercados se encontram no segundo quadrante. Isto é, ainda se mostram dinâmicos em comparação com a conjuntura do mercado deste produto. Nesta situação, destacam-se Emirados Árabes Unidos, Guiné

Equatorial, Gabão, Gana e República Democrática do Congo.

Os outros três mercados que se encontram dentre os vinte maiores importadores - Estados Unidos, Federação da Rússia e Haiti – estão localizados no primeiro quadrante do gráfico 4. No que concerne à Rússia e ao Haiti, estes estão reduzindo suas importações de carne de peru *in natura*, o que têm impactado as aquisições do produto brasileiro. Já os Estados Unidos, embora tenham aumentado suas importações totais em 62% ao ano, entre 2003 e 2007, não importam o produto brasileiro.

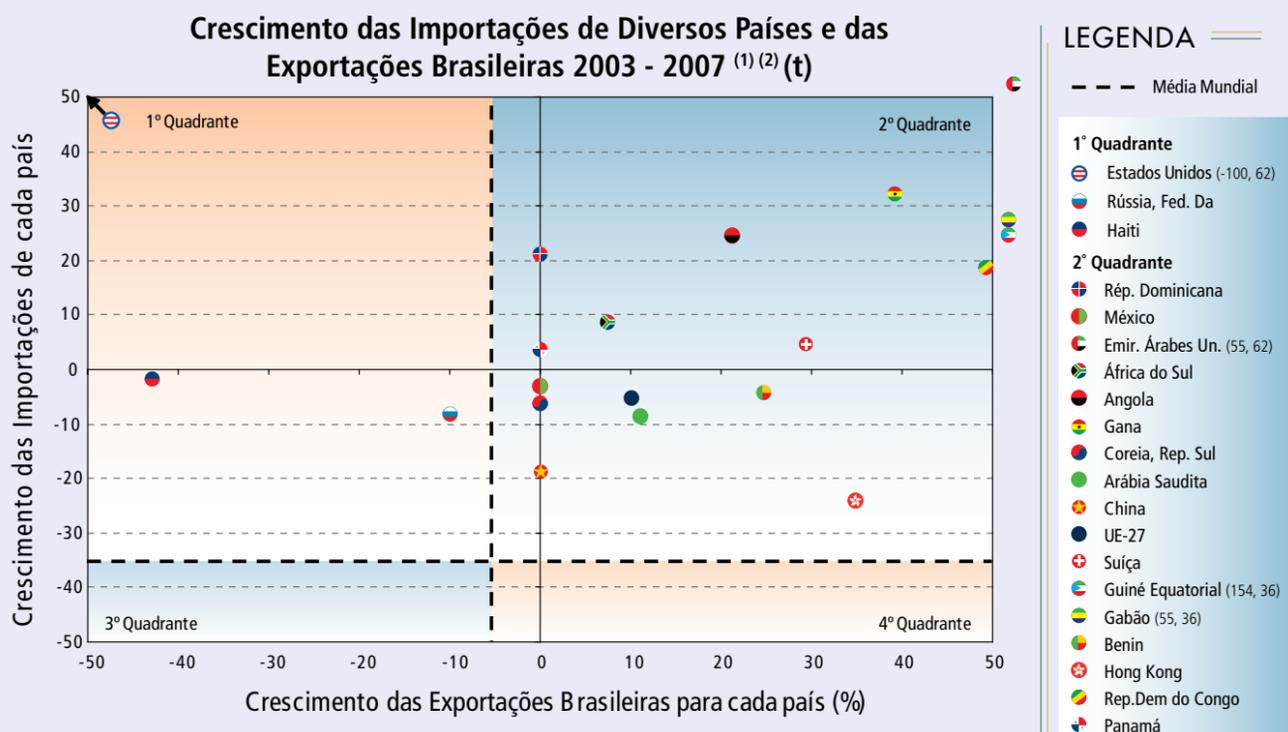
7.3.2 – Carne de Peru Industrializada

Em 2007, as exportações mundiais de carne de peru industrializada somaram 110 mil toneladas. Desse total, o Brasil participou com 84,6%, o que representou exportações de 93 mil toneladas. Cabe ressaltar, entretanto, que esta significativa participação brasileira se deve a boa inserção no mercado europeu, uma vez que não há acesso à metade dos mercados arrolados abaixo. Neste ano, a União Europeia absorveu 84,1 mil toneladas de carne de peru industrializada,

o equivalente a 76,3% das importações mundiais do produto.

Além da União Europeia, outros mercados que o Brasil obteve participação significativa em 2007 foram: África do Sul (79,8%); Argentina (43,7%); Angola (59,2%); Federação Russa (82,8%); Emirados Árabes Unidos (35,1%); e Kuwait (20,0%).

Gráfico 7.4 CARNE DE PERU IN NATURA (SH 020724 + 020725 + 020726 + 020727)



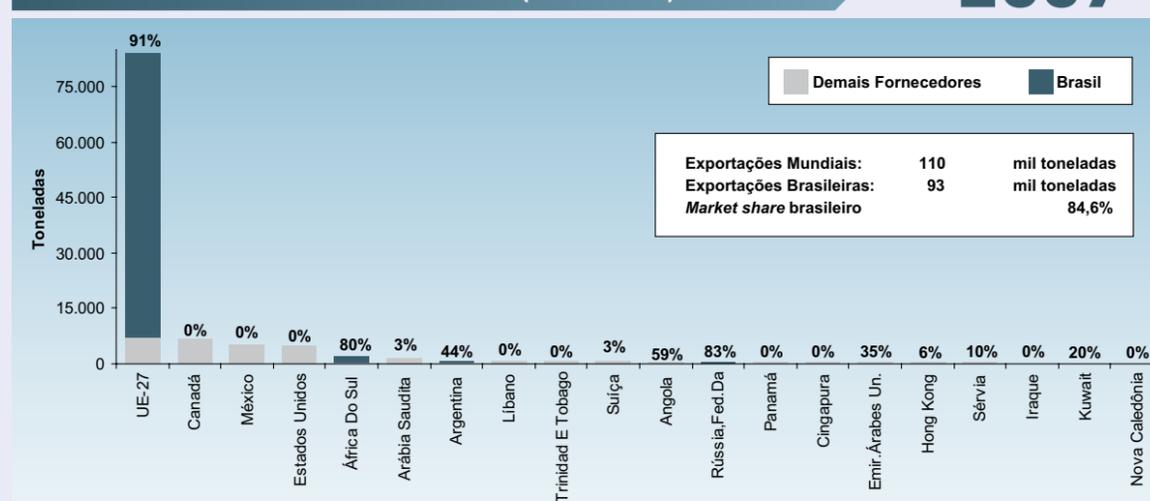
Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

Gráfico 7.5 Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2) CARNE DE PERU INDUSTRIALIZADA (SH 160231) 2007



	7	19	15	27	131	6	23	26	50	-8	71	-13	97	28	28	33	9	-8	-29	18
Do Mundo	7	19	15	27	131	6	23	26	50	-8	71	-13	97	28	28	33	9	-8	-29	18
Do Brasil	286	0	0	0	179	-	0	0	0	-	-	-1	0	0	153	-	-	0	34	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

(3) Dados da Sérvia em 2003 se referem à Sérvia e Montenegro.

Em seguida, fez-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de carne de peru industrializada pelo mercado com a taxa média anual das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quatro quadrantes:

I) **1º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – África do Sul, Panamá, Trinidad e Tobago, Cingapura, Estados Unidos, Argentina, Líbano, Canadá, Nova Caledônia, México, União Europeia e Emirados Árabes Unidos.

II) **2º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e cresci-

mento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Sérvia, Angola e Hong Kong.

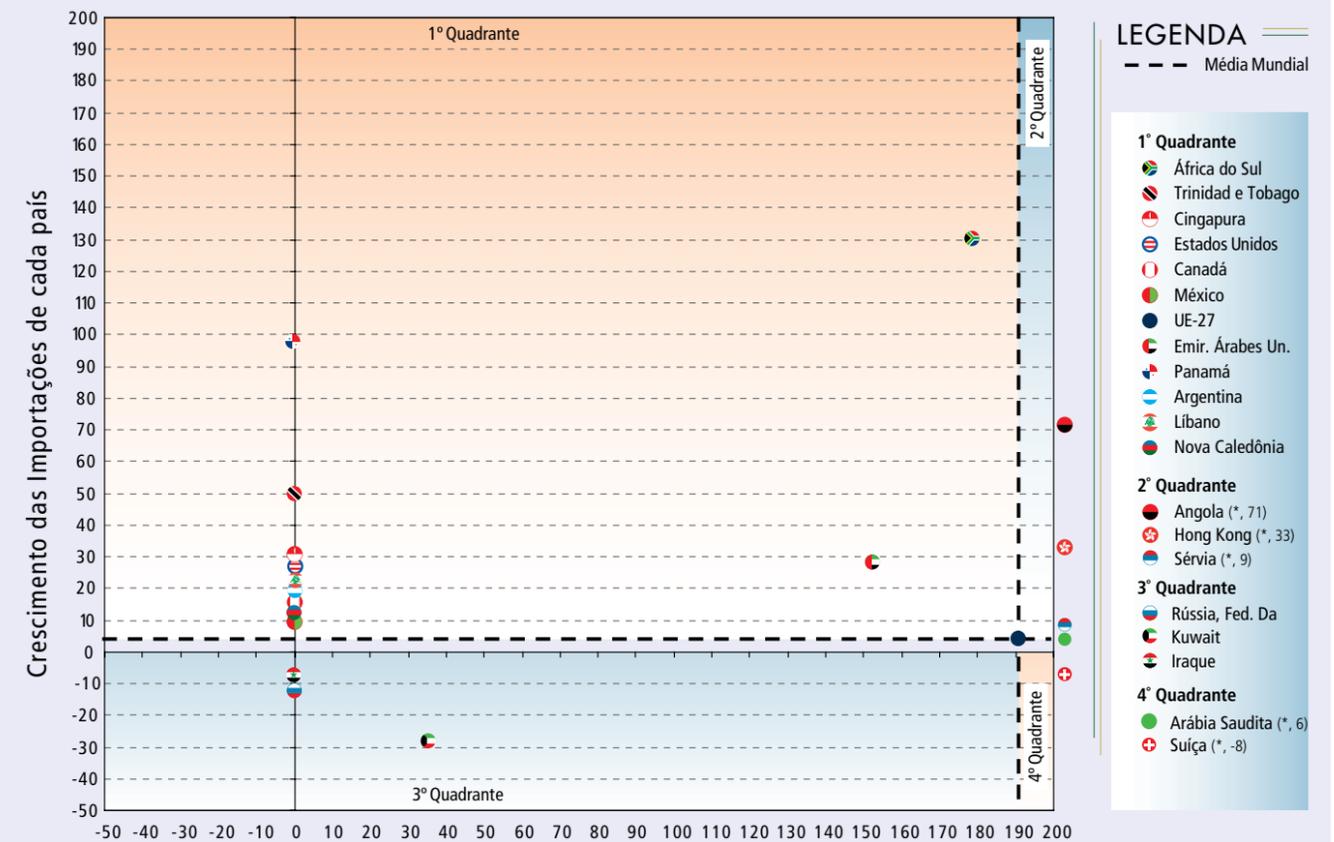
III) **3º Quadrante:** crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Iraque, Federação da Rússia e Kuwait.

IV) **4º Quadrante:** crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Arábia Saudita e Suíça.

Gráfico 7.6

CARNE DE PERU INDUSTRIALIZADA (SH 160231) ⁽³⁾

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2) (t)}



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

(3) Dados da Sérvia em 2003 se referem à Sérvia e Montenegro

* Não houve exportações para o país em 2003

CARNE

SUÍNA

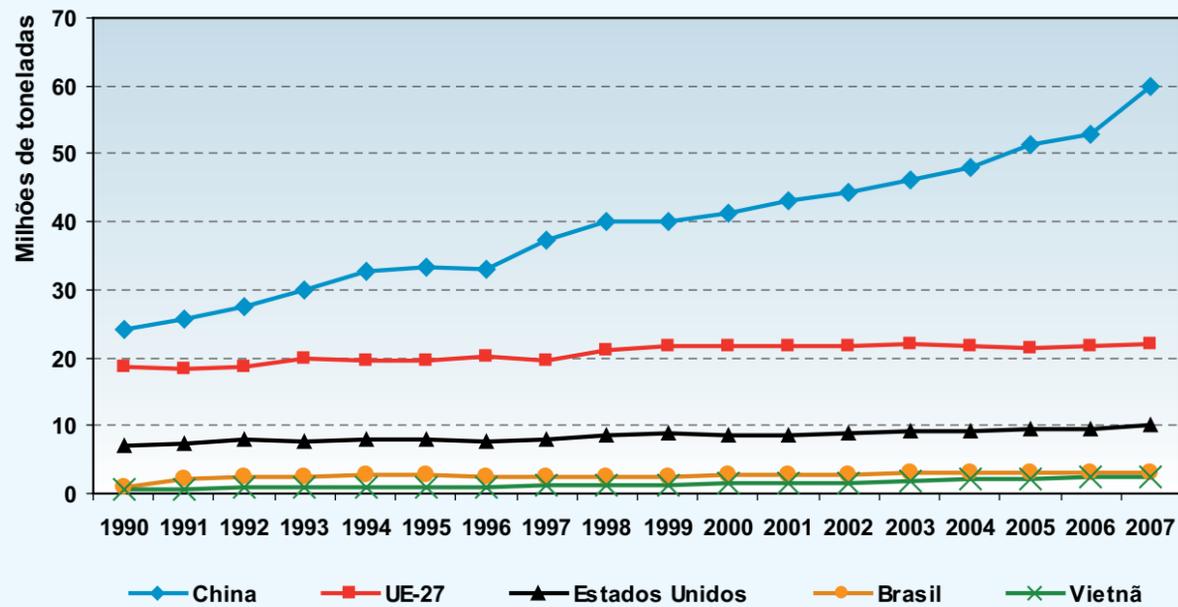
8. Carne Suína

A produção mundial de carne suína, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), teve um crescimento estimado de 2% em 2008, totalizando 98,5 milhões de toneladas, depois de declínio de 3% em 2007, devido à ocorrência de enfermidade que levou ao sacrifício de quase 1 milhão de animais na China, o maior produtor mundial. Em 2006 e 2007, o declínio da produção chinesa interrompeu um crescimento contínuo desde 1997, em que a produção mundial cresceu a uma taxa média anual de 3,0%. Considerando o período entre 1997 e 2007, a taxa anual foi 2%.

A China é o principal produtor de carne suína com 46% do total mundial, seguida da União Europeia, Estados Unidos e Brasil, com 23% 14% e 3%, respectivamente. Partindo de um nível de produção menor, a produção brasileira foi a que apresentou maior taxa de crescimento média anual, 6,6% ao ano entre 1990 e 2007 e de 3% entre 1997 e 2007. A União Europeia, por outro lado, apresentou a menor taxa de crescimento entre os principais produtores, cerca de 1% ao ano. Tanto China quanto Estados Unidos apresentaram taxas de incremento em torno da média de 2% ao ano.

Gráfico 8.1

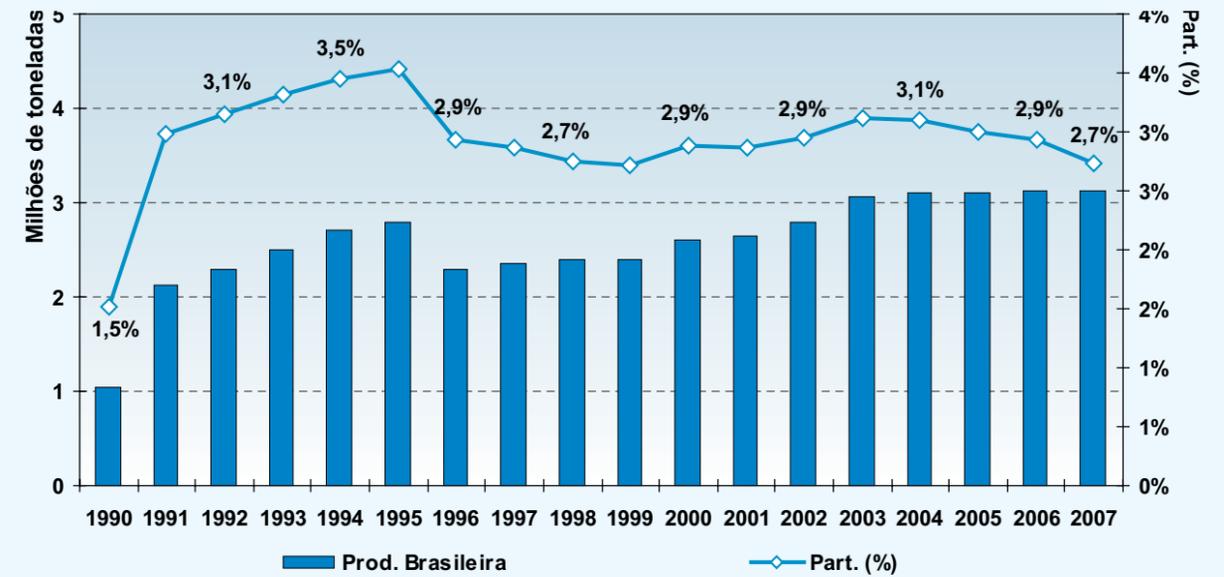
Principais produtores mundiais de carne suína (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 8.2

Produção brasileira de carne suína e participação na produção mundial

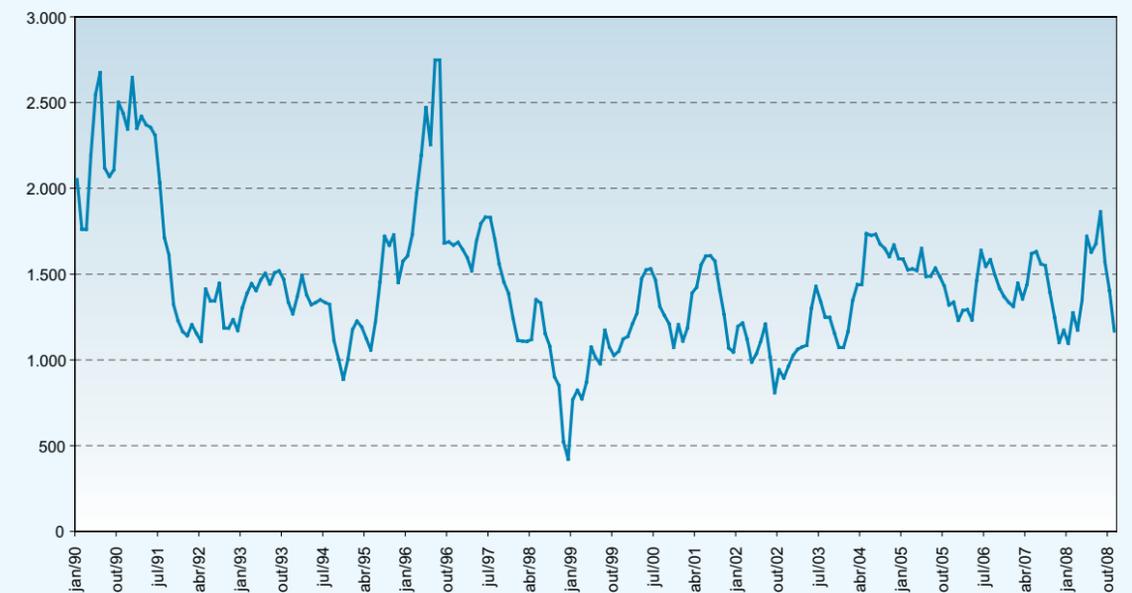


Fonte: FAO/ ProdStat

8.1. Cotação da Carne Suína

Gráfico 8.3

Preços Internacionais da Carne Suína (US\$/kg)



Fonte: Banco Mundial; FMI

8.2. Exportações Brasileiras

No período de 2005 a 2007, a quantidade exportada de carne suína apresentou declínio de cerca de 5%, devido principalmente à redução dos embarques para a Rússia. Em 2005, a Rússia era responsável por cerca de 70% das exportações de carne suína brasileira. O volume exportado para Rússia diminuiu 30% entre 2005 e 2007, passando de 390 mil toneladas para 272 mil toneladas. Em 2007, a participação das vendas para a Rússia no total exportado diminuiu para 50%.

Com a significativa queda das exportações para Rússia, o principal objetivo do setor exportador de carne suína nos últimos três anos foi aumentar as exportações para novos mercados e diversificar os mercados de destino. Os mercados para os quais as exportações mostraram maior incremento foram Hong Kong (79,5%); Ucrânia (149,8%); Cingapura (92,8%); e Argentina (64,8%).

Tabela 8.1

Exportações Brasileiras de Carne Suína						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
In natura (SH 0203)						
Rússia, Fed.da	793.480	389.748	614.766	256.937	662.518	271.752
Hong Kong	67.663	45.493	75.082	55.471	135.226	81.675
Ucrânia	34.071	21.917	74.861	50.184	93.854	54.747
Cingapura	33.430	16.537	54.349	25.244	68.845	31.876
Argentina	28.674	13.280	30.968	15.186	47.797	21.882
Demais	165.833	92.439	140.091	81.195	153.806	90.244
Total	1.123.151	579.413	990.118	484.217	1.162.045	552.176
Industrializada (SH 160241+160242+160249)						
Hong Kong	3.556	2.454	4.696	2.864	8.258	4.567
Argentina	1.604	832	2.154	1.124	2.389	1.305
Angola	168	105	158	101	1.485	898
Uruguai	545	326	799	433	902	529
Paraguai	458	352	642	462	855	555
Demais	583	331	646	452	1.172	691
Total	6.914	4.399	9.095	5.436	15.060	8.545

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

8.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

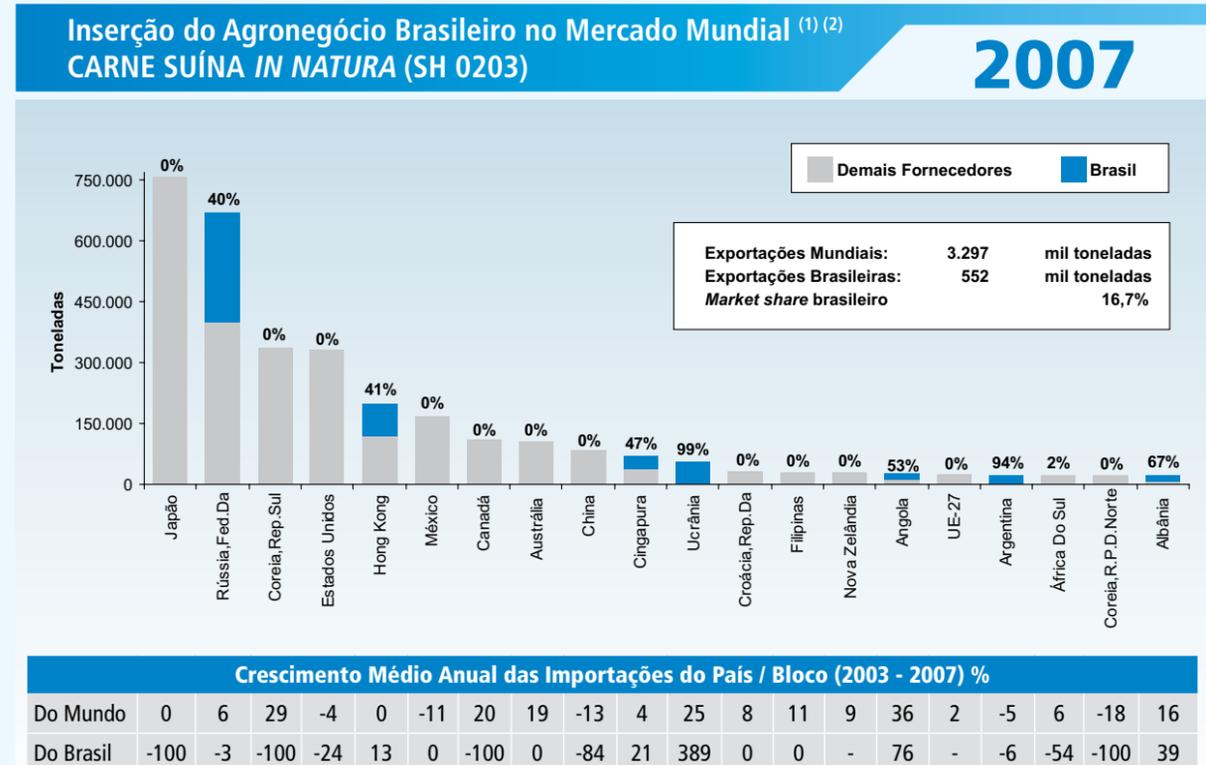
8.3.1 - Carne Suína in natura

O Brasil é o quarto exportador mundial de carne suína *in natura*, sendo responsável por 16,7% da quantidade comercializada do produto no mundo. A participação brasileira cresceu na primeira metade dos anos 2000 baseada no aumento das exportações para a Rússia. O grau de concentração das exportações brasileiras para a Rússia chegou a alcançar 80%.

O crescimento das exportações brasileiras de carne suína é limitado pelos requisitos sanitários que impedem o acesso aos principais mercados. O Brasil não acessa sete dos dez maiores mercados importadores:

Japão, Coreia do Sul, Estados Unidos, México, Canadá, Austrália e China. Dentre os vinte principais mercados importadores de carne suína, os mercados que o Brasil não acessa são responsáveis por 60% do valor importado por esses compradores conjuntamente. O Brasil possui participação expressiva nos seguintes mercados: Rússia (2º importador mundial, onde as exportações brasileiras representam 40% do mercado), Hong Kong (5º mercado mundial com participação brasileira de 41%) e Cingapura (10º mercado mundial, onde a participação brasileira alcança 47%).

Gráfico 8.4



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de carne suína *in natura* de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) **1º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Coreia do Sul, Canadá, África do Sul, Austrália, Filipinas, Croácia e Rússia.

II) **2º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Angola, Cingapura, Ucrânia, Albânia e Nova Zelândia.

III) **3º Quadrante:** crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – União Europeia, Japão, Estados Unidos, Argentina, México, China e Coreia do Norte.

IV) **4º Quadrante:** crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Hong Kong.

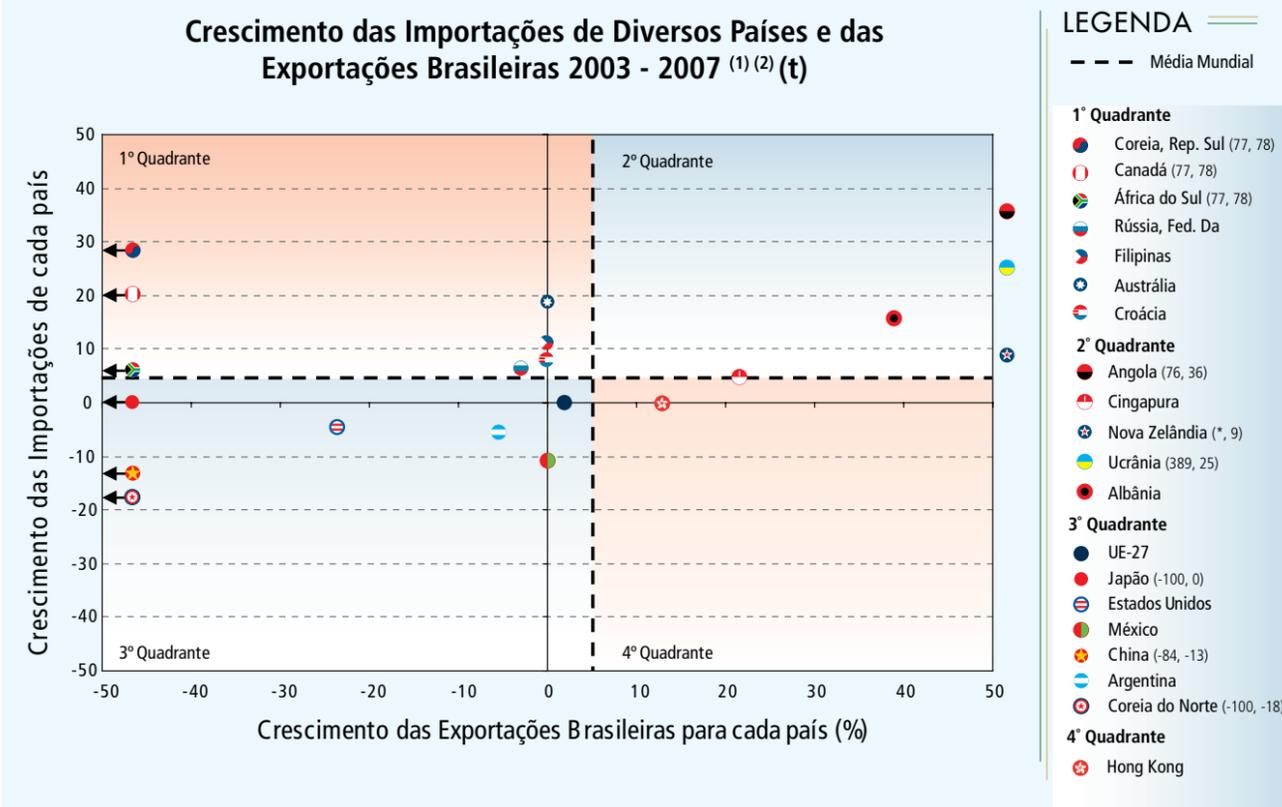
O crescimento da quantidade exportada pelo Brasil (5%) foi maior do que o aumento da quantidade importada pelo mundo (4%), resultando em um aumento da participação brasileira no mercado mundial de um ponto percentual atingindo 17%. No segundo quadrante se encontram mercados pequenos e dinâmi-

cos para onde estão se diversificando as exportações brasileiras. Destacam-se neste quadrante Ucrânia e Angola, onde o *market share* do Brasil alcançou 99% e 53%, respectivamente.

No primeiro quadrante encontram-se grandes mercados para os quais o Brasil não exporta como Coreia do Sul e Canadá. Os principais fornecedores da Coreia do Sul são Estados Unidos, Canadá, Chile e União Europeia. No caso do Canadá o principal fornecedor são os Estados Unidos, com quase 96% das compras canadenses de 110 mil toneladas. Canadá, Estados Unidos e União Europeia são os principais fornecedores das 106 mil toneladas compradas pela Austrália. Entre os países para os quais o Brasil exporta destaca-se neste quadrante a Rússia cujas importações totais de carne suína cresceram 6% ao ano e para onde as exportações brasileiras declinaram 3% ao ano. A participação brasileira nesse mercado reduziu-se de 56% para 40%, sendo compensada pelo aumento da participação de União Europeia, Estados Unidos e Canadá.

Hong Kong é o único mercado presente no quarto quadrante. As importações de Hong Kong mantiveram-se constantes no período de 2003 a 2007 e as exportações brasileiras cresceram 12,5%. No terceiro quadrante estão alguns mercados pouco dinâmicos, mas que são responsáveis por substancial parcela das importações mundiais de carne suína *in natura* e que o Brasil não acessa devido a requisitos sanitários: Japão, Estados Unidos, México e China. No caso dos Estados Unidos e México, verifica-se um volumoso comércio intra-bloco, em que as importações dos Estados Unidos se originam principalmente do Canadá e as importações mexicanas se originam predominantemente dos Estados Unidos. O Japão é o maior importador mundial e responsável por 20% da quantidade e quase 40% do valor importado de carne suína *in natura*. Seus principais fornecedores são Estados Unidos, União Europeia, México e Chile.

Gráfico 8.5

CARNE SUÍNA *IN NATURA* (SH 0203)

8.3.2 – Carne Suína Industrializada

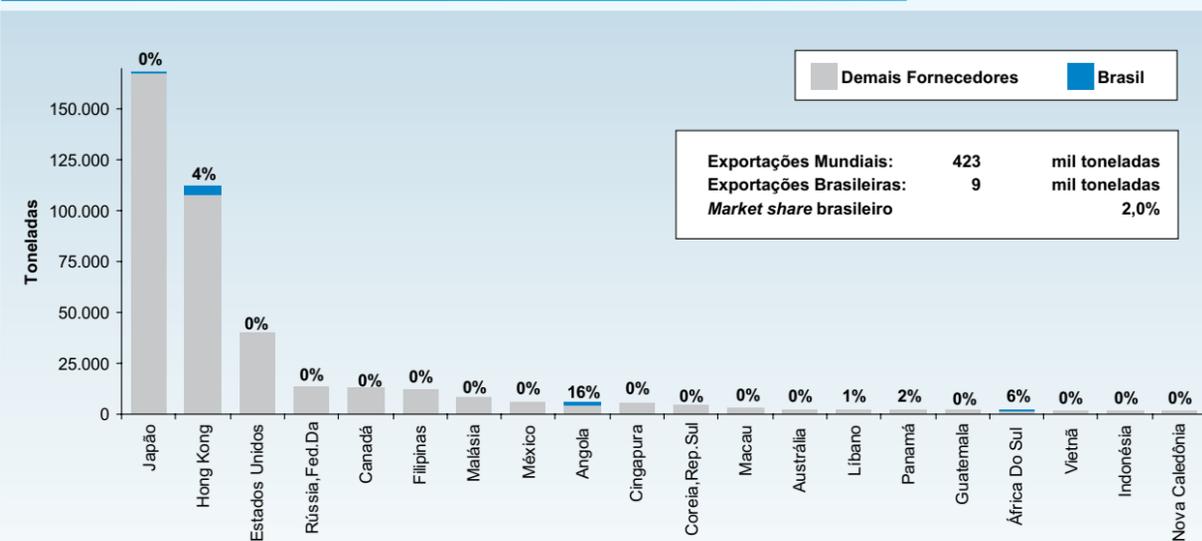
No gráfico 6, são apresentadas as importações totais dos vinte maiores importadores de carne suína industrializada. De acordo com dados das Nações Unidas, em 2007, as importações mundiais de carne suína industrializada totalizaram 423 mil toneladas. Os maiores importadores mundiais são Japão, Hong Kong, Estados Unidos, Rússia, Canadá e Filipinas. Juntos esses países foram responsáveis por cerca de 85% das importações totais dos produtos.

A participação brasileira no mercado de carne suína industrializada é pouco significativa totalizando apenas 2,0%. Considerando os vinte maiores importadores mundiais, o Brasil participa apenas dos mercados de Hong Kong, Angola e África do Sul.

Gráfico 8.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
 CARNE SUÍNA INDUSTRIALIZADA (SH 160241 + 160242 + 160249)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	19	20	-10	11	14	13	70	-2	60	-12	8	18	-5	-5	-3	4	13	69	-9	1
Do Brasil	897	11	0	0	0	0	0	0	236	0	0	0	0	-	-	0	72	0	0	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

Assim como na carne suína *in natura* realizou-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de carne suína industrializada pelo mercado com a taxa média anual das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quatro quadrantes:

I) **1º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Malásia, Vietnã, Hong Kong, Macau, Canadá, Filipinas e Rússia.

II) **2º Quadrante:** crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Angola, Japão, África do Sul.

III) **3º Quadrante:** crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Coreia do Sul, Guatemala, Nova Caledônia, México, Austrália, Indonésia, Estados Unidos e Cingapura.

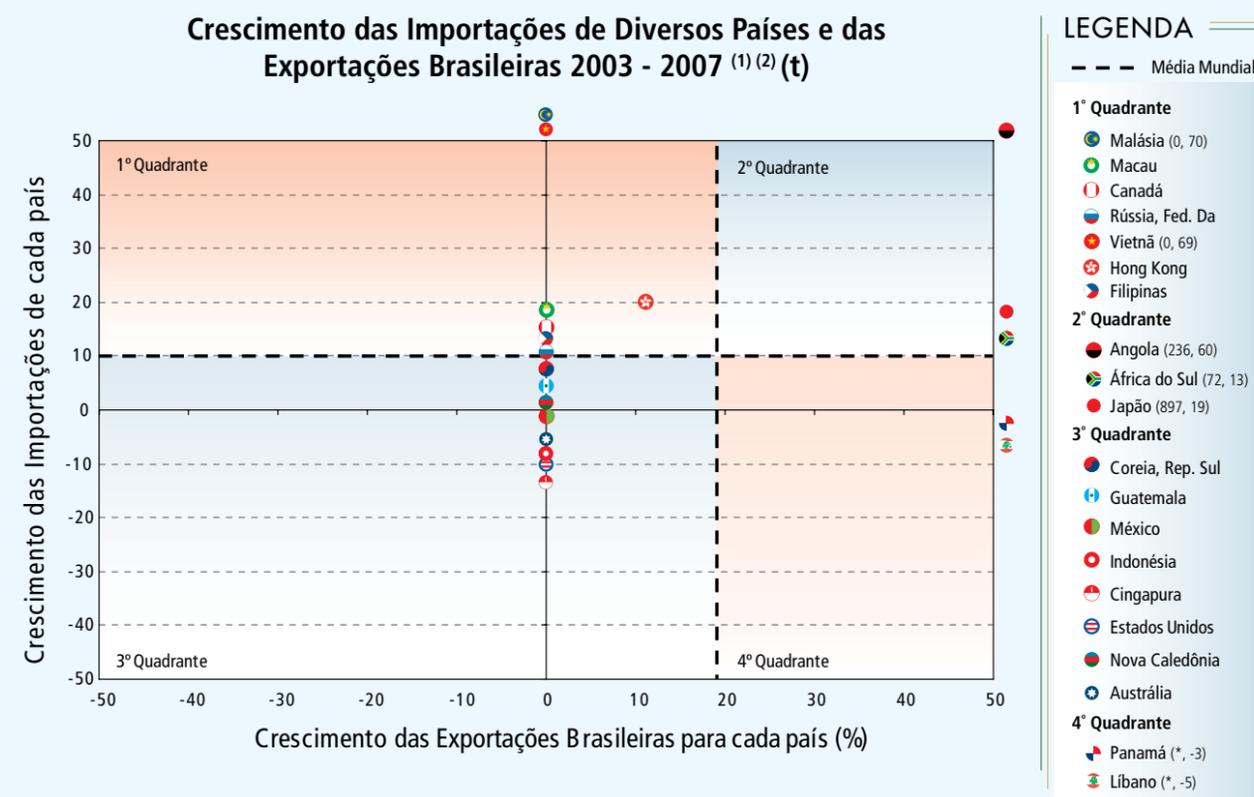
IV) **4º Quadrante:** crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Panamá e Líbano.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Para o Brasil é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1.

Gráfico 8.7

CARNE SUÍNA INDUSTRIALIZADA (SH 160241 + 160242 + 160249)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

LÁCTEOS

9. Lácteos

A produção mundial de leite está crescendo num ritmo médio de 1,0% ao ano. Com efeito, houve um aumento da produção global em 18% entre 1990 e 2007. Esse ritmo de expansão não foi semelhante em todos os países, conforme se percebe no gráfico 1.

Os países que compõem a União Europeia são os maiores produtores de leite do mundo. Não obstante tal fato, a produção do Bloco oscila ao redor de 150 milhões de toneladas desde o início dos anos 90 do século passado. Essa estagnação da produção reduziu a parcela do Bloco na produção mundial de 31% em 1990 para 26% em 2007.

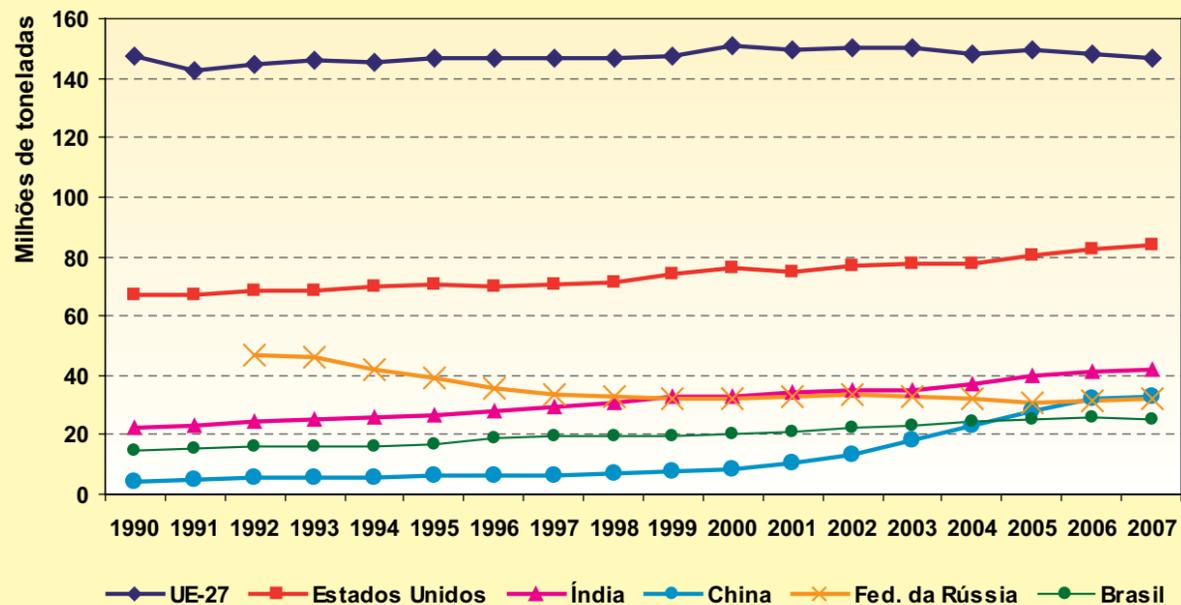
Os Estados Unidos, segundo maior produtor, expandiram a produção para 84,1 milhões de toneladas, ou 15% da produção mundial em 2007. Porém,

destaca-se a elevação da produção na China e na Índia. Esse último país, quase duplicou a produção entre 1990 e 2007, elevando sua produção para 42 milhões de toneladas. Já a China elevou a produção doméstica de cerca de 4 milhões de toneladas em 1990 para quase 33 milhões em 2007.

O Brasil apresentou um crescimento médio na produção de leite de 3,15% entre 1990 e 2007, taxa anual superior ao crescimento médio mundial (1,0%). Essa expansão é resultado da reestruturação do setor, com conseqüente aumento de produtividade. No período, o país passou de um importador líquido de produtos lácteos para um exportador líquido. A participação brasileira na produção mundial de leite aumentou de 3,1% para 4,5%.

Gráfico 9.1

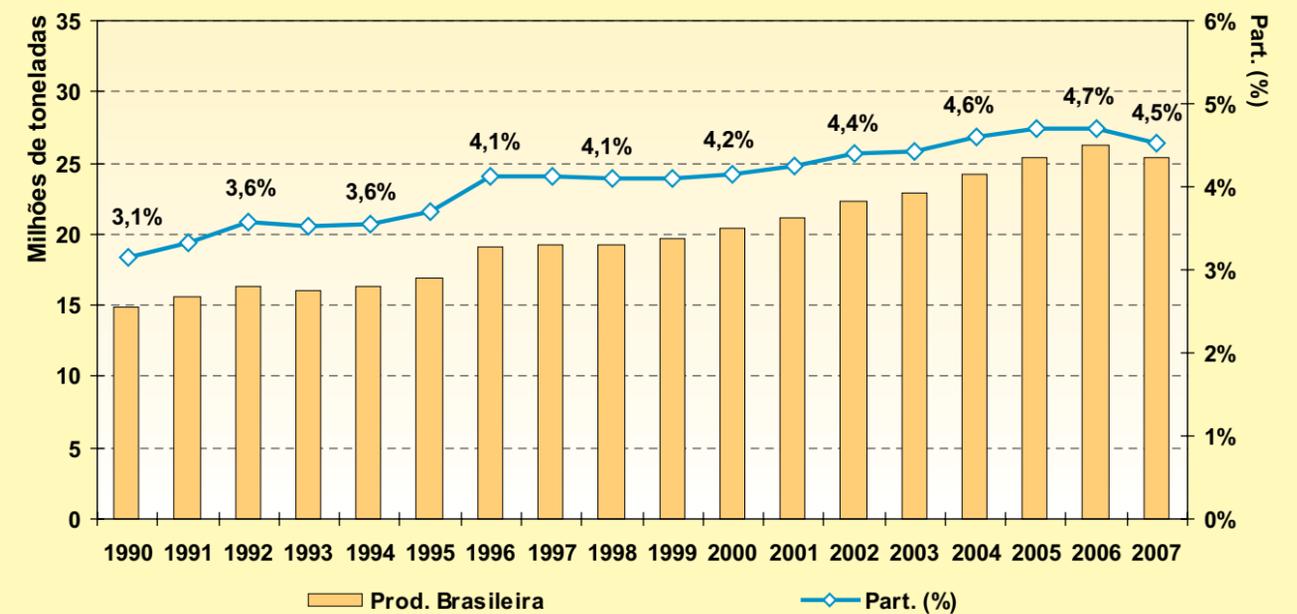
Principais produtores mundiais de leite (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 9.2

Produção brasileira de leite e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

9.1. Cotação dos Produtos Lácteos

A cotação dos produtos lácteos¹ deve ser examinada de maneira individualizada, pois a mera análise da média de preços dos produtos que compõem o que se chama de setor lácteo pode gerar simplificações, com perda relevante de informações. Assim, serão analisados os preços dos produtos lácteos que mais se destacaram em relação à exportação ou importação brasileira sendo responsáveis, conjuntamente, por cerca de 80% das exportações e 90% das importações brasileiras: leite em pó, leite condensado, queijos e soro de leite em pó.

Os preços de exportação do leite em pó entre 1997 e 2008 oscilaram muito. Em 1997, a cotação média de exportação estava em US\$ 2.776 por tonelada, chegando a US\$ 3.421 em 1999. Desse ano em diante, a cotação de venda do leite em pó caiu e só voltou a superar o valor de 1999 nos anos de 2007 e 2008. Neste último ano, a cotação média

chegou a US\$ 4.636 por tonelada, entre janeiro e setembro. Somente em 2001, 2002 e 2003 a cotação esteve abaixo de US\$ 2.000 por tonelada. Comparativamente com a cotação de importação do produto, verifica-se que em 1998, 1999 e 2000 o preço de compra pago pelos importadores brasileiros se situou abaixo de US\$ 2.000, bem como em 2002 e 2003. Destaca-se a grande elevação das cotações, seja das exportações ou importações, nesses últimos dois anos, período em que o preço dobrou em relação à média dos preços no período de 1997 a 2007.

O leite condensado e os queijos também tiveram o mesmo padrão de oscilação de preços: cotações elevadas em 1997 e 1998; queda dos preços entre 1999 e 2004 e, a partir deste último ano, elevação dos preços até 2008.

¹O conceito de produtos lácteos utilizado nesse estudo inclui os seguintes produtos: leite UHT, leite em pó, leite condensado e creme de leite (NCMs 0401 e 0402); iogurte e leitelho (NCM 0403); soro de leite (NCM 0404.10.00); manteiga e demais gorduras (NCM 0405); queijos (NCM 0406); doce de leite (NCM 1901.90.20); leite modificado (NCM 1901.10.10); outros produtos constituídos do leite, mesmo adoçados (NCMs 0404.90.00) e coalho e seus concentrados (NCM 3507.10.00)

O soro de leite teve comportamento de preço diferente entre 1997 e 2004, anos em que a cotação média de aquisição foi de US\$ 600 por tonelada, sem grandes oscilações. A partir de 2004, seguindo a expansão dos preços dos demais produtos lácteos, a cotação sobe, chegando a atingir US\$ 1.200 por tonelada em 2008.

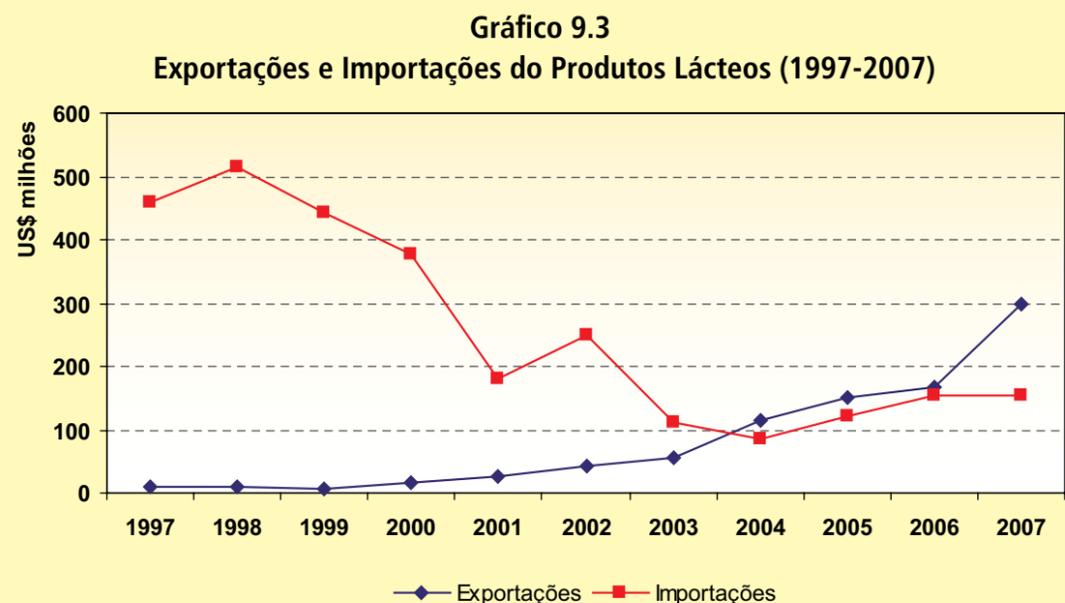
Percebe-se, como síntese dos preços dos diversos produtos lácteos, que as cotações de 1997 e 1998 eram elevadas. Houve uma redução dos preços entre 1999 e 2003, e, após esse período, uma elevação das cotações internacionais a partir de 2004, até atingir um máximo em 2008.

9.2. Exportações Brasileiras

O Brasil foi deficitário no comércio de produtos lácteos durante todos os anos noventa do século passado. Esse déficit foi de, aproximadamente, meio bilhão de dólares em 1998 e se estendeu, de forma declinante, até 2004, ano em que ocorre o primeiro superávit no setor de lácteos. Obviamente as desvalorizações cambiais de 1999 e 2002 são relevantes para explicar a inversão no resultado das contas externas do setor de lácteos, mas não suficientes, pois mesmo a revalorização da moeda brasileira entre 2003 e 2007 não impediu a expansão do superávit comercial. Outra importante medida que teve impacto no período foi a ação de proteção comercial com a aplicação do direito antidumping para leite em pó, contra a União Europeia e Nova Zelândia², bem como a fixação de

um compromisso de preços com as empresas exportadoras da Argentina, Uruguai e Dinamarca³. Houve, paralelamente, uma reestruturação interna do setor, possibilitando não só um processo de substituição de importações como, também, o aumento das vendas externas.

O leite em pó representava mais de 70% das importações totais, em valor, de todos os produtos lácteos em 1999. No referido ano, registraram-se importações de 191,6 mil toneladas de leite em pó. Transcorridos dez anos, a reestruturação do setor redundou numa balança comercial com exportações líquidas de 23 mil toneladas - 45 mil toneladas exportadas e 22 mil toneladas importadas - em 2007.



² A Resolução CAMEX nº01, de 02 de fevereiro de 2001, aplicou o direito Antidumping contra a importação de leite em pó. Essa medida foi revista pela Resolução CAMEX nº 04, de 09 de fevereiro de 2007, ampliando a vigência até 05 de fevereiro de 2012.

³ Foram efetuados compromissos de preços com empresas da Argentina, Uruguai e Dinamarca (Resoluções CAMEX nº 01/2001; nº 10/2001; nº 02/2005 e nº 09/2005).

A Tabela 1, a seguir, contém a relação dos principais mercados de destino das exportações brasileiras de leite em pó, em 2005, 2006 e 2007. Os cinco principais mercados concentraram 66% das vendas externas do produto. Em 2008, até novembro, as exportações de leite em pó já superaram o ano de 2007 em mais de 26 mil toneladas, com uma quantidade comercializada de 72 mil toneladas. Ainda, a concentração aumentou. Os cinco principais mercados concentraram 92% das compras. O aumento da concentração ocorreu em função das elevadas aquisições do produto pela Venezuela. O país importou, até novembro, cerca de 52 mil toneladas do produto, o que representou mais de 70% das vendas brasileiras no período.

Quanto às importações, os principais fornecedores de leite em pó em 2007 foram: Argentina (19 mil toneladas), seguida do Uruguai (3,6 mil toneladas). Esses dois países ficaram com praticamente toda a quantidade importada, e, conforme já mencionado, acordaram um compromisso de preço para exportação do produto ao Brasil. Em 2008, entre janeiro e setembro, as importações somaram 20,5 mil toneladas, sendo a Argentina e o Uruguai os maiores fornecedores. Convém ressaltar que dois países que não exportavam para o Brasil aparecem como fornecedores em 2008: os Estados Unidos, com 1.000 toneladas de leite em pó, e a Polônia, com 1,6 mil toneladas.

Tabela 9.1

Exportações Brasileiras de Lácteos						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Leite em pó (SH 040210+040221+040229)						
Argélia	17.994	8.817	3.982	2.173	53.757	13.629
Venezuela	4.889	2.187	13.874	6.314	48.328	10.457
Senegal	5.975	2.833	1.198	567	12.527	3.060
Sudão	0	0	0	0	5.655	1.239
Cuba	7.860	3.775	10.858	5.046	5.594	1.760
Demais	23.038	11.029	14.536	6.843	55.765	15.799
Total	59.755	28.640	44.447	20.942	181.626	45.945

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

Havia também um déficit no comércio de leite condensado em 1997 e 1998. Porém, a partir daquele ano as exportações do produto começaram a aumentar de forma consistente, de 637 toneladas em 1998 para 23,1 mil toneladas em 2002 para 52,4 mil toneladas em 2006.

A tabela abaixo contém a relação dos principais países para os quais o Brasil exporta leite condensado. As compras desses países representaram, conjuntamente, 75% de todas as vendas brasileiras. Em 2007, porém, em função da brusca queda de venda para Angola e Venezuela, a quantidade total exportada caiu para 27,8 mil toneladas.

Tabela 9.2

Exportações Brasileiras de Lácteos						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Leite Condensado (SH 040299)						
Venezuela	4.661	4.395	18.947	15.006	9.401	6.269
Estados Unidos	4.712	4.207	3.914	3.045	4.314	2.677
Trindade e Tobago	2.657	2.628	2.563	2.088	3.863	2.727
Angola	10.388	10.726	17.847	15.097	3.501	2.664
Guine Equatorial	470	488	1.090	999	2.075	1.511
Demais	10.590	10.094	15.293	12.811	18.208	11.962
Total	33.479	32.538	59.654	49.046	41.361	27.811

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

O comércio de queijo também contribuiu para a redução do déficit em produtos lácteos. Em 1997 registraram-se importações de US\$ 84,1 milhões em queijos e vendas de US\$ 1,6 milhão. Em 2007, as vendas chegaram a US\$ 25,7 milhões enquanto as aquisições diminuíram para US\$ 19,7 milhões.

Os principais países importadores de queijo brasileiro estão relacionados na tabela 3, a seguir. Quanto às importações de queijo, as aquisições foram realizadas principalmente nesses quatro principais mercados em 2007: Argentina (US\$ 4,7 milhões), Uruguai (US\$ 5,3 milhões), França (US\$ 2,3 milhões) e Países Baixos (US\$ 4,6 milhões).

Tabela 9.3

Exportações Brasileiras de Lácteos						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Queijos (SH 0406)						
Argentina	3.559	1.544	4.027	1.567	6.272	2.002
Coreia, Rep.Sul	9.232	3.706	3.158	1.258	3.399	968
Chile	3.619	1.577	2.721	1.152	3.387	1.219
Angola	765	267	745	226	2.650	566
Taiwan (Formosa)	1.152	455	1.532	492	2.335	569
Demais	10.556	3.445	8.752	2.887	7.682	2.260
Total	28.883	10.995	20.936	7.582	25.724	7.584

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

Um produto lácteo que está aumentando muito sua participação no fluxo comercial é o soro de leite. Ao contrário do leite em pó, do leite condensado e dos queijos, que tiveram redução no valor adquirido, as

importações de soro de leite aumentaram entre 1997 e 2007, de US\$ 6,1 milhões para US\$ 45,2 milhões, enquanto as exportações foram insignificantes.

Os principais fornecedores de soro de leite para o Brasil, em 2007, foram os seguintes países: Argentina (US\$ 20 milhões), França (US\$ 7,7 milhões), Es-

tados Unidos (US\$ 3,9 milhões), Austrália (US\$ 4,5 milhões) e Polônia (US\$ 5,4 milhões).

9.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

9.3.1 - Leite em Pó

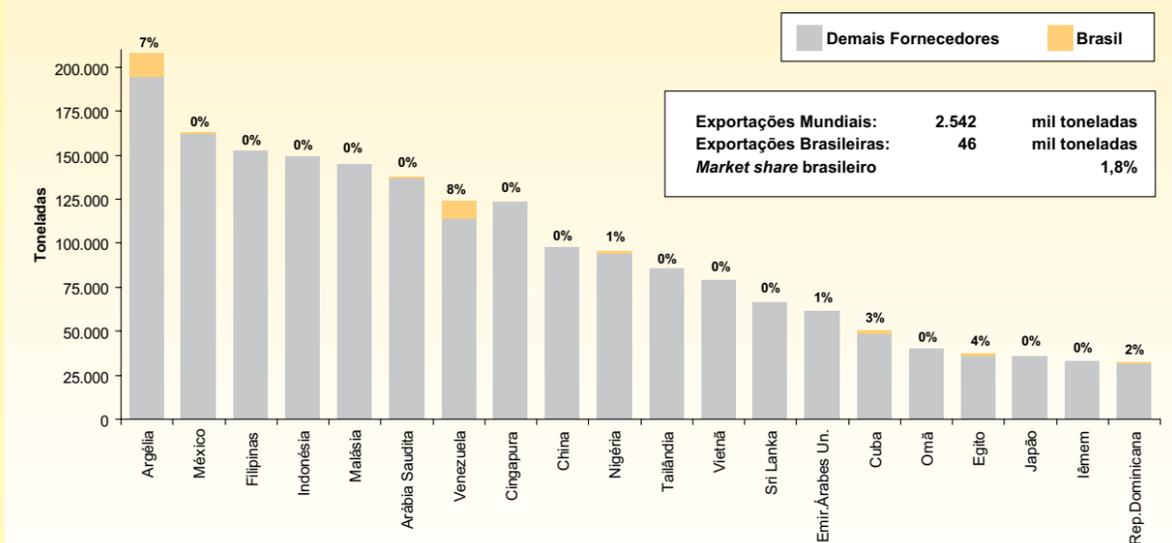
As exportações mundiais de leite em pó foram de 2,5 milhões de toneladas, com decréscimo na quantidade comercializada de 1,5% no período que se estendeu de 2003 e 2007. Dessas exportações, o Brasil participou com 1,8% em 2007.

Porém, como já analisado, a participação brasileira está concentrada em poucos mercados. Dos 20 (vinte) principais mercados importadores, que adquiriram 57,8% do leite em pó exportado, o Brasil vendeu somente para sete.

Gráfico 9.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
LEITE EM PÓ - INCLUI CREME DE LEITE EM PÓ (SH 040210+040221+040229)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	0	-2	-1	3	7	12	7	13	-7	6	-6	3	1	11	-1	-2	-1	-4	10	6
Do Brasil	95	-	0	0	0	-	-	0	0	148	0	0	0	13	-	-	-	0	-	-

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de leite em pó de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média de elevação das vendas externas do Brasil – Emirados Árabes Unidos, Indonésia, Malásia, Vietnã, Sri Lanka, Filipinas;

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média das vendas externas brasileiras – Arábia Saudita, Iêmen, Venezuela, Nigéria, República Dominicana, Argélia, Cuba, Egito, México, Omã;

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Japão, Tailândia, China.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das próprias exportações brasileiras.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Para o Brasil é interessante averiguar quais são os países fornecedores de leite em pó para os mercados do 1º quadrante:

- » **Malásia** (Nova Zelândia - 47,7% e Austrália - 26,9%);
- » **Cingapura** (Nova Zelândia - 38,1% e Austrália - 31,5%);
- » **Vietnã** (Nova Zelândia - 59,8% e Estados Unidos - 16,8%);
- » **Hong Kong** (Países Baixos - 27,9% e China - 15,5%);
- » **Estados Unidos** (Nova Zelândia - 29,4% e Austrália - 18,4%).

importantes são a União Europeia, Estados Unidos e Argentina, com 17,6%, 10,4% e 7,9% das quantidades comercializadas, respectivamente.

Além dos países analisados, existem países em que as aquisições do produto estão em ritmo abaixo do crescimento mundial, mas que, nesse caso específico, estão reduzindo as aquisições do produto. Este grupo de países se encontra no 3º Quadrante e 4º Quadrante e é composto por Japão, Tailândia, China, Guatemala, Omã, México e Senegal. O Brasil não exporta para os quatro primeiros países do grupo. Porém, existem dois países compradores de leite em pó do Brasil que estão situados no 4º quadrante (Omã e Senegal). Ou seja, o Brasil está ganhando participação nesses mercados, mas o mercado não está crescendo.

Os países mais dinâmicos e que estão adquirindo produto brasileiro são os situados no 2º quadrante. Nesse cenário, encontram-se cinco dos sete mercados para os quais o Brasil exporta. São eles: Arábia Saudita, Venezuela, Marrocos, Argélia e Cuba.

Percebe-se a importância da Nova Zelândia e da Austrália como fornecedores. O primeiro país detém 33,2% de participação no mercado mundial, enquanto o último participa com 12,0%. Outros fornecedores

9.3.2 – Leite Condensado ⁴

A quantidade exportada de leite condensado teve uma redução de 10,3%, em média, entre 2003 e 2007 - de 264 mil toneladas em 2003 para 170 mil toneladas. Desse montante, o Brasil exportou 28 mil toneladas, ou 16,3% do total em 2007. Também houve uma redução da quantidade exportada de leite condensado brasileiro, à semelhança do ocorrido no mercado mundial, porém, a queda das vendas brasileiras foi menos significativa (-1,7%), com conseqüente aumento da participação brasileira no co-

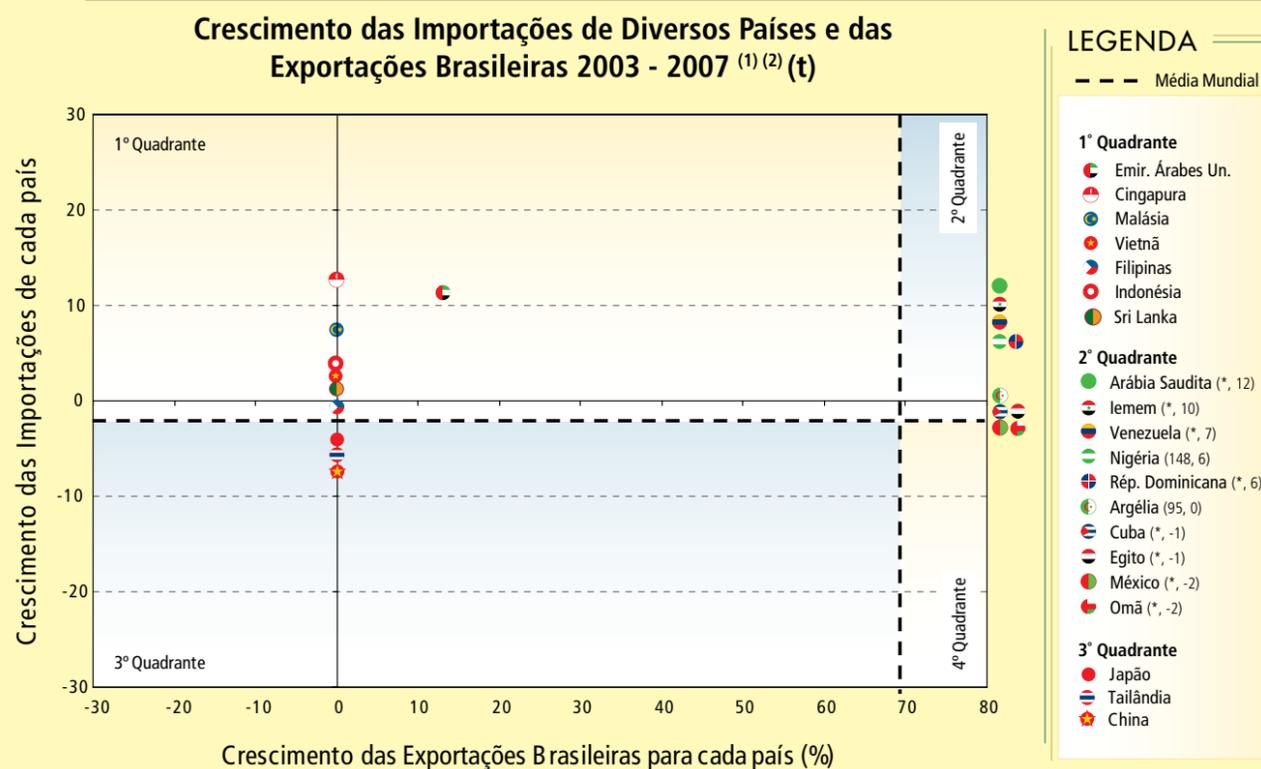
mércio mundial do produto de 11,3% em 2003 para 16,3% em 2007.

O Brasil acessou 12 dos 20 principais mercados importadores. Esses 20 mercados adquiriram 57,3% de todas as importações mundiais de leite condensado.

A participação Brasileira é significativa em 6 dos 12 mercados acessados, conforme gráfico a seguir.

⁴O conceito utilizado nesse estudo para leite condensado é a SH 0403.99 que é descrito como outros leites, cremes de leites, concentrados e adoçados.

Gráfico 9.5 LEITE EM PÓ - INCLUI CREME DE LEITE EM PÓ (SH 040210 + 040221 + 040229)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

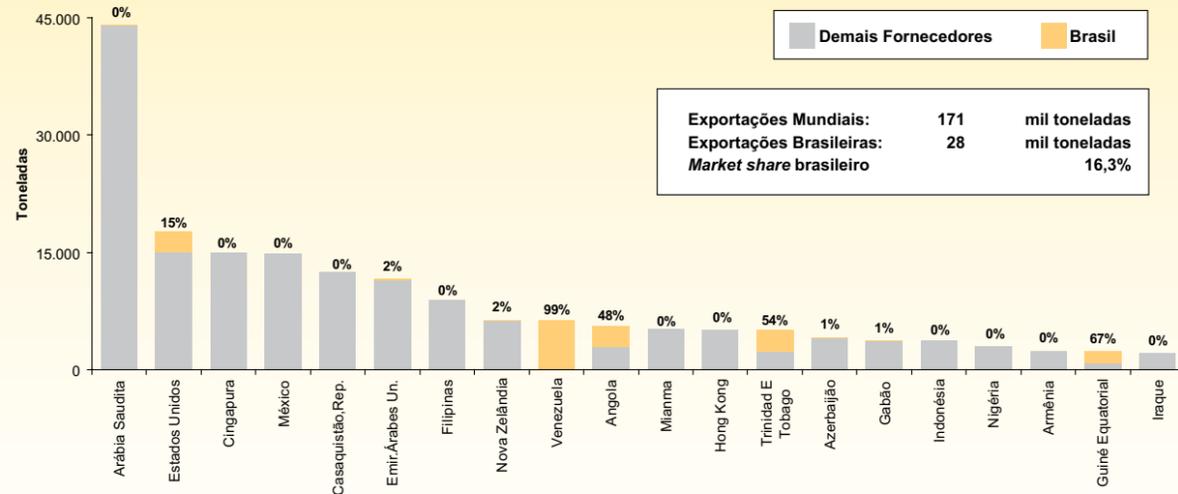
(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

Gráfico 9.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
LEITE CONDENSADO (SH 040299)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	5	5	-20	-6	26	46	27	15	13	-23	-14	-1	12	96	-5	-17	-4	15	22	143
Do Brasil	-4	-13	0	0	0	-24	0	-	38	-33	0	0	1	-10	-	0	0	0	-	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de leite condensado de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média de elevação das vendas externas do Brasil – Azerbaijão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Estados Unidos;

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e cresci-

mento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Cazaquistão, Armênia, Trinidad e Tobago, Hong Kong, México, Nova Zelândia, Venezuela, Filipinas, Nigéria, Guiné Equatorial, Iraque e Gabão;

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Angola.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras do produto acima da média das exportações brasileiras – Mianma, Indonésia e Cingapura.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Porém, para o Brasil, é im-

portante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1, pois, nessa posição, o mercado está aumentando as compras externas acima da média mundial, mas as exportações brasileiras não estão crescendo em ritmo significativo.

Nos quatro países que se encontram nesse quadrante as exportações brasileiras diminuíram, sendo que a África do Sul e o Azerbaijão foram os países que mais aumentaram as aquisições do produto com expansão percentual de 117% e 96%, respectivamente. Há outros países em que a expansão das aquisições de leite condensado também foi vigorosa, como a Tailândia, Cazaquistão e Armênia. Porém, as vendas brasileiras ficaram estagnadas nesses mercados.

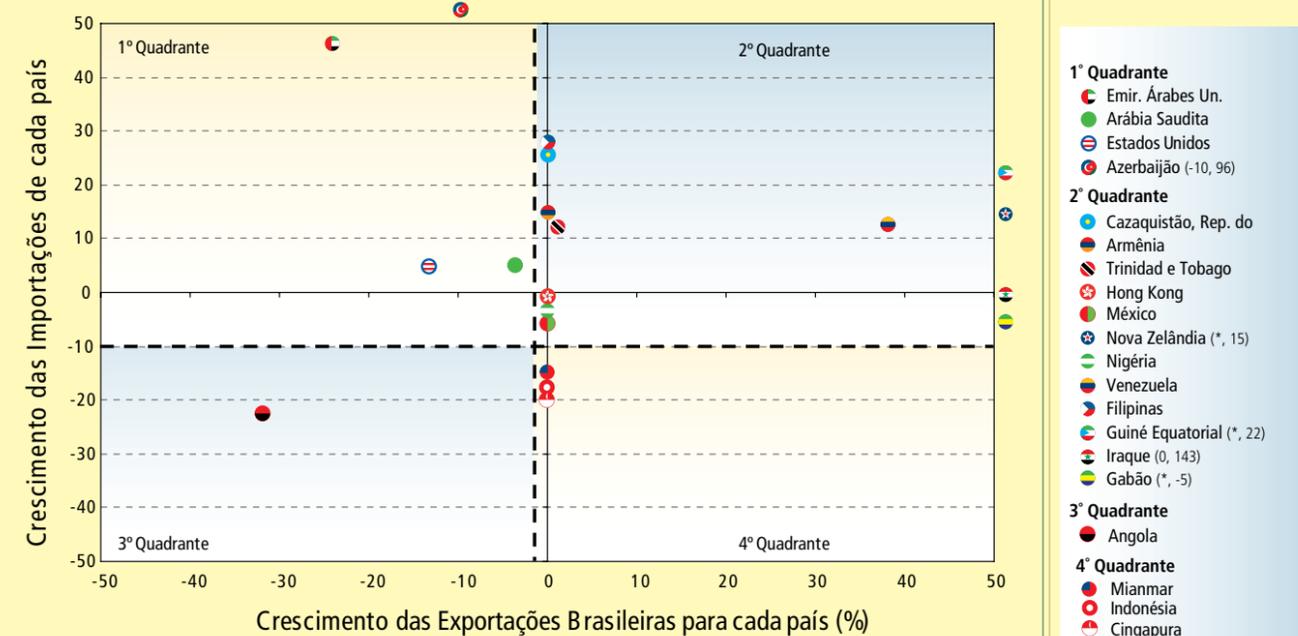
O principal importador mundial, a Arábia Saudita, se encontra entre os países que aumentam as compras acima da média mundial. Suas aquisições de quase 45 mil toneladas do produto são fornecidas, quase que totalmente, pelos países da União Europeia (83,7% de market share), não havendo participação brasileira. Os Estados Unidos, outro grande importador do produto, aumentaram as suas compras acima da média e tem como principal fornecedor o México (67,3%), seguido pelo Chile (17,1%).

Existem, por outro lado, dois países que estão aumentando as importações acima de 10% ao ano e as vendas brasileiras também crescem fortemente, que são a Venezuela e a Nova Zelândia.

Gráfico 9.7

LEITE CONDENSADO (SH 040299)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Porém, para o Brasil, é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1, pois, nessa posição, o mercado está aumentando as compras externas acima da média mundial, mas as exportações brasileiras não estão crescendo em ritmo significativo.

Não há exportação brasileira para nenhum país do 1º quadrante. Assim, embora as compras desses pa-

íses estejam crescendo acima da média, as vendas brasileiras estão na linha vertical zero.

Já no 2º quadrante, há cinco países com crescimento das compras acima da média mundial e crescimento das vendas brasileiras superiores a 50%. Em quatro desses mercados, as vendas brasileiras começaram após o ano de 2003, o que causa uma distorção no cálculo de elevação das vendas.

MILHO

10. Milho

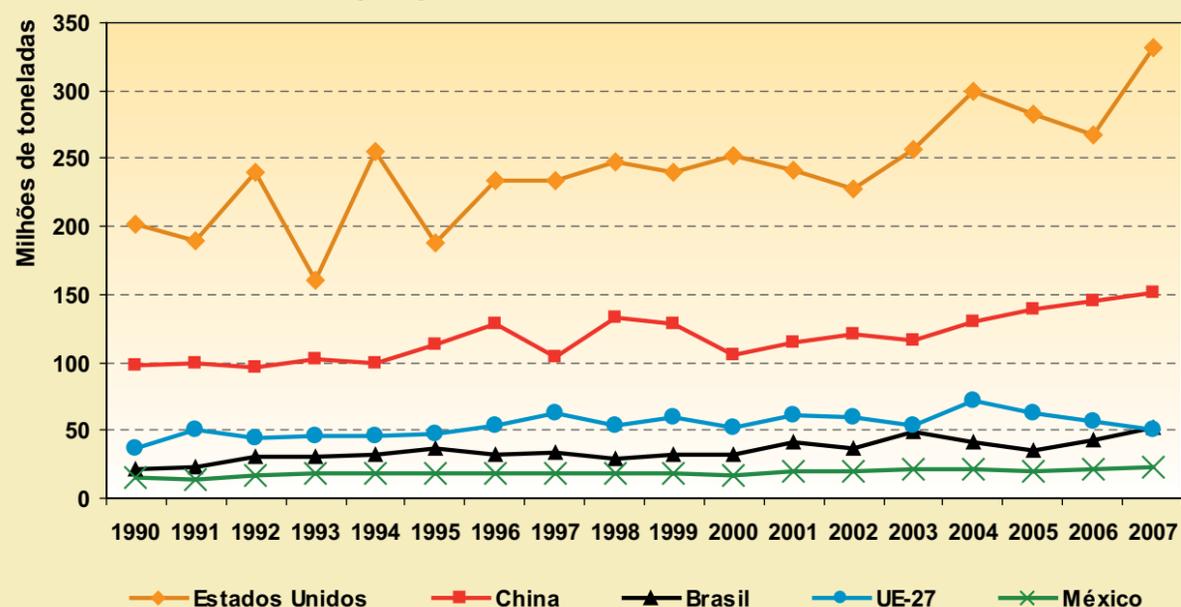
De acordo com a FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, a produção mundial de milho atingiu o montante de 784,79 milhões de toneladas em 2007. Esse patamar segue a tendência de crescimento constante registrada nos últimos anos, na medida em que houve um crescimento médio anual de 2,9% entre 1990 e 2007. Por outro lado, a produção brasileira passou de 21,35 milhões de toneladas em 1990 para 51,59 milhões em 2007, o que representa um crescimento de 142% em quantidade. A participação brasileira na produção mundial também aumentou, passando de 4,4% em 1990 para 6,6% em 2007.

Os principais produtores mundiais em 2007 foram: Estados Unidos (332,09 milhões de toneladas); China (151,97 milhões de toneladas); Brasil (51,59 mi-

lhões de toneladas); União Europeia (50,98 milhões de toneladas); México (22,5 milhões de toneladas); Argentina (21,76 milhões de toneladas); Índia (16,78 milhões de toneladas); Indonésia (12,38 milhões de toneladas); e Canadá (10,55 milhões de toneladas). Destaca-se o caso dos Estados Unidos, onde é possível observar o crescimento expressivo de sua produção a partir do maior uso do milho como insumo da produção de álcool. Após uma relativa estabilidade entre 1996 e 2002 a produção do país cresceu consideravelmente, passando de 227,78 milhões de toneladas em 2002 para 332,09 milhões de toneladas em 2007. Esse aumento de 104,33 milhões de toneladas representa quase 7 vezes o crescimento da produção brasileira no mesmo período, além de ser mais do que o dobro da safra brasileira em 2007.

Gráfico 10.1

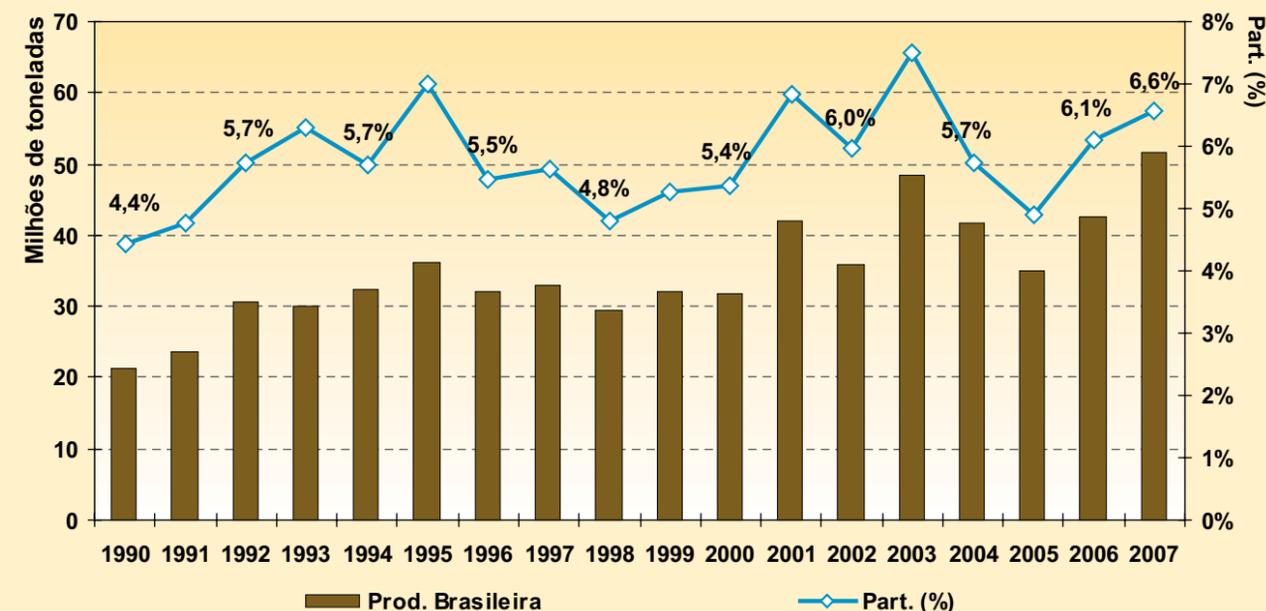
Principais produtores mundiais de milho (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 10.2

Produção brasileira de milho e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

10.1. Cotação do Milho

Em 2007, a cotação média de milho no mercado norte americano foi de US\$ 163,66 / t. A partir do final de 2007 e em 2008, no entanto, a cotação do produto cresceu expressivamente, atingindo no mês de junho a cotação recorde de US\$ 287,11 / t. Um

dos fatores para explicar tal cotação é o aumento da demanda do produto pelos Estados Unidos, com a intensificação do uso do milho como insumo da produção de álcool.

Gráfico 10.3

Preços Internacionais do Milho (US\$/t)



Fonte: Banco Mundial

10.2. Exportações Brasileiras

Nos últimos anos, a despeito de algumas quedas, como em 2002 e 2005, as exportações brasileiras de milho cresceram intensamente, passando de US\$ 493,18 milhões em 2001 para US\$ 1,88 bilhão em 2007. Esse aumento em valor também se verificou na quantidade, uma vez que foram exportadas mais de 10,9 milhões de toneladas em 2007, enquanto em 2001 foram pouco mais de 5,63 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 94% no período. Conforme a tabela seguinte, os principais importadores do milho brasileiro são: União Europeia,

Irã, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Ilhas Cayman, que correspondem respectivamente a 65,8%, 25%, 6%, 0,9% e 0,7% das exportações brasileiras em quantidade no ano de 2007.

Os preços de exportação do milho brasileiro, por sua vez, apresentaram crescimento entre 2001 e 2007, com exceção de 2005, quando atingiram um patamar de US\$ 96,46 por tonelada, ou seja, 16,8% a menos do que no ano anterior.

Tabela 10.1

Exportações Brasileiras de Milho (SH 100590)

	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
União Europeia	9.441	99.017	118.036	977.115	1.273.476	7.179.662
Irã, Rep.Isl.do	68.446	700.381	205.416	1.770.337	435.826	2.723.790
Coreia,Rep.Sul	15.182	163.564	91.850	798.606	111.345	660.079
Arábia Saudita	0	0	1.402	11.493	15.699	94.741
Cayman, Ilhas	0	0	0	0	14.571	71.435
Demais	9.027	95.431	43.405	367.000	31.196	184.927
Total	102.095	1.058.393	460.108	3.924.552	1.882.114	10.914.634

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC

Elaboração: SRI/MAPA

10.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

As exportações mundiais de milho somaram 96,4 milhões de toneladas em 2007, enquanto a participação brasileira foi de 11,3%. Como pode ser observado no gráfico seguinte, à exceção da União Europeia e do Irã, o Brasil apresenta uma participação pequena ou até nula nos vinte principais mercados importadores mundiais do produto em 2007, em quantidade.

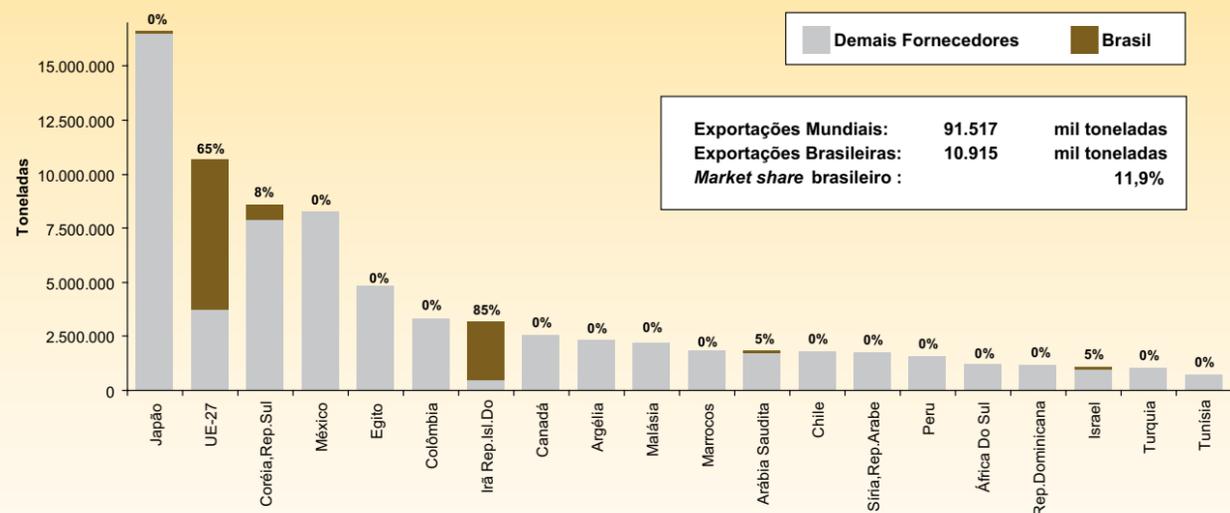
A participação brasileira nos dez principais importadores de milho do país é: União Europeia (64,9%),

Irã (84,9%), Coreia do Sul (7,7%), Arábia Saudita (5,2%), Ilhas Cayman (60%), Japão (0,3%), Israel (5,4%), Jordânia (7,5%), Coreia do Norte (24,5%) e Nova Zelândia (89%). Como pode ser observado, excluindo-se Ilhas Cayman, Jordânia, Coreia do Norte e Nova Zelândia, os dez principais mercados para os quais o Brasil exporta pertencem ao rol dos vinte maiores importadores mundiais de milho.

Gráfico 10.4

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
MILHO (SH 100590)

2007



Exportações Mundiais: 91.517 mil toneladas
Exportações Brasileiras: 10.915 mil toneladas
Market share brasileiro: 11,9%

Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	-1	27	-1	9	0	13	10	-9	11	25	13	20	13	17	14	26	6	1	-14	11
Do Brasil	-31	50	-3	0	0	0	58	0	-100	0	-100	-9	-100	0	-	0	0	-22	-100	-100

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de milho de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Chile; Marrocos; Ar-

gélia; Tunísia; Arábia Saudita; África do Sul; Malásia; Síria; Colômbia; México e República Dominicana.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – União Europeia 27; Peru; e Irã.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Turquia; Japão; Israel; Coreia do Sul; Egito e Canadá.

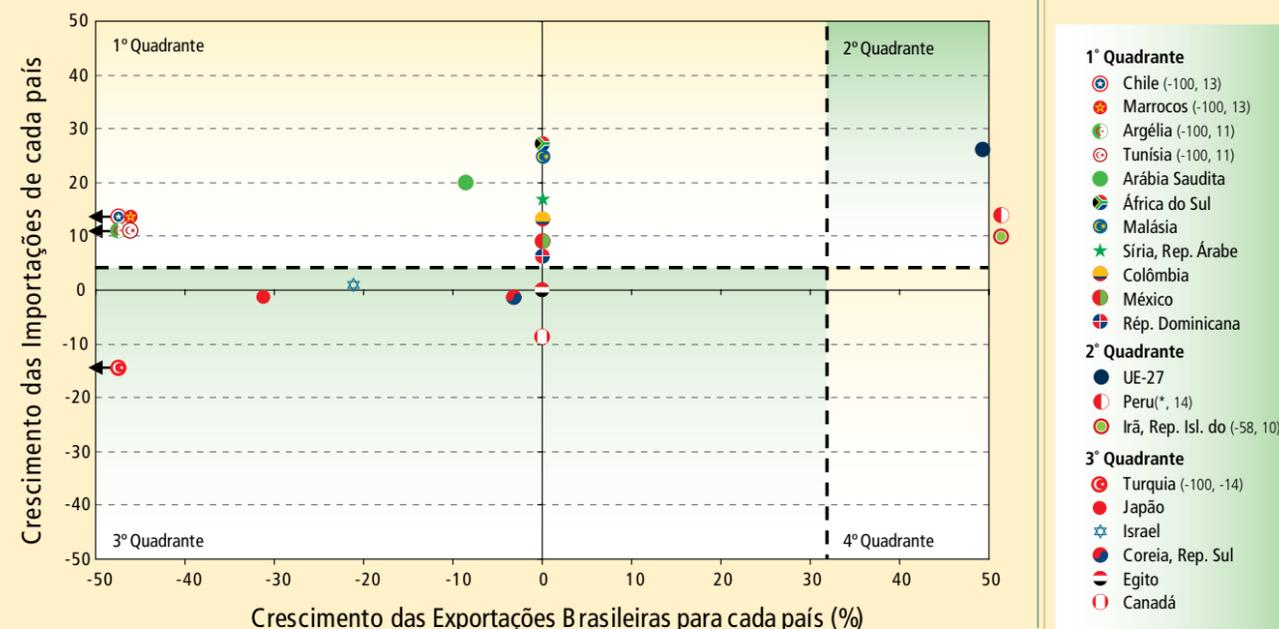
IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média

das exportações brasileiras – entre os 20 principais importadores mundiais de milho não há registro de países nessas condições.

Gráfico 10.5

MILHO (SH 100590)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ^{(1) (2)} (t)



- LEGENDA
- Média Mundial
 - 1º Quadrante
 - Chile (-100, 13)
 - Marrocos (-100, 13)
 - Argélia (-100, 11)
 - Tunísia (-100, 11)
 - Arábia Saudita
 - África do Sul
 - Malásia
 - Síria, Rep. Árabe
 - Colômbia
 - México
 - Rep. Dominicana
 - 2º Quadrante
 - UE-27
 - Peru (*, 14)
 - Irã, Rep. Isl. do (-58, 10)
 - 3º Quadrante
 - Turquia (-100, -14)
 - Japão
 - Israel
 - Coreia, Rep. Sul
 - Egito
 - Canadá

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

Os países que se encontram no 1º e 2º quadrantes são os mais dinâmicos no que tange à expansão das compras externas do produto. Deve ser avaliado principalmente o que ocorre nos mercados que estão no 1º quadrante, pois, nessa posição, o mercado está aumentando as compras externas acima da média mundial, mas as exportações brasileiras não estão crescendo em ritmo significativo. Esse conjunto

de mercados se subdivide em três subgrupos, quais sejam: aqueles para os quais o aumento das exportações brasileiras não foi expressivo entre 2003 e 2007 - Arábia Saudita; os mercados para os quais não houve registro de exportação brasileira no período (crescimento zero) - África do Sul, Malásia, Síria, Colômbia, México e República Dominicana; e, por fim, os mercados em que o Brasil perdeu completa-

mente o *market share*, na medida em que exportava para esses mercados em 2003, mas em 2007 não houve nenhum registro de exportações - Chile, Marrocos, Argélia e Tunísia.

A participação brasileira nos onze países que se encontram nesse quadrante foi praticamente nula em 2007, à exceção da Arábia Saudita, cujo percentual de importação de milho brasileiro foi de 5%.

É interessante observar os fornecedores do produto para esses onze países, principalmente aqueles que registraram maior quantidade importada em 2007:

- » **México** (EUA - 99,7% e África do Sul - 0,3%);
- » **Colômbia** (EUA - 94,9%, Argentina - 3,3%, Paraguai - 0,6% e demais - 1,2%);
- » **Argélia** (EUA - 53,3%, Argentina - 46,2% e UE-27 - 0,5%);
- » **Malásia** (Argentina - 62,3%, China - 23,3%, EUA - 10,5% e demais - 3,9%);
- » **Marrocos** (Argentina - 50,8%, EUA - 47,7% e demais - 1,6%);
- » **Arábia Saudita** (Argentina - 52,2%, EUA - 40,3% e demais - 7,4%);
- » **Chile** (Argentina - 80,0%, EUA - 19,5% e demais - 0,6%);
- » **Síria** (EUA - 94,7%, Argentina - 4,1% e demais 1,2%);
- » **África do Sul** (Argentina - 97,5%, Zâmbia - 1,8% e demais - 0,7%);
- » **República Dominicana** (EUA - 98,4%, Argentina - 1,6%);
- » **Tunísia** (EUA - 80,1%, e Argentina - 19,9%).

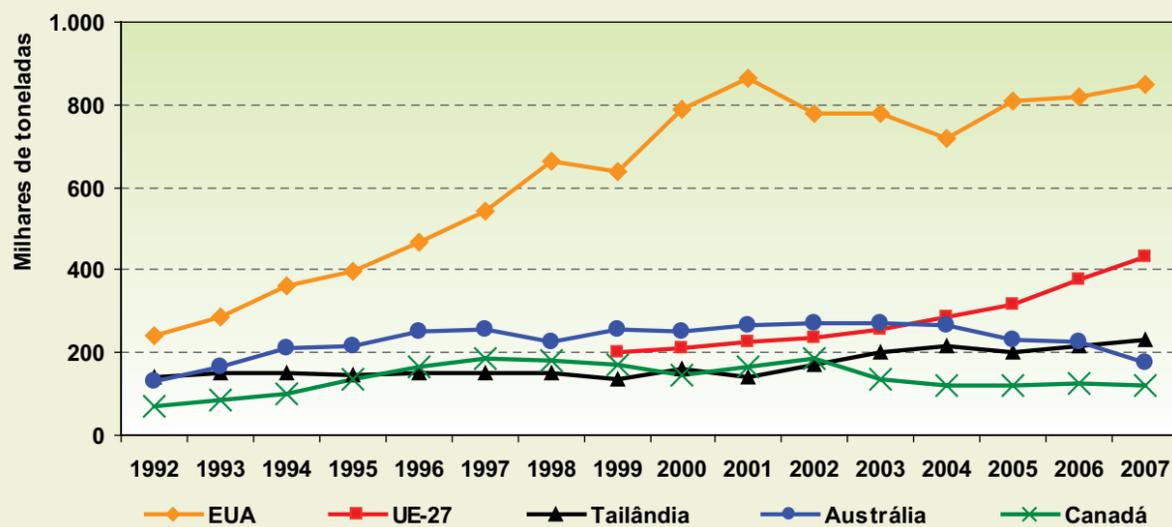
RAÇÕES

11. Rações

O comércio internacional de rações atingiu a cifra de US\$ 15 bilhões em 2007. Esse comércio pode ser subdividido em duas categorias: alimentos para cães e gatos¹ e preparações para alimentação de outros animais², sendo que cada um dos dois segmentos é responsável por basicamente a metade do fluxo comercial mencionado.

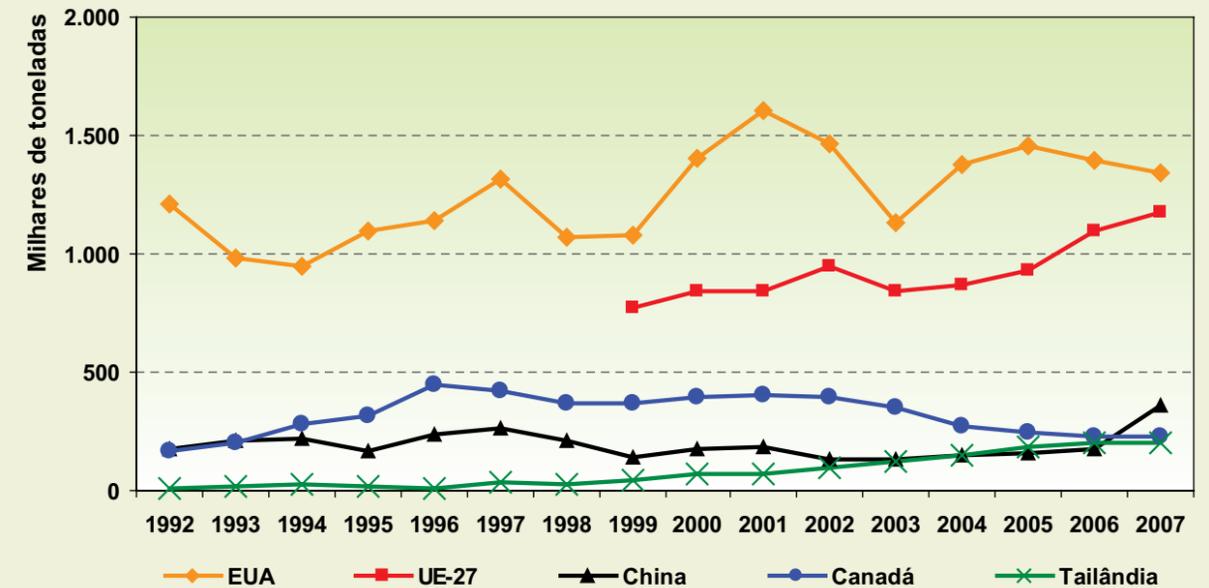
Há um predomínio dos Estados Unidos e da União Europeia nas exportações do produto. O país e o Bloco detêm 57,7% de participação no comércio mundial de alimentos para cães e gatos e 61,4% do comércio de preparações para alimentação de outros animais. Os gráficos abaixo relacionam, além dos Estados Unidos e da União Europeia, outros principais países exportadores dos produtos.

Gráfico 11.1
Principais exportadores mundiais de alimentos para cães e gatos (1992 - 2007)



Fonte: Comtrade/ONU.
Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.
(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008..

Gráfico 11.2
Principais exportadores mundiais de preparações para alimentação de outros animais (1992 - 2007)



Fonte: Comtrade/ONU.
Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.
(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008..

No ranking de países exportadores de rações, o Brasil fica na 8ª posição, em volume, nas vendas de alimentos para cães e gatos e na 12ª posição nas

vendas de preparações para alimentação de outros animais. O desempenho das exportações brasileiras será detalhado no item abaixo.

11.1. Exportações Brasileiras

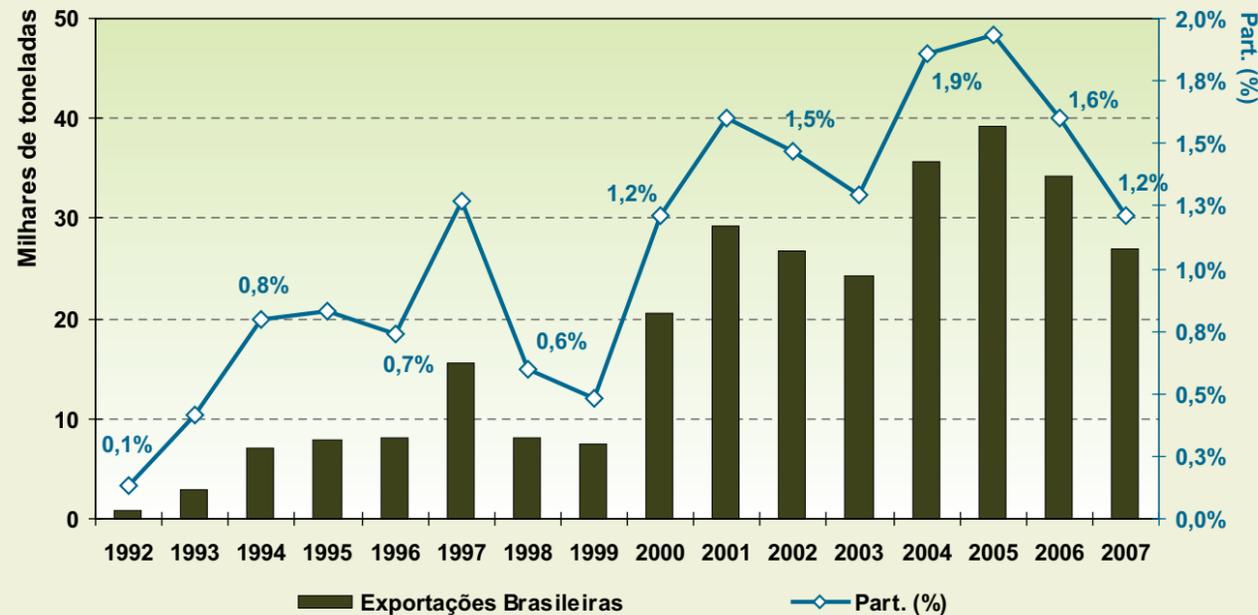
Em 2007, as exportações brasileiras de alimentos para cães e gatos (SH 230910) sofreram uma inflexão em valor, interrompendo um ciclo de quatro anos de crescimento. Neste ano, as vendas externas desse produto somaram US\$ 19,0 milhões, apresentando

uma redução de 15,1% em relação a 2006. Esta redução se deveu a queda, em 21,3%, da quantidade exportada, uma vez que os preços continuam em alta, atingindo, em 2007, o maior nível em mais de uma década (US\$ 705 por tonelada).

¹ Este conceito utiliza a NCM 2309.10.00, cuja definição é alimentos para cães e gatos.
² O conceito de preparações para alimentação de outros animais inclui os seguintes produtos: alimentos compostos completos, para animais (NCM 2309.90.10); preparações a base de sal iodado, etc. para alimentação animal (NCM 2309.90.20); bolachas e biscoitos, para alimentação de animais (NCM 2309.90.30); preparações contendo diclazuril, utilizado na alimentação de animais (NCM 2309.90.40); e outras preparações para alimentação de animais (NCM 2309.90.90).

Gráfico 11.3

Exportação brasileira de alimentos para cães e gatos e participação na exportação mundial (1992 - 2007)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008..

Em 2007, os principais mercados de destino das exportações brasileiras de alimentos para cães e gatos foram: Estados Unidos (US\$ 4,4 milhões); Uruguai (US\$ 3,6 milhões); Chile (US\$ 2,0 milhões); Paraguai (US\$ 1,9 milhões) e União Europeia (US\$ 1,3 milhão).

No tocante às exportações brasileiras de preparações para alimentação de outros animais (SH 230990),

estas cresceram, em valor, a uma taxa média anual de 44,7% entre 2003 e 2007, atingindo, no último ano, o patamar recorde de US\$ 85,2 milhões. Este crescimento se deu tanto pelo aumento da quantidade embarcada quanto pelo aumento dos preços médios das exportações. Neste mesmo período, a quantidade exportada cresceu a uma taxa média de 30,4% ao ano, atingindo o patamar também recorde de 99,8 mil toneladas em 2007.

Gráfico 11.4

Exportação brasileira de preparações para alimentação de outros animais e participação na exportação mundial (1992 - 2007)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008..

Os principais destinos das exportações brasileiras de preparações para alimentação de outros animais em 2007, conforme a tabela abaixo, foram: Paraguai

(US\$ 12,6 milhões); Chile (US\$ 9,6 milhões); Estados Unidos (US\$ 8,3 milhões); Venezuela (US\$ 7,7 milhões) e Argentina (US\$ 5,2 milhões).

Tabela 11.1

Exportações Brasileiras de Alimentos para cães e gatos (SH 230910)						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Estados Unidos	1.672	670	2.841	1.008	4.444	1.122
Uruguai	2.132	7.121	2.688	7.245	3.589	7.775
Chile	2.670	4.455	2.677	3.715	2.047	3.327
Paraguai	1.046	3.417	1.442	4.139	1.884	4.946
União Europeia	736	1.546	651	1.169	1.337	1.976
Demais	13.844	21.903	12.097	16.948	5.710	7.796
Total	22.101	39.111	22.395	34.224	19.012	26.942



Exportações Brasileiras de preparações para alimentação de outros animais (SH 230990)						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Paraguai	5.205	20.803	7.927	27.854	12.586	37.103
Chile	5.235	12.646	5.530	8.609	9.589	14.137
Estados Unidos	2.324	743	5.146	2.115	8.310	3.286
Venezuela	2.056	2.189	2.520	2.584	7.655	7.376
Argentina	4.358	3.291	4.178	3.140	5.205	3.839
Demais	19.327	15.615	25.548	24.645	41.842	34.053
Total	38.504	55.287	50.849	68.946	85.188	99.793

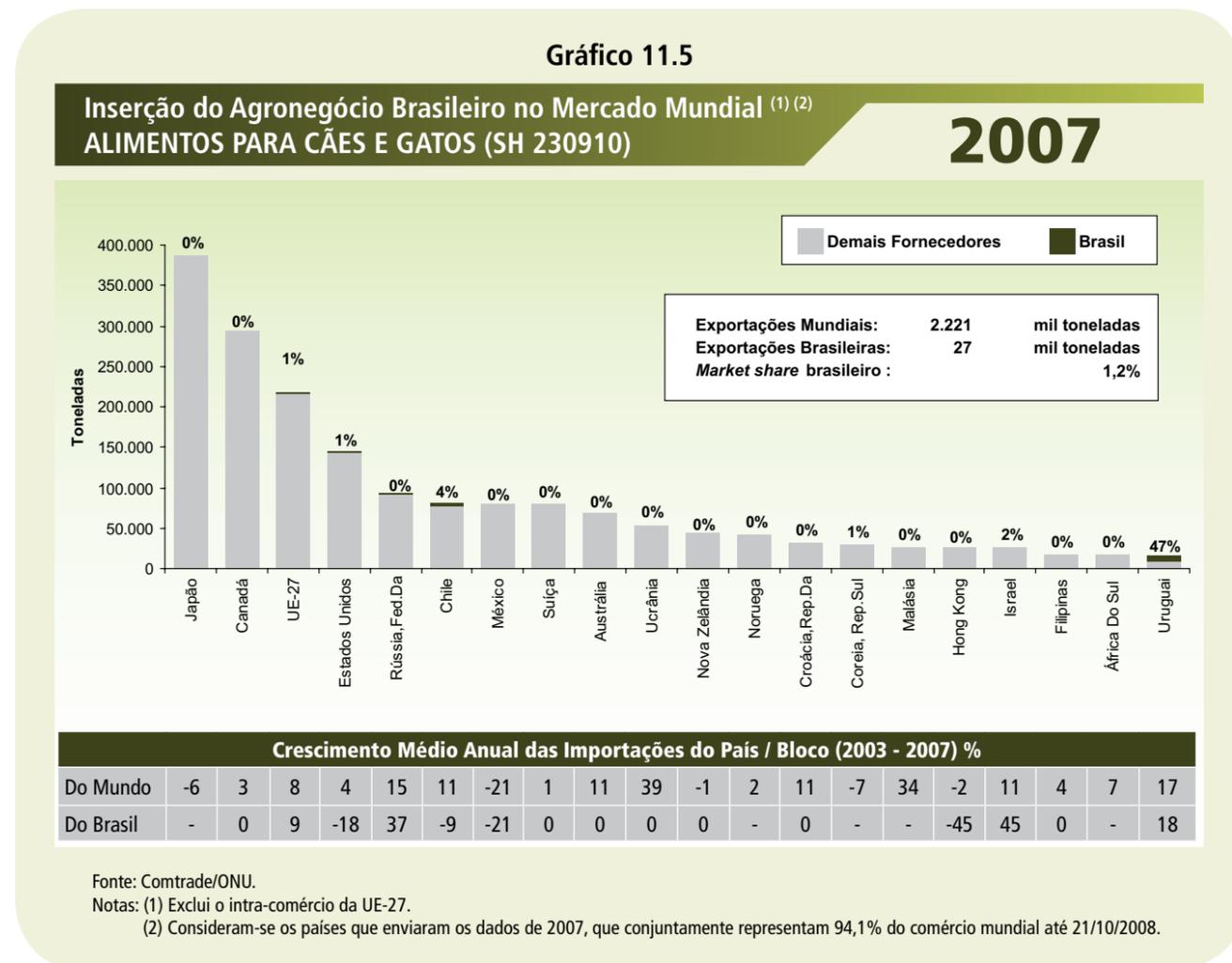
Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/Mapa

11.2. Participação Brasileira no Comércio Mundial

11.2.1 - Alimentos para cães e gatos

Em 2007, as exportações mundiais de alimentos para cães e gatos foram de 2,2 milhões de toneladas, das quais o Brasil participou com 1,2%. O gráfico 5 contém os 20 (vinte) principais importadores desse produto em 2007 e a participação brasileira, em quan-

tidade, no respectivo mercado. Nota-se que, exceto pelo Uruguai, no qual a participação brasileira é de 46,8%, o Brasil possui uma participação diminuta ou nula nos demais mercados.



O gráfico a seguir divide os países importadores de alimentos para cães e gatos de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e cres-

cimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Ucrânia; Chile; Austrália e Croácia.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Malásia; Uruguai; Rússia; União Europeia; Israel e África do Sul.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações

brasileiras – Estados Unidos; Filipinas; Canadá; Hong Kong; Suíça; México e Nova Zelândia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – Japão, Noruega e Coreia do Sul.

Os países que se encontram no quadrante 1 e 2 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Para o Brasil é importante avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1. Dentre os quatro países que se encontram nesta situação, o Brasil só possui acesso ao mercado do Chile.

Os principais fornecedores dos países que se encontram no primeiro quadrante são:

» Ucrânia (União Europeia - 61,6%, Rússia - 29,1%, EUA - 8,1% e demais - 1,2%).

» Croácia (União Europeia - 96,4%, EUA - 2,0% e demais - 1,6%).

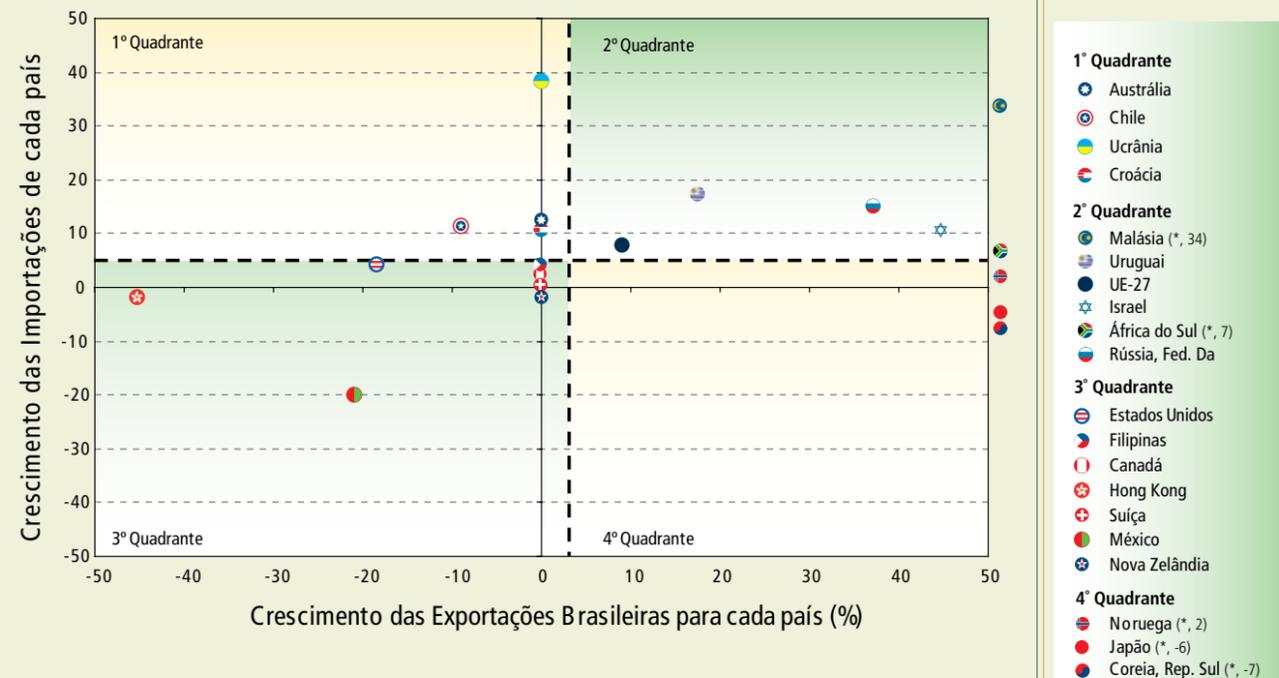
» Austrália (EUA - 44,0%, Tailândia - 29,2%, Nova Zelândia - 18,3% e demais - 8,4%).

» Chile (Argentina - 92,9%, Brasil - 4,1% e demais - 3,0%).

Gráfico 11.6

ALIMENTOS PARA CÃES E GATOS (SH 230910)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

11.2.2 - Preparações para alimentação de outros animais

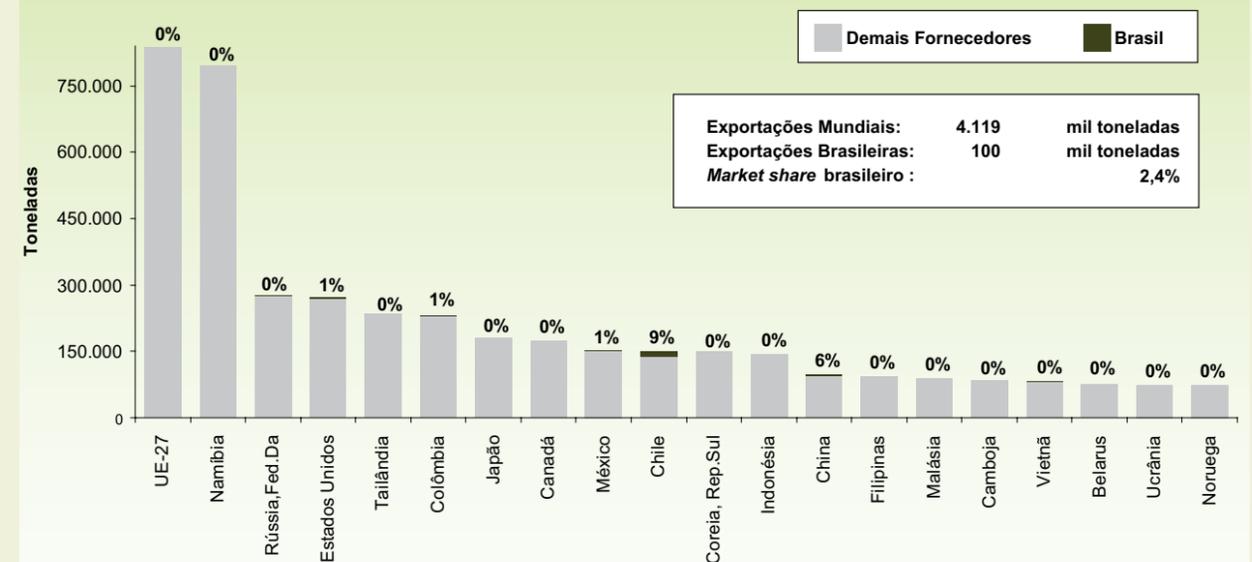
Em 2007, as exportações mundiais de preparações para a alimentação de outros animais foram de 4,1 milhões de toneladas, das quais o Brasil participou com 2,4%. O gráfico 7 contém os 20 (vinte) principais importadores desse produto em 2007 e a parti-

cipação brasileira, em quantidade, no respectivo mercado. Percebe-se que, dentre os mercados arrolados no gráfico, o Brasil possui participação superior a 1% apenas nos Estados Unidos (1,2%), Colômbia (1,2%), Canadá (1,4%), Chile (9,3%) e China (5,7%).

Gráfico 11.7

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2) PREPARAÇÕES PARA ALIMENTAÇÃO DE OUTROS ANIMAIS (SH 230990)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	-31	109	16	-9	9	9	3	19	-1	48	23	2	-7	19	-12	47	9	-8	20	24
Do Brasil	-	0	-	74	-	97	-25	-	40	19	73	11	266	316	71	0	-	0	0	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

Assim como em alimentos para cães e gatos, realizou-se um cruzamento da taxa média anual de crescimento das importações totais de preparações para alimentação de outros animais pelo mercado com a taxa média anual das aquisições provenientes do Brasil. A partir desse cruzamento, dividiu-se o gráfico em quadro quadrantes:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Namíbia; Camboja; Chile; Noruega e Ucrânia.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Coreia do Sul; Filipinas; Canadá; Rússia; Vietnã; Tailândia e Colômbia.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Japão; Belarus e Indonésia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média das exportações brasileiras – México; China; Estados Unidos; Malásia e União Europeia.

Assim como na seção anterior, é interessante avaliar o que ocorre nos mercados que se encontram no primeiro quadrante, uma vez que estão expandindo as importações num ritmo superior à média mundial, mas não estão aumentando as aquisições do Brasil num

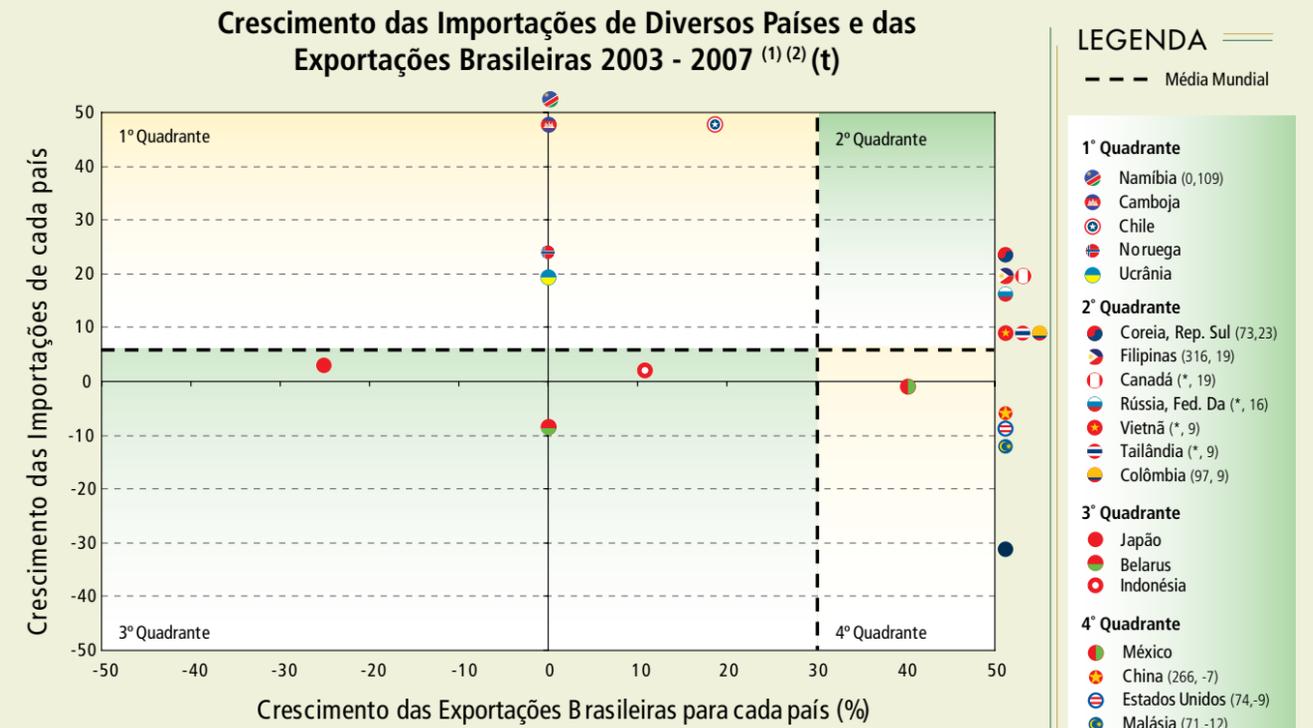
ritmo significativo. Dentre os países que se encontram nessa situação, o Brasil não acessa o mercado de quatro dos cinco: Namíbia, Camboja, Noruega e Ucrânia. No tocante ao Chile, segundo destino das exportações brasileiras, houve perda de participação em 13 pontos percentuais no período 2003-2007, passando de 22,3% para 9,3%. Este espaço foi ocupado, principalmente, pela Argentina, cuja participação no mercado chileno foi de 77,5% em 2007.

Outro mercado que merece uma melhor observação é a Namíbia, país que ocupa a 2ª posição no ranking dos maiores importadores mundiais em quantidade. Não obstante, embora se encontre dentre os 20 maiores importadores em quantidade, o mesmo não ocorre quando se compara os valores importados. Em 2007, as importações da Namíbia foram de US\$ 23,5 milhões, montante que representa apenas 0,7% das importações mundiais do produto.

Os principais fornecedores dos países que se encontram no primeiro quadrante são:

- » Namíbia (África do Sul - 99,9% e demais - 0,1%);
- » Noruega (União Europeia - 63,2%, Ilhas Feroe - 34,8%, e demais - 2,0%);
- » Ucrânia (União Europeia - 91,4%, EUA - 5,1% e demais - 3,5%);
- » Camboja (Tailândia - 99,9% e demais - 0,1%);
- » Chile (Argentina - 77,5%, Brasil - 9,3%, EUA - 6,2%, e demais - 7,0%).

Gráfico 11.8 PREPARAÇÕES PARA ALIMENTAÇÃO DE OUTROS ANIMAIS (SH 230990)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

SOJA

12. Complexo Soja

A produção brasileira de soja alcançou 60 milhões de toneladas na safra 2007/2008 e cresceu ao ritmo médio de 2,7 milhões de toneladas ao ano entre 1990 e 2008. Assim, existe uma tendência do Brasil se tornar o maior produtor mundial, ultrapassando os Estados Unidos, que, nessas últimas duas décadas, obtiveram uma expansão média anual de 1,6 milhões de toneladas.

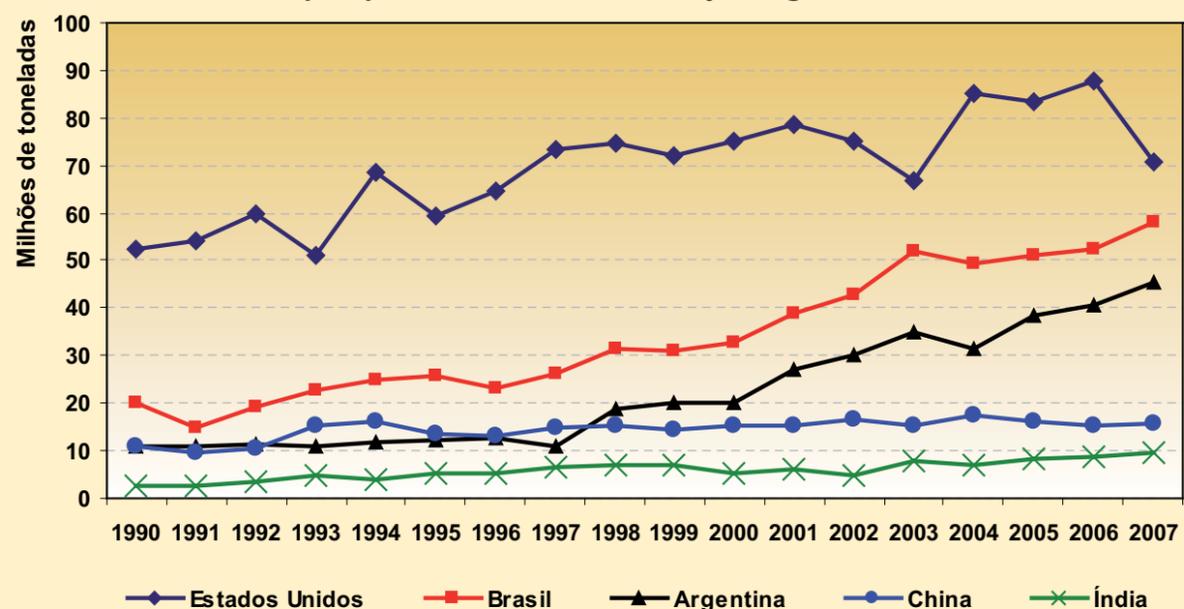
A produtividade média brasileira já é semelhante a dos Estados Unidos, com aproximadamente 2,8 toneladas por hectare, mas o Brasil conta com a possibilidade de expansão da área agricultável. Os Estados

Unidos, por sua vez, possuem uma menor disponibilidade de terras agricultáveis a serem utilizadas, necessitando converter áreas de outras culturas em plantações de soja, além de elevar a produtividade para permanecer à frente do Brasil.

Em 2007, a produção foi destinada em sua maior parte (53%) ao esmagamento. O restante da produção foi exportado diretamente como soja em grãos, com cerca de 25 milhões de toneladas vendidas ao exterior. A maior parte dos produtos do esmagamento, farelo de soja e óleo de soja, também foi exportada.

Gráfico 12.1

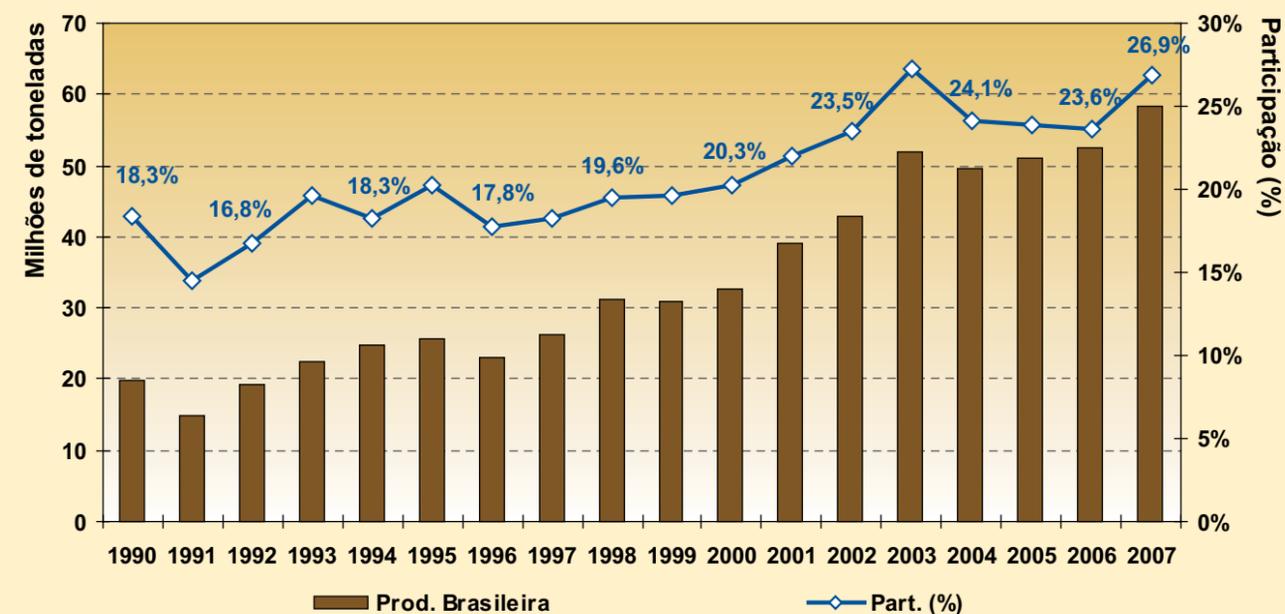
Principais produtores mundiais de soja em grãos (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 12.2

Produção brasileira de soja em grãos e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

12.1. Cotação da Soja

A cotação da soja atingiu um recorde histórico no ano de 2008, chegando a US\$ 625,2 por tonelada em junho. Para efeito de comparação, a cotação média do produto entre 1990 e 2008 foi de US\$ 266,9 por tonelada com um desvio padrão de US\$ 71,9. Assim, a cotação de junho de 2008 estava cerca de 5 desvios padrão superior à cotação média já informada.

Essa cotação teve origem principalmente num choque de oferta ocasionado pela redução da produção

americana. Na safra 2007/2008 a produção americana reduziu-se de cerca de 85 milhões de toneladas (média dos últimos três anos) para 70,3 milhões. A mudança na produção americana ocorreu em função, principalmente, do incentivo à produção de etanol de milho. Além dos fatores acima mencionados, outras variáveis também explicam as oscilações das cotações, como: crescimento da demanda dos países emergentes; aumento de custos de fertilizantes; desvalorização do dólar e especulação bursátil.

Gráfico 12.3

Preços Internacionais da Soja em Grãos (US\$/t)



Fonte: Banco Mundial

Gráfico 12.5

Preços Internacionais do Óleo de Soja (US\$/t)



Fonte: FMI

Gráfico 12.4

Preços Internacionais do Farelo de Soja (US\$/t)



Fonte: FMI

12.2. Exportações Brasileiras

Os altos preços poderão fazer com que as exportações brasileiras de soja em grão atinjam um patamar próximo de US\$ 10 bilhões em 2008. Esse fluxo é concentrado em dois grandes mercados, China e União Europeia, que detêm 83% de participação como destino das exportações brasileiras. Os principais importadores de soja em grão, em 2007, foram: China (10,07 milhões de toneladas); União Europeia (9,74 milhões de toneladas); Tailândia (918 mil toneladas); e Coreia (586 mil toneladas).

No farelo de soja, a União Europeia é o principal mercado importador, com aquisições de cerca de 70% do total vendido pelo Brasil. Já no óleo de soja, há diversificação maior dos mercados compradores: União Europeia (22,5% na quantidade exportada); China (18,5%); Irã (18,0%); e Índia (11,3%).

Tabela 12.1

Exportações Brasileiras do Complexo Soja						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Soja em Grão (SH 1201)						
China	1.716.921	7.157.546	2.431.569	10.769.167	2.831.861	10.071.882
União Europeia	2.620.436	10.985.644	2.271.256	9.935.501	2.746.753	9.726.693
Tailândia	146.310	632.068	172.033	767.080	278.934	918.057
Coreia, Rep.Sul	109.589	458.169	134.994	601.531	169.137	586.972
Irã, Rep. Isl. do	200.210	842.529	214.994	928.809	111.086	390.990
Demais	551.582	2.359.116	438.577	1.955.886	571.609	2.039.181
Total	5.345.047	22.435.071	5.663.424	24.957.973	6.709.381	23.733.775
Farelo de Soja (SH 230400+120810)						
União Europeia	2.026.069	10.261.188	1.615.485	8.255.497	2.095.916	8.806.905
Tailândia	204.751	1.011.656	247.166	1.208.194	206.395	832.683
Irã, Rep. Isl. do	31.686	163.897	109.629	592.678	176.995	776.869
Coreia, Rep.Sul	180.365	929.788	90.792	498.037	146.374	664.365
Indonésia	94.499	480.079	78.379	393.008	126.468	537.566
Demais	328.288	1.576.508	278.361	1.386.263	206.631	858.814
Total	2.865.658	14.423.116	2.419.813	12.333.678	2.958.778	12.477.203
Óleo de Soja (SH 150710+150790)						
União Europeia	118.121	253.542	462.577	869.094	401.690	527.850
China	169.186	365.531	113.564	234.622	318.343	433.754
Uruguai	354.215	765.558	347.132	692.501	290.876	420.855
Índia	201.763	433.529	106.813	225.050	182.970	264.207
Bangladesh	11.928	26.000	16.846	34.290	100.816	138.355
Demais	411.424	852.894	181.705	363.821	425.015	557.519
Total	1.266.638	2.697.054	1.228.638	2.419.378	1.719.710	2.342.541

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

12.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

12.3.1 - Soja em grãos

O comércio mundial de soja em grãos totalizou 71,4 milhões de toneladas em 2007. Desse montante, o Brasil foi responsável por 33,2%. A China é o maior importador mundial de soja em grãos com importa-

ções que corresponderam a 43,2% da quantidade comercializada mundialmente desse produto. A União Europeia é o segundo maior importador mundial respondendo por 21,3% das importações mundiais.

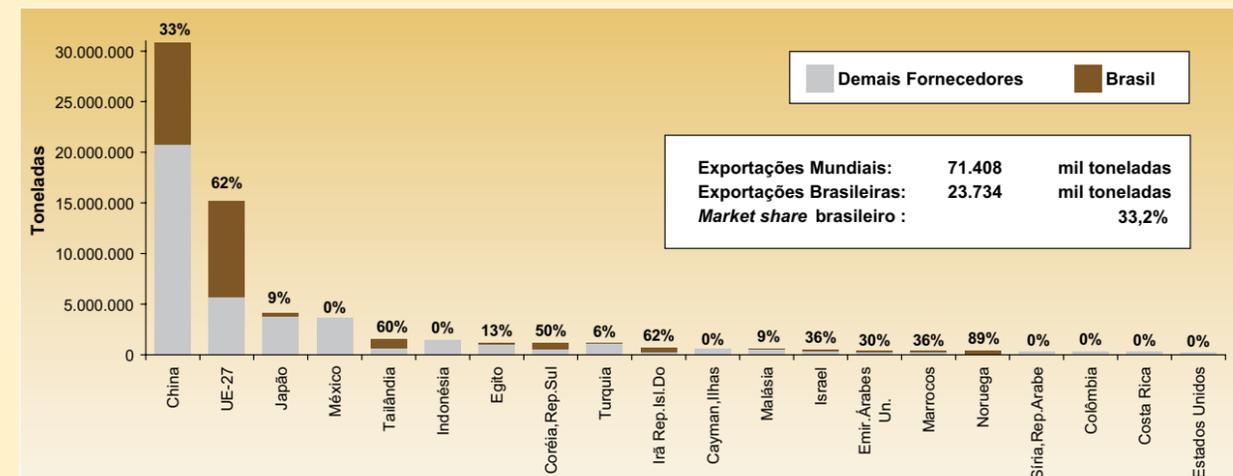
A participação brasileira nas importações da União Europeia e da China é de 62% e 33%, respectivamente. O gráfico abaixo contém os 20 (vinte) principais países importadores do produto e que importaram mais de 91% da soja comercializada. Percebe-se que, dentre os países listados, o Brasil apresenta par-

ticipação nula ou insignificante nas importações da Indonésia, México, Ilhas Cayman, Síria, Colômbia e Costa Rica. Além disso, a participação brasileira é menor do que o *market share* do país no mercado mundial (33,2%) nos seguintes mercados: Turquia (6%); Japão (9%); Malásia (9%); Egito (13%).

Gráfico 12.6

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
SOJA EM GRÃOS (SH 1201)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	10	-3	-5	-3	-2	1	38	-6	9	-7	1	-4	-1	204	-1	-3	42	-7	9	11
Do Brasil	13	-1	-11	-85	78	0	-	26	-1	2	-100	-6	-1	-	0	-1	0	0	0	-45

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir, Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003-2007, divide os países importadores de soja em grãos de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil no período e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média de elevação das vendas externas do Brasil deste produto – Síria, Costa Rica, Turquia e Estados Unidos.

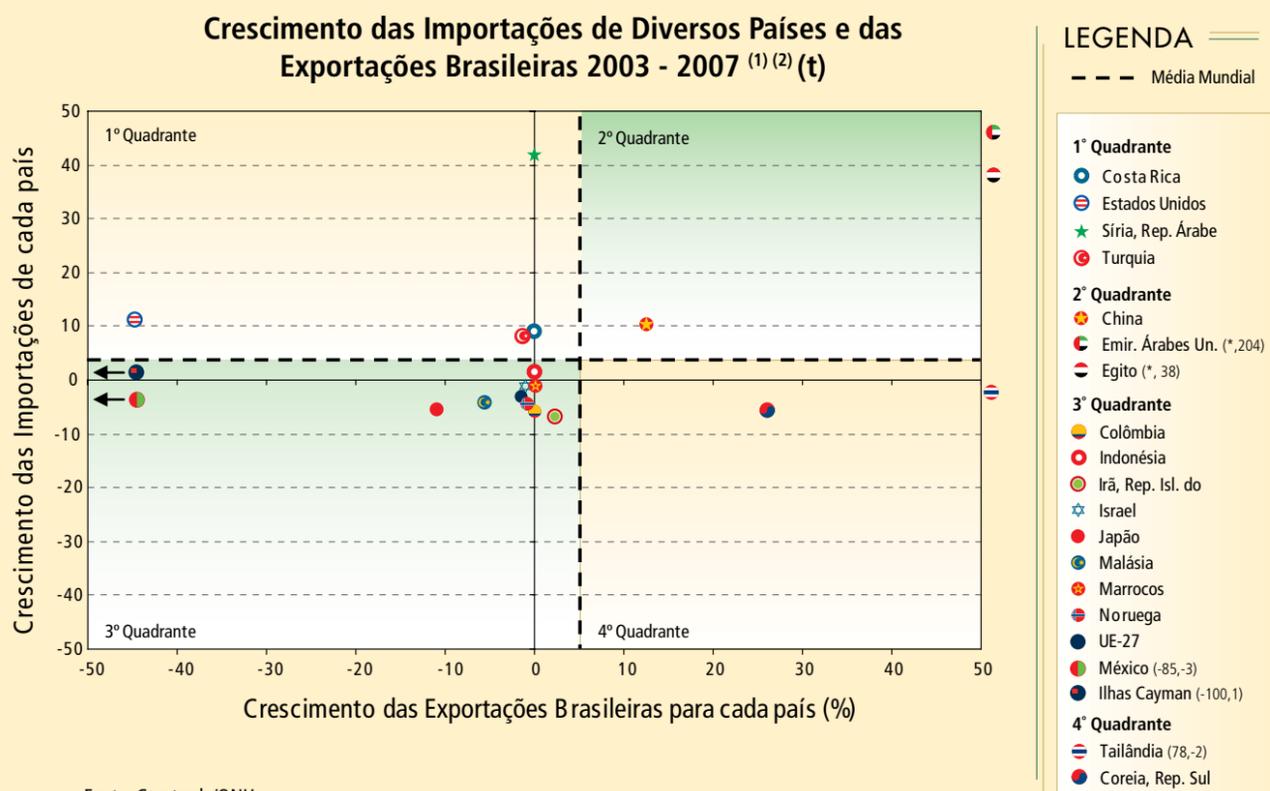
II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – China e Emirados Árabes;

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Ilhas Cayman, México, Indonésia, Marrocos, Israel, Noruega, União Europeia, Irã, Japão, Malásia e Colômbia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras do produto acima da média das próprias exportações brasileiras – Tailândia e Coreia do Sul.

Gráfico 12.7

SOJA EM GRÃOS (SH 1201)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

Os países que se encontram no quadrante 1 e 4 são os mais dinâmicos no sentido de expansão das compras externas do produto. Porém, deve-se avaliar o que ocorre com os mercados que estão no quadrante 1, pois, nessa posição, o mercado está aumentando as compras externas acima da média mundial, mas as exportações brasileiras não estão crescendo em ritmo significativo. É o caso do Síria, Turquia, Costa Rica e Estados Unidos.

Os Estados Unidos aparecem na 20ª posição dentre os vinte maiores importadores, adquirindo 275,7 mil toneladas. Ainda, embora haja o registro dessas compras, o país foi o maior exportador mundial de soja em grão em 2007, com vendas de 29,8 milhões de toneladas. Neste mesmo ano o Brasil vendeu 23,7 milhões de toneladas, ou 6,1 milhões de toneladas a menos que os Estados Unidos. Dessa forma, não há sentido falar no mercado americano como

oportunidade para as vendas brasileiras, embora o mesmo esteja enquadrado no 1º quadrante devido ao aumento no registro de aquisições.

Na prática, os Estados Unidos são os maiores fornecedores dos outros três países que se encontram no 1º quadrante. Vendem 100% de toda a soja em grão

adquirida na Costa Rica, 62% das aquisições da Síria e 40% das compras da Turquia. Não obstante tal fato, no maior mercado importador, que é a China, a participação americana chega a 37,5% das compras, enquanto o Brasil fica com 32,7%.

12.3.2 – Farelo de soja

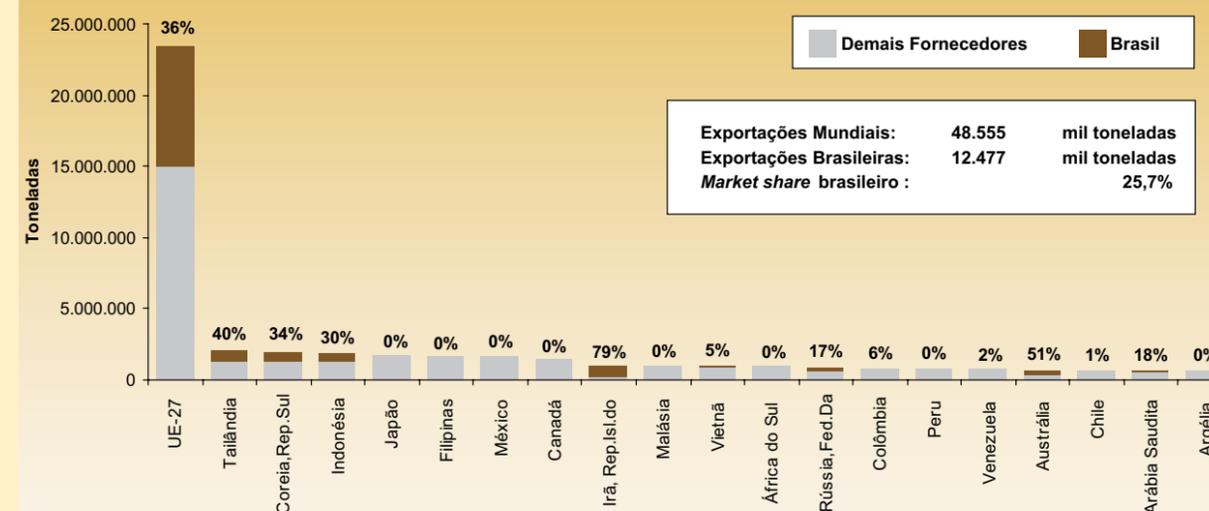
O comércio mundial de farelo de soja totalizou 48,5 milhões de toneladas em 2007. Desse montante, o Brasil foi responsável por 25,7%. A União Europeia é o maior importador mundial de farelo de soja, com importações que corresponderam a 48,4% da quan-

tidade comercializada mundialmente desse produto. Os demais importadores têm menor importância, respondendo individualmente por menos do que 4% das importações mundiais.

Gráfico 12.8

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2) FARELO DE SOJA (SH 120810+230400)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %

Do Mundo	3	2	7	-1	13	3	22	9	6	19	-2	21	26	17	8	1	18	15	8	9
Do Brasil	-3	9	-1	-6	-74	-100	-100	0	21	-100	-	-	72	-	0	-	820	-46	-32	0

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

A significativa participação brasileira no mercado mundial desse produto resulta de uma participação de 36% no mercado da União Europeia, 40% no mercado tailandês e 34% no mercado da Coreia do Sul, 30% na Indonésia; os quatro maiores importadores mundiais.

Em outros mercados relevantes dentre os dez principais importadores, a participação brasileira é reduzida ou nula: Japão (0%); Filipinas (0%); México (0%); Canadá (0%); Vietnã (5%); e Malásia (0%).

O gráfico a seguir divide os países importadores de farelo de soja de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil no período e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações dos mercados acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados abaixo da média de elevação das vendas externas do Brasil deste produto – México; Malásia; Chile; Japão; Arábia Saudita; Filipinas e União Europeia.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações dos mercados acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Argélia; Canadá; Peru; Coreia do Sul; Irã; Rússia; África do Sul; Austrália e Colômbia.

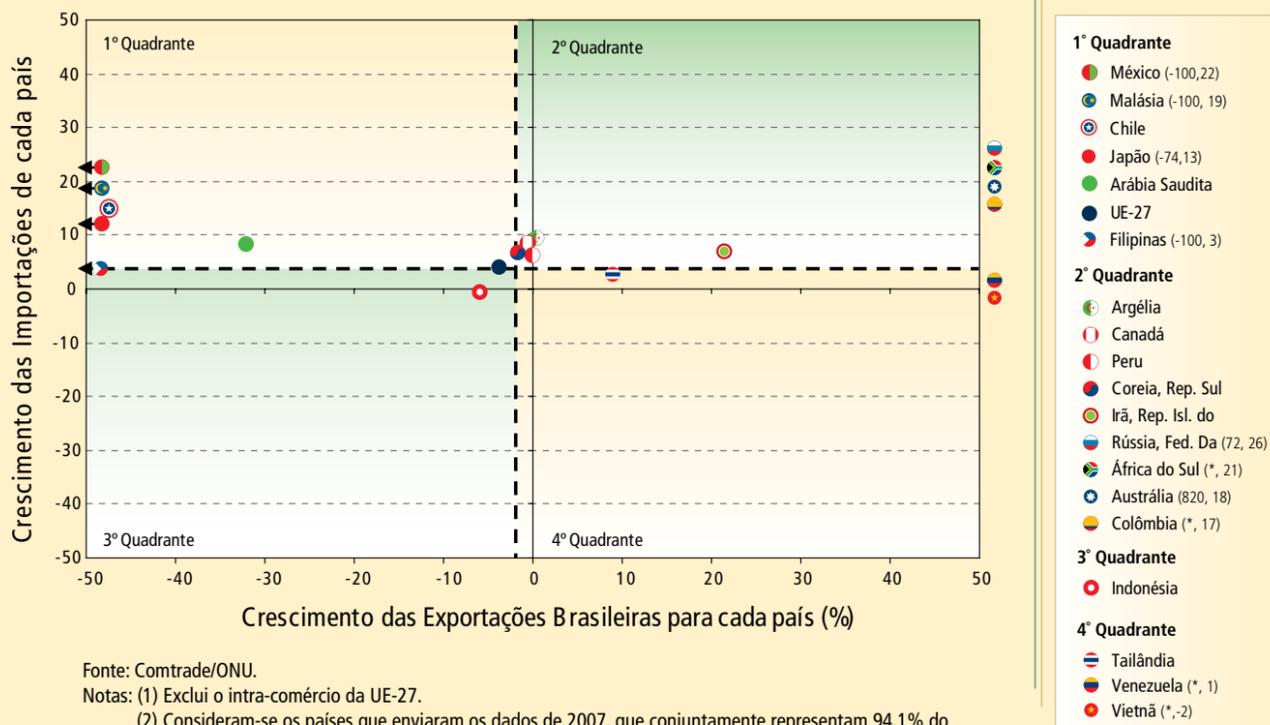
III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras do produto abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Indonésia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial do produto enquanto que as exportações brasileiras do produto para o mercado estão acima da média das próprias exportações brasileiras – Tailândia, Venezuela e Vietnã.

Gráfico 12.9

FARELO DE SOJA (SH 120810+230400)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 (1) (2) (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

12.3.3 – Óleo de soja

As exportações mundiais de óleo de soja totalizaram 10,5 milhões de toneladas em 2007. A participação brasileira nesse mercado alcançou 22,4%. Os principais compradores mundiais dos produtos foram China, Índia e União Europeia. Nos mercados da Índia e da União Europeia, o Brasil apresentou participação de 21% e 65%, respectivamente. No mercado chinês

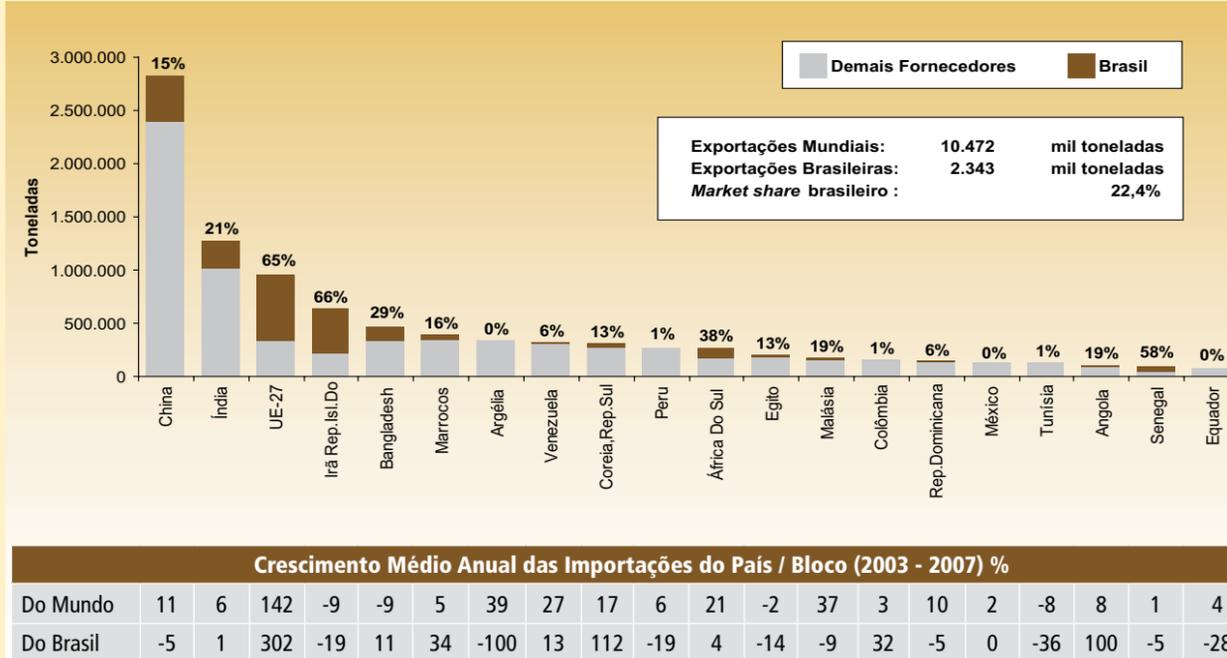
a participação brasileira foi de 15%, menor do que a participação no mercado mundial.

Outros importantes mercados nos quais foi significativa a participação brasileira foram: Irã (66%); Senegal (58%); África do Sul (38%); e Bangladesh (29%).

Gráfico 12.10

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial (1) (2)
ÓLEO DE SOJA EM BRUTO E REFINADO (SH 150710+150790)

2007



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de soja em grãos de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil no período e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações dos mercados acima da média de expansão do comércio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados abaixo da média de elevação das vendas externas do Brasil deste produto – Malásia, China, Peru, República Dominicana, Equador e Argélia.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações dos mercados acima da média de expansão do comércio

cio mundial do produto e crescimento das exportações brasileiras para os mercados também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Índia, África do Sul, Venezuela, União Europeia, Coreia do Sul, Marrocos e Angola.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras do produto abaixo da média de expansão do comércio mundial e das próprias exportações brasileiras – Senegal, Egito, Tunísia e Irã.

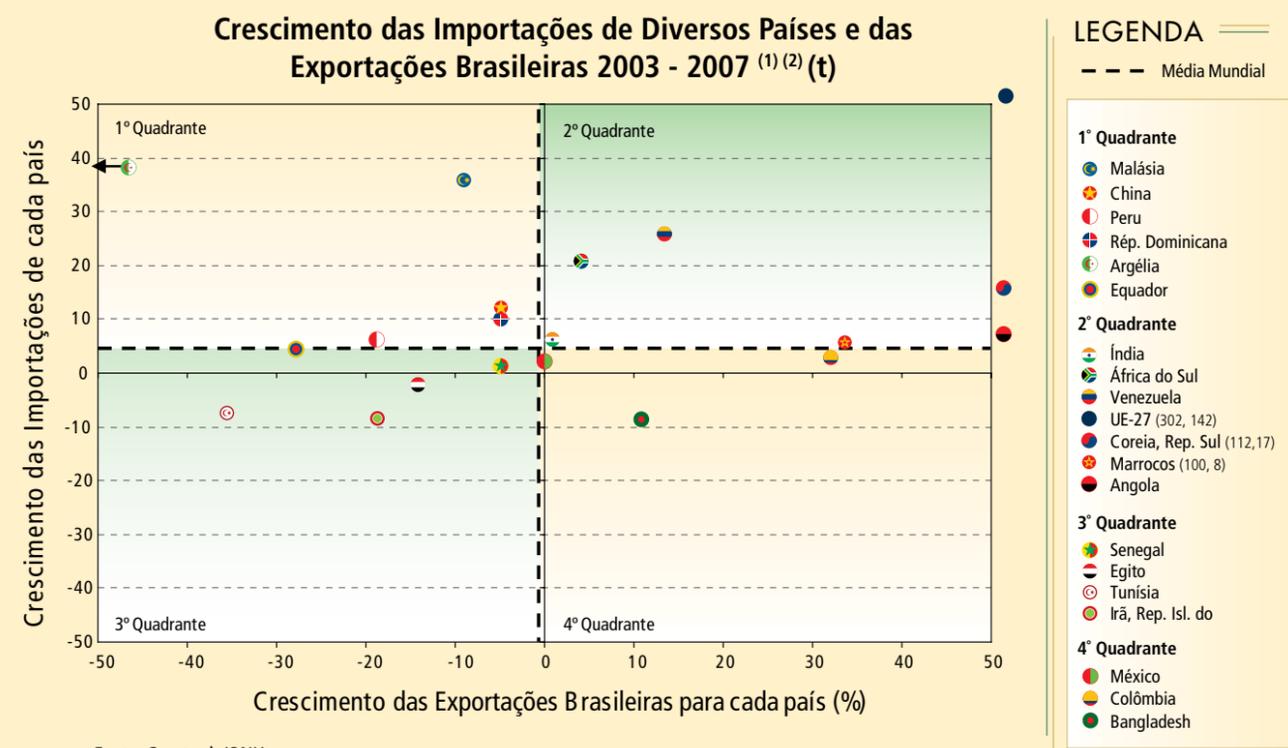
IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial do produto enquanto que as exportações brasileiras do produto para o mercado estão acima da média das próprias exportações brasileiras – México, Colômbia e Bangladesh.

se refere às importações de óleo de soja foram União Europeia, Argélia, Malásia, Venezuela, África do Sul, Coreia do Sul e China. No segundo quadrante dos gráficos estão os países cujas importações aumentaram mais que a média mundial e para os quais as exportações brasileiras cresceram acima da média. Observa-se que o Brasil aproveitou as oportunidades do mercado mundial, aumentando as exportações para os países mais dinâmicos: União Europeia, África do Sul, Venezuela, Coreia do Sul. As exportações brasileiras cresceram substancialmente para países menos dinâmicos, mas relevantes em relação ao volume importado, como Índia (segundo importador mundial) e Marrocos (sexto importador mundial). São exemplos de países dinâmicos para os quais as exportações brasileiras decresceram China (maior importador mundial), Argélia e Malásia, países localizados no 1º quadrante do gráfico.

No gráfico abaixo, percebe-se que no período de 2003 a 2007, os mercados mais dinâmicos no que

Gráfico 12.11

ÓLEO DE SOJA EM BRUTO E REFINADO (SH 150710+150790)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

**SUCO DE
LARANJA**

13. Suco de Laranja

Entre 1990 e 1997, a produção mundial de laranjas obteve grande crescimento, influenciada, principalmente, pela produção brasileira. Neste período, a produção global cresceu a uma taxa de 4,1% ao ano, atingindo, no último ano, o pico histórico de 65,7 milhões de toneladas. Entretanto, a partir de 1998, esta se estabilizou em torno da quantidade média de 62,4 milhões de toneladas, influenciada pela redução gradual da produção americana e pela estagnação da produção brasileira.

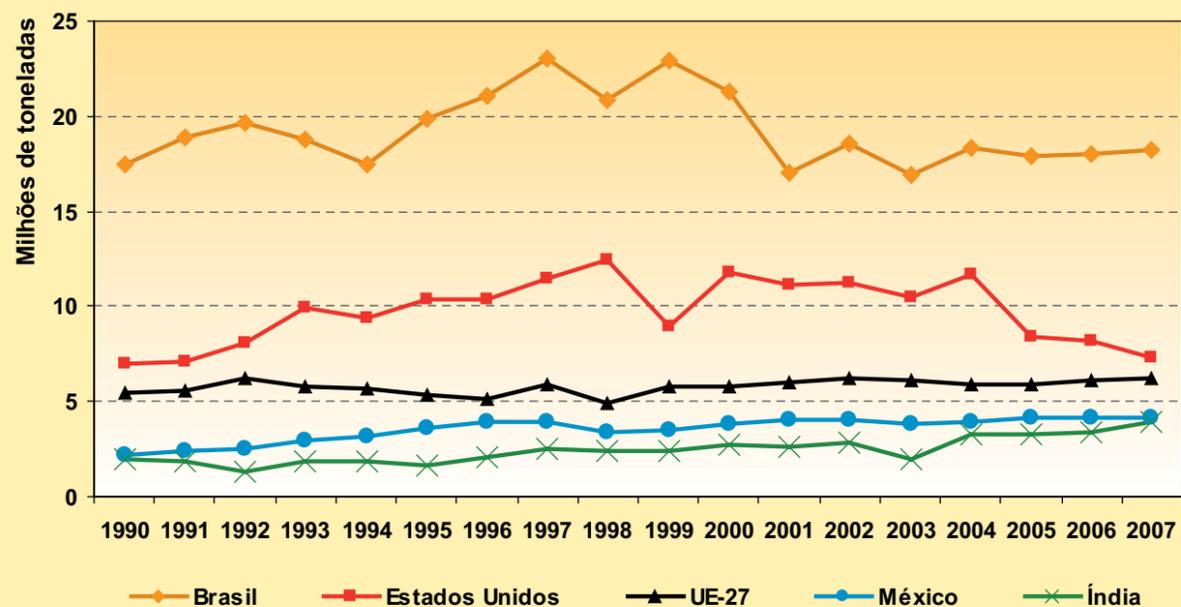
Em 2007, a produção brasileira de laranjas foi de 18,3 milhões de toneladas, levando o país a ocupar a primeira posição no ranking de produtores com 28,6% do total. Como na produção mundial, a pro-

dução do Brasil pode ser dividida em dois períodos: um compreendido entre 1990 e 1999, caracterizado por um grande crescimento; e outro de 1999 a 2007, no qual houve uma redução seguida de uma estagnação.

No que concerne ao processamento, cerca de 50% da produção mundial de laranjas é convertida em suco industrializado. No Brasil, dois terços da produção de laranjas é processada e convertida em suco. Dessa forma, estima-se que cerca de 11 milhões de toneladas de laranjas tenham sido processadas no Brasil em 2007 para esse fim, resultando em cerca de 2,2 milhões de toneladas de suco.

Gráfico 13.1

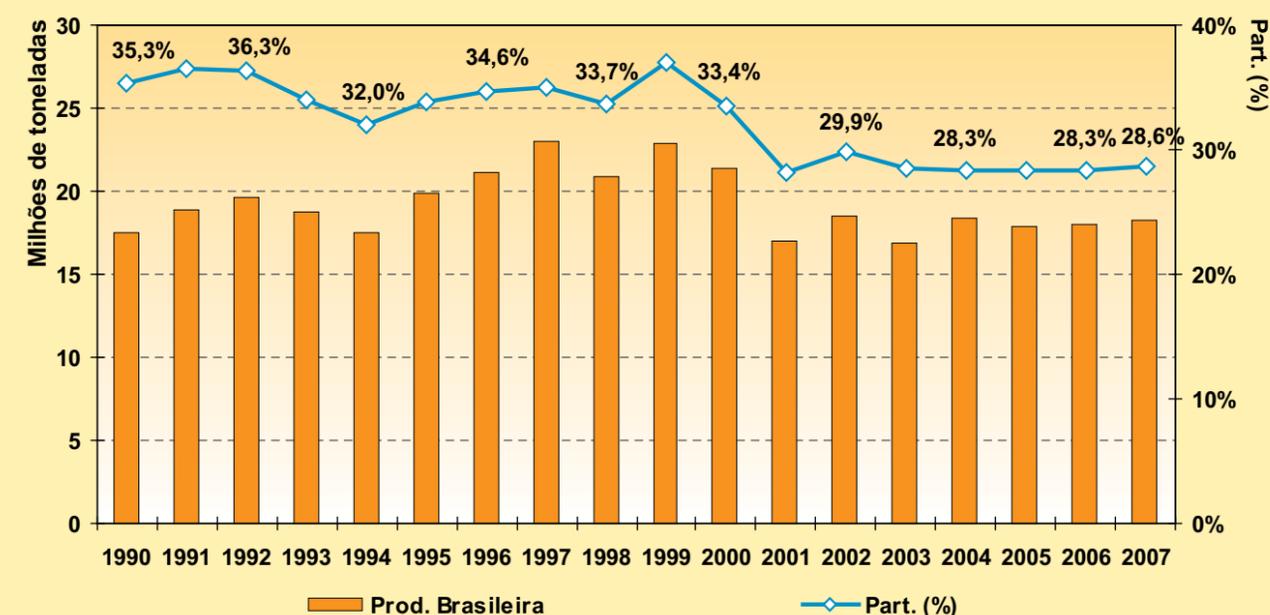
Principais produtores mundiais de laranjas (1990 - 2007)



Fonte: FAO/ ProdStat

Gráfico 13.2

Produção brasileira de laranjas e participação na produção mundial



Fonte: FAO/ ProdStat

13.1. Preços do Suco de Laranja

A elevação do preço médio das exportações brasileiras de suco de laranja nos últimos dois anos deu grande contribuição para o grande crescimento do valor exportado. Entre 2002 e 2005, o preço médio anual seguiu uma trajetória de queda, atingindo, em

2005, o menor patamar em mais de uma década (US\$ 625/ tonelada). Entretanto, a partir de 2006, este apresentou grande expansão, alcançando, em 2007, o preço recorde de US\$ 1.090/ tonelada.

13.2. Exportações Brasileiras

Em 2007, as exportações brasileiras de suco de laranja atingiram patamares recordes tanto para o valor quanto para a quantidade. Neste ano, as exportações deste produto foram de 2,1 milhões de toneladas, resultando em uma receita de US\$ 2,3

bilhões. Como mencionado, o crescimento em valor se deu, em grande parte, ao aumento dos preços médios nos dois últimos anos, o qual passou de US\$ 625 por tonelada, em 2005, para US\$ 1.090 por tonelada em 2007.

O principal importador do suco de laranja brasileiro é a União Europeia, cujas importações cresceram a uma média anual de 40% nos últimos três anos, atingindo, em 2007, o montante de US\$ 1,4 bilhão. Este mercado representou 62,4% de todo o valor exportado deste produto no ano. Outros destinos com grande participação foram os Estados Unidos (19,8%); o Japão (6,4%) e a Suíça (3,2%).

Tabela 13.1

Exportações Brasileiras de Suco de Laranja (SH 200911+200912+200919)						
	2005		2006		2007	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
União Europeia	717.958	1.222.157	934.022	1.188.263	1.406.207	1.316.334
Estados Unidos	178.620	270.273	235.715	301.432	445.142	501.649
Japão	74.594	89.656	83.578	73.908	143.766	84.880
Suíça	20.174	33.576	52.115	58.086	72.686	56.322
China	37.160	49.394	43.664	40.300	51.689	30.831
Demais	81.994	112.543	119.655	110.054	132.300	76.189
Total	1.110.500	1.777.600	1.468.749	1.772.043	2.251.790	2.066.205

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC
Elaboração: SRI/MAPA

13.3. Participação Brasileira no Comércio Mundial

Em 2007, as exportações mundiais de suco de laranja somaram 3,0 milhões de toneladas. Desse total, o Brasil participou com 67,8%, o que representou exportações de 2,1 milhões de toneladas. O gráfico abaixo contém os 20 (vinte) principais importadores de suco de laranja em 2007 e a participação brasileira, em quantidade, no respectivo mercado. Cabe ressaltar que 85,6% das importações mundiais deste produto são absorvidas por três mercados: Estados Unidos (45,0%), União Europeia (29,1%) e Canadá (11,5%).

Entre 2003 e 2007, as importações de suco de laranja dos Estados Unidos cresceram, em quantidade, a uma taxa média anual de 3,3%, atingindo, no último ano um patamar de 1,4 milhões de toneladas.

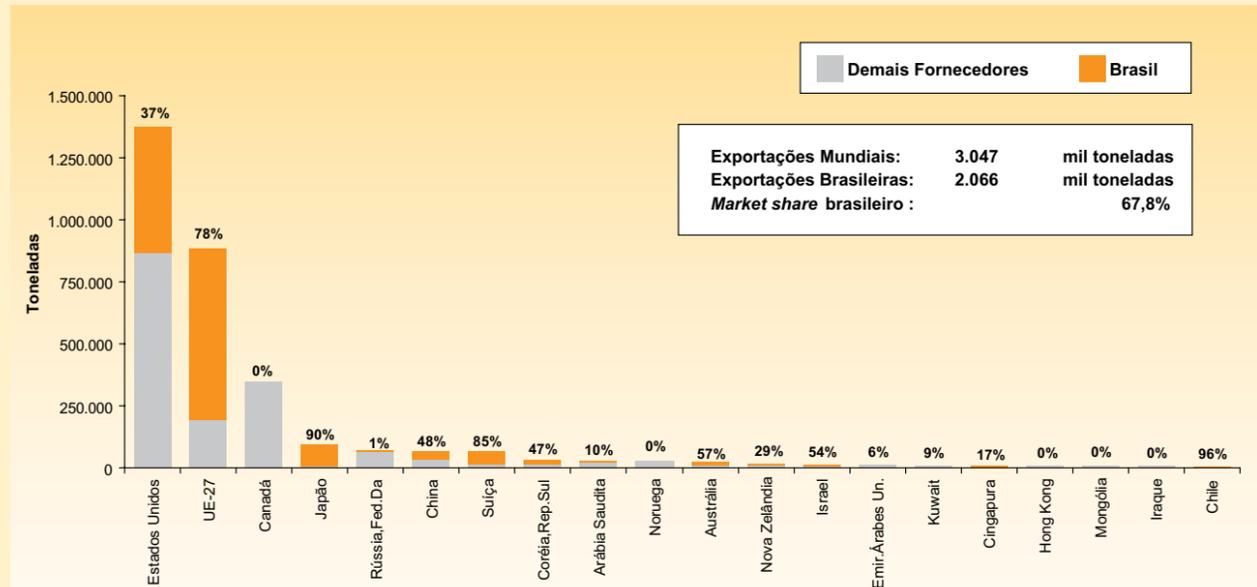
Uma vez que o produto brasileiro apresentou uma taxa de crescimento superior a das importações totais, o Brasil teve sua participação aumentada neste mercado em 12,2 pontos percentuais, passando de 24,8%, em 2003, para 37,1% em 2007.

No tocante a União Europeia, as importações de suco de laranja somaram 886,9 mil toneladas em 2007, dos quais 695,2 mil toneladas, ou 78,4%, tiveram o Brasil como origem. Entretanto, após um longo ciclo de crescimento, as aquisições europeias deste produto sofreram uma grande redução nos dois últimos anos. Após atingir o pico em 2005, com 1,3 milhões de toneladas, estas reduziram 25,6%, atingindo o mencionado patamar de 886,9 mil toneladas em 2007.

Gráfico 13.3

Inserção do Agronegócio Brasileiro no Mercado Mundial ^{(1) (2)}
SUCOS DE LARANJA (SH 200911 + 200912 + 200919)

2007



Crescimento Médio Anual das Importações do País / Bloco (2003 - 2007) %																				
Do Mundo	3	-7	9	1	8	5	13	-5	0	10	1	5	4	31	1	-5	-2	107	44	9
Do Brasil	14	-7	-51	2	-	10	40	-18	26	-10	-6	11	9	-	-	-11	-64	0	0	14

Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

O gráfico a seguir divide os países importadores de suco de laranja de acordo com o crescimento médio da quantidade importada do Brasil entre 2003 e 2007 e do aumento médio da quantidade importada do produto no mundo para o mesmo período.

O aumento médio das exportações brasileiras (linha vertical tracejada) e o aumento médio das importações mundiais (linha horizontal tracejada) dividem o gráfico em quatro quadrantes, a saber:

I) 1º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras abaixo da média das vendas externas do Brasil – Mongólia, Canadá, Noruega, e Iraque.

II) 2º Quadrante: crescimento das importações acima da média de expansão do comércio mundial e crescimento das exportações brasileiras também acima da média de elevação das vendas externas brasileiras – Emirados Árabes Unidos, Suíça, Federação da Rússia e Chile.

III) 3º Quadrante: crescimento das importações mundiais e das exportações brasileiras abaixo da média de expansão do comércio mundial e das exportações brasileiras – Austrália, Japão, Hong Kong, Coreia do Sul, Cingapura e União Europeia.

IV) 4º Quadrante: crescimento das importações mundiais abaixo da média de expansão do comércio mundial e exportações brasileiras acima da média

das exportações brasileiras – Nova Zelândia, China, Estados Unidos, Israel, Arábia Saudita e Kuwait.

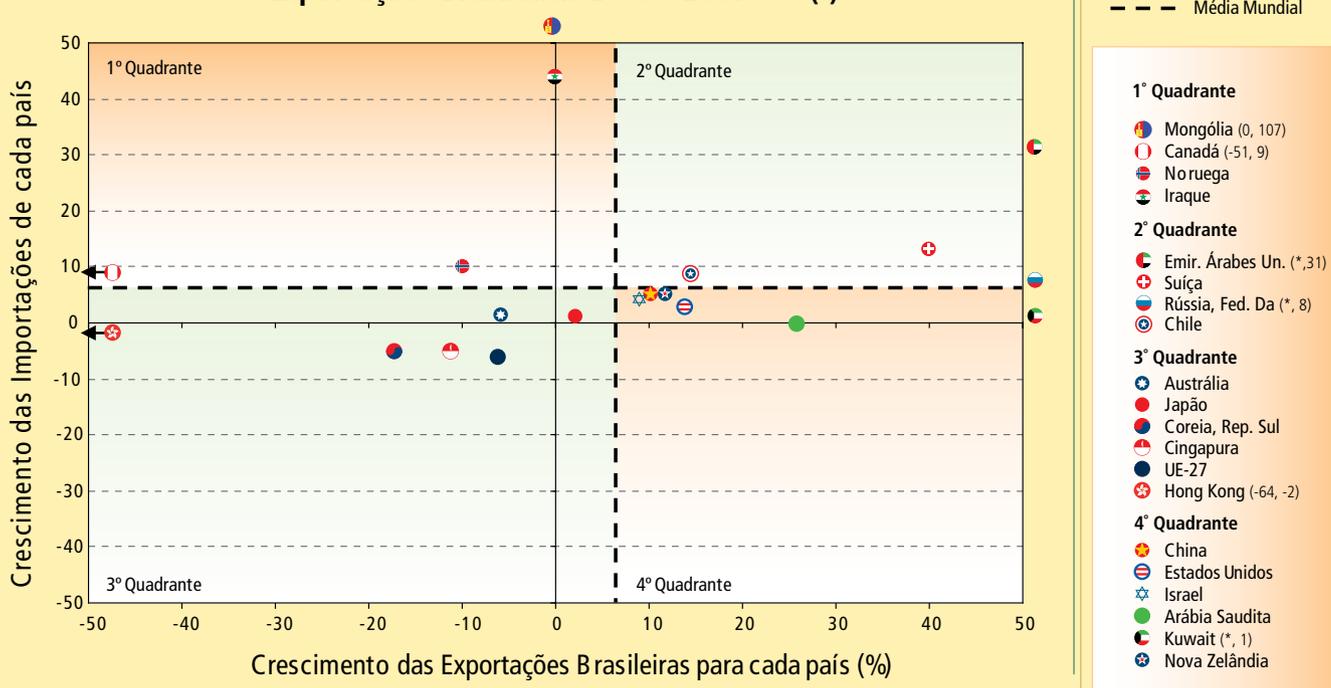
Os países que se encontram no 2º quadrante são os mais dinâmicos no que tange à expansão das compras externas de suco de laranja. Porém, deve-se avaliar o que ocorre nos mercados que estão no 1º quadrante, uma vez que estes estão aumentando suas importações num ritmo superior às importações mundiais, sem, no entanto, aumentar o ritmo das aquisições do produto brasileiro.

Dentre os países que se encontram neste quadrante, destaca-se o Canadá, terceiro maior importador mundial do produto. Entre 2003 e 2007, as exportações brasileiras de suco de laranja destinadas ao mercado canadense reduziram, em quantidade, a uma taxa média anual de 50,7%, passando de um patamar de 2,9 mil toneladas, em 2003, para o de 169,7 toneladas em 2007. Por outro lado, as importações totais deste mercado cresceram 9,3% ao ano no mesmo período, tornando a participação brasileira inferior a 0,1% neste mercado.

Gráfico 13.4

SUCOS DE LARANJA (SH 200911 + 200912 + 200919)

Crescimento das Importações de Diversos Países e das Exportações Brasileiras 2003 - 2007 ⁽¹⁾ ⁽²⁾ (t)



Fonte: Comtrade/ONU.

Notas: (1) Exclui o intra-comércio da UE-27.

(2) Consideram-se os países que enviaram os dados de 2007, que conjuntamente representam 94,1% do comércio mundial até 21/10/2008.

* Não houve exportações para o país em 2003

PRODUTOS DO
AGRONEGÓCIO

ISBN 978-85-99851-52-4



PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO
AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO

PRODUTOS

AGRONEGÓCIO

AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO

AGRONEGÓCIO

AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO

PRODUTOS DO

AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO

PRODUTOS DO
AGRONEGÓCIO

AGRONEGÓCIO

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



PRODUTOS DO
AGRONEGÓCIO

PRODUTOS DO